

Diário de Lisboa

FUNDADOR JOAQUIM MANSO DIRECTOR A RUELLA RAMOS

SEGUNDA-FEIRA, 28 DE AGOSTO DE 1972 — N.º 17846 — ANO 52.º — PREÇO 1\$50



GUINÉ

a guerra camuflada

Em Bissau e em muitas cidades e vilas da Guiné, as populações vivem em teatro de operações, mas a guerra passa quase despercebida. O DL enviou ali o seu repórter Avelino Rodrigues para que avaliasse as circunstâncias muito especiais desta guerra, que se trava cada vez mais entre a «Força

Africana» criada pelo general Spínola (foto) e o PAIGC. Durante duas semanas, o repórter observou de perto esta guerra camuflada e os processos utilizados pelo comandante-chefe na sua política de aproximação das populações. (Pags. 12/13)

AQUI HAVIA UM PINHEIRAL

O fogo nas florestas do Vouga apagou-se. Arderam milhões de árvores, os prejuízos materiais e humanos são incalculáveis. Trata-se agora, como diria Pombal, de «enterrar os mortos e cuidar dos vivos». Ou seja: fazer um exame de consciência e preparar melhor o futuro. Mas há também o passado.

Armando Pereira da Silva, enviado especial do «DL» à região, fez um levantamento local destes problemas, iniciando-se hoje a publicação da sua série de reportagens. (P. 24)

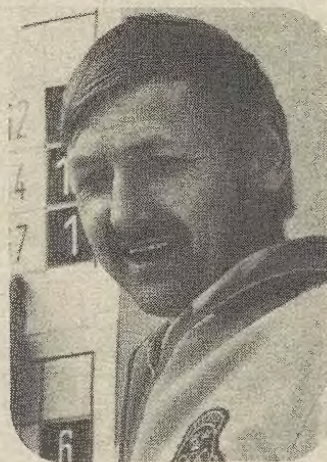


Anos de trabalho destruídos num ápice: o preço da imprevidência

MUNIQUE/72

Primeiras medalhas

O sueco Ragnar Skanaaker (telefoto UPI/Telimprensa/DL) ganhou a primeira medalha de ouro das Olimpíadas/72, em tiro à pistola. A outra medalha de ouro do primeiro dia de provas foi para o polonês Zygmunt Smalcerz, na categoria «moscas» de halterofilismo. As restantes medalhas, quatro de prata e bronze, foram conquistadas pela Hungria, Roménia e Áustria. Hoje de manhã disputaram-se importantes provas de natação, caindo vários recordes mundiais. O DL está presente nestas Olimpíadas através do seu enviado especial Neves de Sousa. (Mais noticiário e telefotos em «DL/Desportos»)



De pai para filho



Joaquim Agostinho foi, como se esperava, vencedor tranquilo e incontestado da Volta a Portugal em Bicicleta. Em Alvalade, meta final, ofereceu a vitória a seu filho. (Reportagem em «DL/Desportos»)

RESUMO

- 1) O presidente Nixon espera um segundo mandato em que não haverá guerra no Vietname, mas em que as relações com os aliados poderiam ser um dos problemas mais sérios do governo americano, segundo afirmou numa entrevista que concedeu à «Newsweek».
- 2) Peron declarou em San Sebastian, que considerava «totalmente ilegal e anti constitucional» o prazo que o general Lanusse lhe impôs para regressar à Argentina.
- 3) René Hardy regressou a Lima decepcionado por não ter conseguido encontrar, em La Paz, Klaus Barbie, antigo chefe da Gestapo em Lyon, que o acusa de ter entregue Jean Moulin aos alemães.
- 4) O presidente Sadat anunciou no Parlamento que «em 1 de Setembro haveria uma importante iniciativa para a paz no Médio Oriente».

HOJE: 32 PAGINAS





DL VIDA NACIONAL

PROF. MARCELLO CAETANO AO "GLOBO"

"ENCONTROU-SE EM PORTUGAL UM SISTEMA DE GOVERNO ADEQUADO ÀS CONDIÇÕES NACIONAIS"

RIO DE JANEIRO, 28 (ANI) — Com título a toda a largura da primeira página — «Abertas ao Brasil as portas de Portugal (Europa e África)» — o vespertino «O Globo» publica uma entrevista concedida pelo prof. Marcelo Caetano e ilustrada com uma fotografia do Presidente do Conselho português.

Em substituição, esta frase: «Há um largo campo para a cooperação comercial entre Brasileiros e Portugueses».

«As portas de Portugal metropolitano e ultramarino — comenta o jornal — estão abertas ao Brasil, como foi constatado pelos industriais brasileiros que participaram da Feira Agrícola, Comercial e Industrial (FACIM) de Lourenço Marques.

«O acordo comercial feito com a comunidade económica europeia colocou Portugal numa zona livre e permite transacções comerciais com outras nações, entre as quais o Brasil».

«A primeira pergunta do jornal — «Portugal atravessa largo período de estabilidade política. Que factores determinaram tal estabilidade?» — respondeu o prof. Marcelo Caetano:

«A estabilidade política de que fala só pode, quanto a mim, ter uma explicação: encontrou-se em Portugal um sistema de governo adequado às condições nacionais. Nesse sistema, reduziu-se ao mínimo o papel das ambições pessoais, das questões particulares, das rixas de grupos partidários, para se dar a prioridade devida aos interesses gerais. Os governantes dedicam-se exclusivamente a servir o país e o povo reconhece que assim é».

Noutro ponto, o chefe do Governo falou sobre a evolução da economia portuguesa, as principais realizações nas províncias ultramarinas, nos sectores económico e cultural, para afirmar:

«Grandes aproveitamentos hidroeléctricos apoiam este desenvolvimento, alguns deles também utilizados para a rega. Agora está em curso o grandioso aproveitamento do rio Cunene, no limite sul do Estado da Angola, que terá consequências extraordinárias na produtividade da região e no bem-estar das populações. Por sinal os inimigos de Portugal atacam esta obra. Simultaneamente com a de Cabora Bassa em Moçambique... são «crimes» de Portugal.

«A estupidez humana chega aí. Se nada fizéssemos no Ultramar, seríamos criminosos por omissão. Como trabalhamos pelo progresso das regiões, somos criminosos também».

«A campanha contra a realização de Cabora Bassa, aliás, foi orquestrada em todo o mundo com requintes de idiotismo e de maldade».

«Porque é que os inimigos de Portugal atacam esta

obra, digna, em qualquer parte, de admiração e louvor? — prosseguiu o Chefe do Governo português — É que, dizem, consolida a presença portuguesa em Moçambique. E, então, vá de ameaçar as obras com actos de terrorismo, até agora sem resultado, e de inventar toda a espécie de acusações, desde a de que poluem o ambiente até à de que afectam as populações — que, como sucede em todas as obras deste género, tiveram de ser transferidas das suas povoações, situadas nos terrenos a inundar, para aldeamentos onde encontram melhores casas e terras ao seu dispor».

O professor Marcelo Caetano falou ainda da posição de Portugal em face do Mercado Comum e de outros temas de actualidade, para no fim, se referir à fase, actual da Comunidade Luso-Brasileira:

«Passamos da fase retórica a uma fase de realizações, que sempre desejel e repetidamente preconizei, sobretudo por ocasião da minha visita ao Brasil em 1969. Tenho, no Governo, constantemente incitado à acção. Ainda não chegámos à meta, mas nunca se tinha ido tão longe. Vamos progredindo: É preciso não parar».

NÃO FOI AINDA ENCONTRADO O NÁUFRAGO DA FOZ DO ARELHO

Continua sem aparecer o corpo do terceiro naufrago da pequena lancha a motor que ontem, na Foz do Arelho, foi arastada para o mar e se virou, atirando para o fundo com os seus três ocupantes.

Os esforços feitos por um grupo de socorro constituído pelos banhistas conseguiram recuperar os corpos de duas das vítimas, Ermelinda Conceição Cartaxo, de 62 anos, mulher do proprietário do barco e a sua sobrinha que com eles vivia, Maria

da Nazaré Rodrigues da Silva, de 45 anos, solteira. O corpo de Francisco Vasco Cartaxo, de 55 anos, comerciante, continua sem aparecer apesar das buscas que desde ontem prosseguem uma lancha salva-vidas do porto de Peniche e dois helicópteros da base de Tancos.

Os três sinistrados passeavam na lagoa (cerca das 10 horas da manhã) tendo a embarcação sido arastada para o mar devido à forte corrente da maré vazante.



MARIA MANUELA DE MOURA AMARO MOREIRA RODRIGUES FALECEU

PARTICIPAÇÃO E MISSA DE 7.º DIA

Hélder Fernando Moreira Rodrigues, Suzana Rute Amaro Moreira Rodrigues, Patrícia Carla Amaro Moreira Rodrigues, pais, irmãos, sogros, cunhados e demais família participam o seu falecimento ocorrido no passado dia 22 e que, amanhã, dia 29, pelas 19 horas na Capela da Sagrada Família (ao Bairro de Caselas) será rezada missa pelo eterno descanso da Alma de sua muito querida mulher, mãe, filha, irmã, nora, cunhada e parente, agradecendo desde já a todos quantos se dignarem assistir a este piedoso acto.

P. N. A. M.

AGÊNCIA MAGNO — Tel. 534167

DESPISTE DE UM AUTOCARRO

SEIS MORTOS E 41 FERIDOS

Seis mortos e mais de quarenta feridos foi o resultado dum acidente de viação ocorrido ontem, às 22 e 30, no lugar de Ribeirão, entre Castelo de Bode e Constância.

Um autocarro da «Auto-Transporte» do Fundão, transportando 47 excursionistas de Boidobra (Covilhã), os quais regressavam do seu passeio anual, perdeu a direcção e precipitou-se numa ribanceira de 10 metros. Desconhecem-se os motivos do desastre.

Um dos passageiros, o sr. Alberto Alves Júnior, conseguiu subir até à estrada, pedindo socorro a um automobilista que passava e que se dirigiu a Constância comunicando o facto, enquanto os outros 46 ocupantes e o condutor se contorciam entre os destroços do autocarro.

Corporações dos bombeiros de Constância, Santarém, Tomar, Entroncamento, Chamusca e Abrantes e os Sapadores do Regimento de Pára-Quedistas dirigiram-se para o local, encontrando já mortos dois passageiros. Uma grua do Regimento de Pára-Quedistas de Tancos, depois de retirados os feridos para os hospitais da região, conseguiu içar para a estrada o autocarro, operação que terminou às três da manhã.

Para o Hospital de Tomar foram transportados sete feridos, um dos quais de nome João Vaz de Matos, chegou já morto. Depois dos primeiros socorros ficaram quatro internados, um deles em estado grave. No Hospital de Constância ficaram internados sete feridos, todos sem gravidade. Outros dez foram transportados para o Hospital do Entroncamento e mais catorze para o Hospital de Abrantes. Entre estes, duas mulheres que chegaram já mortas.

O grupo de excursionistas era constituído por operários da indústria têxtil da Covilhã com várias pessoas de família.

NOVO FUNCIONÁRIO DO MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

O sr. José Joaquim Paulo Salgado foi nomeado técnico auxiliar de programação de 1.ª classe do quadro único do pessoal dirigente e técnico do Ministério da Educação Nacional. O recém-nomeado, que durante 27 anos exerceu funções na Inspeção Geral de Actividades Económicas (anteriormente, na Intendência Geral dos Abastecimentos) chefiava ultimamente a secção de expediente e arquivo daquele organismo.

A margem da função pública, o sr. José Paulo Salgado é colaborador activo da instalação dos Serviços Sociais dos Ministérios das Finanças e da Economia e dirigente de várias associações, entre elas a Sociedade Cooperativa Piedense.

PERTO DE ESTREMOZ:

CRIME OU SUICÍDIO

Continua sem alterações o estado de saúde do agente técnico de engenharia José Baptista Andrade, de 49 anos, casado, residente em Évora, encontrado dentro dum automóvel, no sítio da Glória, perto de Estremoz, com três tiros no corpo e uma pistola caída no banco ao seu lado. Entretanto, naquela cidade, a GNR continua as suas investigações, já que não foi posta de parte a hipótese de crime.

Na verdade é estranho que um indivíduo que tente suicidar-se consiga dar três tiros em si próprio, e é consequência dessa estranheza que correm, tanto naquela cidade como em Évora, as mais desconhecidas opiniões. No entanto, neste momento, a GNR não tem quaisquer elementos que permitam

INGLÊS: LIVRO ÚNICO

A 4.ª Secção da Junta Nacional da Educação emitiu o parecer de que a selecta de inglês «Great Britain and the USA: past and present» da autoria de Laura Costa Dias de Figueiredo e António Leitão de Figueiredo, para o 3.º ciclo, pode ser aprovada como livro único.

VITRINES CONGELADORAS

COM TEMPERATURA ATÉ 20 GRAUS NEGATIVOS. PRÓPRIAS PARA PEIXE OU LEGUMES. MUITO MODERNAS. BONS PREÇOS

NOVIMPORTA

Centro Comercial de Importação, Lda.
Estrada da Luz, 173 A a D — Tel.: 78 26 94
LISBOA



Urânio enriquecido

Após forte pressão da Comissão de Bruxelas e dos outros membros da Comunidade, a França retirou a sua oposição às alterações ao

acordo nos termos do qual os Seis adquirem urânio enriquecido aos Estados Unidos.

A resolução foi tomada depois de o vice-presidente da Comissão responsável pelo abastecimento de matéria-prima ao Euratómo ter avisado os Governos membros que quatro dos reactores nucleares da Comunidade corriam o risco de ficar sem combustível em princípios de Junho, caso as negociações em curso não tivessem uma conclusão satisfatória antes de finais de Maio. Assim, apoiado pelos restantes países membros decidiu apelar para a França no sentido de esta deixar de bloquear o progresso das conversações.

As discussões com Washington tinham por objectivo tentar melhorar algumas das condições do acordo entre os Estados Unidos e o Euratómo. Mais concretamente, os países do Euratómo tentam elevar o montante máximo anual de urânio enriquecido que actualmente é fornecido pelos Estados Unidos (215 000 kg) e melhorar as condições de entrega. Um dos motivos que está na base deste pedido de alteração das condições foi a grande subida de preços fixada pelos americanos para os combustíveis, que no ano passado atingiu 28 por cento. No entanto, a França opusera-se a qualquer modificação do acordo, alegando que isso envolveria a negociação de um acordo completamente novo, que impediria a Comunidade de alterar no futuro as suas políticas de abastecimento.

A verdade, porém, é que o Governo francês pretende ficar livre para poder importar e reexportar urânio enriquecido de outros países — a União Soviética, por exemplo —, e esperar também que nos próximos anos a sua nova unidade de Pierrelatte esteja em condições de abastecer em urânio enriquecido uma proporção cada vez maior do mercado da Comunidade. Por outro lado, há a considerar que, enquanto as reservas de alguns dos outros países do Euratómo vão começando a ser insuficientes, as da França são bastantes para satisfazer as suas necessidades até 1978.

Todavia, após um longo período de resistência, a França acabou por aceder a que as negociações prosseguissem, parecendo ter concordado em que a introdução de modificações no acordo com os Estados Unidos não significava necessariamente que mais tarde não se viessem a entabular novas negociações.

Banco Italo-Árabe

Nos termos de um acordo recentemente celebrado na sede do Banco di Roma — grupo RIRI (Instituto para a Reconstrução Industrial) — foi criada a União de Banques Árabes e Europeus — UBAE (Itália) SPA, com o capital de 5 mil milhões de liras.

No capital do novo banco participaram a União de Banques Árabes e Europeus — UBAE (51 por cento) e o Banco di Roma em conjunto com diversos grupos industriais e financeiros (49 por cento).

Ordenadores espanhóis

Foi recentemente constituída em Madrid a Companhia Española de Ordenadores y Sistemas, SA (CEOS), com o capital de 15 milhões de pesetas, que se dedicará à montagem e comercialização de ordenadores electrónicos.

Trata-se da primeira empresa espanhola do ramo na qual não há qualquer participação de capital estrangeiro. As peças a utilizar na montagem dos ordenadores serão importadas de diversos países.

Ora, esse aparelho legal já vai tardando, e, tal como acima dissemos, não é bom para ninguém fazer tardar demasiado o tarde...

Exclusivo "Le Monde" /DL

A POLÍTICA segundo Shakespeare

Nunca o melhor dos planos consegue abolir o acaso. A conspiração de Oufkir inspirava-se na técnica do crime perfeito — como disse o rei; mas Oufkir não podia supor que o aviador encarregado do ataque ao avião real levantaria voo com alguns minutos de atraso; que Hassan teria presença de espírito para mandar anunciar à torre de «controle» que estava ferido; e, por fim, que o piloto do Boeing conseguiria pousar sem maiores rasgos na fuselagem, e dois dos três reactores avariados. O chefe dos exércitos marroquinos morreu por se ter esquecido de que nos filmes de Hitchcock o culpado e sempre desmascarado, e que não tem conta, ao longo deste século, os atentados perfeitamente montados e que falharam. Hitler só foi salvo em 1944 porque um dos seus oficiais, sentindo contra o pé a pasta onde Stauffenberg colocara a bomba destinada a matá-lo, a empurrou automaticamente, afastando-a assim um pouco mais. E a uma sucessão de milagres que o rei Hussein e o Xá do Irão devem estar ainda vivos. E, no Petit-Clamart, a lógica «politécnica» de Bastien-Thiry não dava a De Gaulle nenhuma oportunidade de escapar...

De Abdallah da Jordânia aos irmãos Kennedy, os exemplos em sentido contrário não faltam, para mostrar que os «barakás» não funcionam com toda a gente. Oufkir teria perfeitamente podido vencer. Neste momento presidiria piedosamente, no meio de um cortejo de chefes de Estado, ao funeral do seu rei, pressupostamente morto num desastre de aviação. Ninguém poria em dúvida a sinceridade da sua dor. Talvez quisesse espiritualmente levantasse aqui o almejo a hipótese de que ele teria podido representar um papel no desaparecimento do seu senhor: por falta de provas não o tomariam a sério. Decididamente falta ainda fazer muita coisa para que a história se torne, como queria Estaline, uma ciência tão exacta como a física, para que o espírito humano possa penetrar-lhe os segredos e dominar-lhe as leis.

Mas terá a história outra lei, desde a Idade da Pedra do que a do acaso do que a da luta pelo poder, conduzida com tanto mais dura obstinação quanto aquele que o detém e aquele que a ele aspira, sabem ambos que o tempo lhes está contado? *Só a morte ganha* — respondeu abruptamente Estaline a De Gaulle, que o felicitava, em Maio de 1944, pelas suas vitórias. O general citava muitas vezes esta terrível frase, bem no estilo do despota, cuja tortuosa personalidade o havia apavorado e seduzido, ao mesmo tempo.

Toda a gente anda a empregar, a propósito de Marrocos, o termo de «drama shakespeariano». Mas a História foi sempre mais ou menos shakespeariana. Estaline, precisamente, estava bem convencido disso, quando mandava representar só para si cenas do «Rei Lear», pelo grande actor Mikheïlov — antes de o mandar assassinar pelos seus esbirros. O medo e a obsessão haviam-lhe dado volta ao cérebro como ao do seu sombrio heroi. Quanto a De Gaulle durante a crise de Maio de 1968, tinha na mesa de cabeceira as obras do autor do «Otel».

A personalidade de Hassan II só de muito longe pode evocar a desse outro mouro, e também, que se saiba, não há nenhuma Desdémona no meio das tempestades que agitam o reino. Mas há algo do «honesto» Yago nesse Oufkir que havia meses meditava, na sombra, o assassinio daquele que lhes dera a sua inteira confiança, e não teria hesitado em provocar, para alcançar os seus fins, ao mesmo tempo que a morte do soberano, a de dezenas de inocentes passageiros.

De uma ponta a outra desse mundo árabe que entrou na era dos foguetes antes de ter saído da era dos punhais, não têm conta as traições semelhantes à de Oufkir. Será necessário recordar a do marechal Amer, braço direito de Nasser, preso no momento em que a «depó-lo» e cujo suicídio, também este, fica sujeito a causa? O do iraquiano Aref, que, apanhado em flagrante delito de conspiração contra Kassem, foi indultado por ele; depois Aref agradeceu-lhe a graça... matando-o.

Perante todo este horror, é muito fácil dizer-se que é fruto que amadurece em países subdesenvolvidos, muito próximos ainda do comportamento expedito dos grupos primitivos. Do mesmo modo o racismo que dorme em cada um de nós encontra alimento adequado na selvajaria, ontem, de um Sekou Touré, hoje, de um Bokassa. Assim é fácil tranquilizarmo-nos. Olhem para Leste: a redenção marxista-leninista não foi suficiente para dominar a besta. Para ter a certeza de fazer gorar as conspirações, Estaline liquidava todos aqueles que, por uma ou outra razão, lhe pareciam susceptíveis de conspirar. E ainda foi mais longe, ao mandar executar pessoas de quem nada tinha a recear, simplesmente porque constituíam, como Slansky, excelentes bodes expiatórios. Bem certo que os tempos mudaram, mas

é o mesmo horror que se nos depara na execução de Béria, a mesma velhacaria e o mesmo cinismo na de Imre Nagy, ou na invasão da Checoslováquia, «a pedido do Governo e do povo checoslovacos».

Gostariamos de acreditar que, ao menos, na China Popular purificada por uma revolução destruidora de todas as distinções de classe, a ambição deixara de fazer perder a cabeça. Infelizmente, a crenças nas explicações que Pequim decidiu dar como um ano de atraso, nada se parece mais com o caso Oufkir do que o caso Lin Biao: também aí o mais fiel dentre os fiéis não hesitou, para satisfazer a sua sede de poder, em tentar assassinar aquele a quem devia tudo. Se o tivesse conseguido não estaríamos os doutos pensadores que hoje o atacam louvando com a mesma convicção a sua coragem e perspicácia leninista? Serão precisos mil anos para modificar a natureza humana, escreveu Mao, que, mais do que qualquer outra pessoa viva, o tentou. Mas foi também ele que escreveu que não devia recuar-se a guerra nuclear porque (versão oficial chinesa) «se, na pior das hipóteses, metade da população do Globo fosse aniquilada, restaria ainda a outra metade. Nessa altura o imperialismo seria vencido e o mundo inteiro tornar-se-ia socialista». Será esta filosofia muito diferente da do rito meléktia que autorizar o rei de Marrocos a declarar que não hesitaria a mandar matar um terço do seu povo para salvar os dois terços seus?

O nosso belo Ocidente cristão, culpado, entre outras coisas, na época contemporânea, dos bombardeamentos de Dresda, de Hiroshima, e da Indochina, nunca tomou muito a peito os preceitos do Evangelho que o mandavam não matar, não mentir, não cobigar o bem do próximo. Hitler não desonrou só a Alemanha, e teve emulso por todo o lado. Os maiores

Artigo de

ANDRÉ FONTAINE

campeões da liberdade julgaram-se autorizados a empregar os meios mais vis: Churchill concluiu com Estaline, nas costas de meia Europa, uma das mais repugnantes negociações da História. Não hesitou, no dia de Natal de 1944, em dar ordem de abrir fogo contra os sobreviventes comunistas gregos, que, durante três anos haviam praticado os maiores actos de heroísmo contra os nazis. «Estas coisas» — escreveu ele mais tarde nas Memórias, — «não devem fazer-se às médias doses». Kennedy mandara preparar o estudo de um projecto de assassinio de Fidel de Castro antes de fazer de *manu militari*. Ngo Dinh Diem ao apelo de quem as suas tropas tinham intervindo no Vietname. E verdade que, neste caso, a execução não estava prevista no programa. Mas enfim, não se chorou muita lágrima. E diz de Heath que, para não criar aborrecimentos em Gibraltar, entregou tranquilamente em Rabat os dois cúmplices de Oufkir, refugiados na colónia?

A «doce França», essa saiu há tão pouco tempo da era das conspirações que é cedo demais para jurar que nunca mais torne a ela. Os assassinos não estavam todos do lado da O.A.S.. Para que servia o grupo «Acção», do S.D.E.C.E.?

O ponto de partida de todo este horror é a convicção da maior parte dos que se entregam à política, de que as regras da moral comum não têm que lhe ser aplicadas. «Quanto se faz política» — disse-nos um dia Michel Debré — «temos de sujar as mãos, e não só as mãos, os punhos». Uma vez admitindo que os fins justificam os meios, tudo o mais é questão de grau. É de grande o risco de que, homens que perderam a fé em tudo, venham a acreditar apenas na força.

Ninguém melhor do que Engels terá exprimido a terrível fascinação que exerce a violência: *A História* — escrevia ele a Davidson em 1893 — *é a mais terrível das divindades. Conduz o seu carro do triunfo por sobre pilhas de cadáveres, não só na guerra, mas também no decurso de um desenvolvimento pretensamente pacífico*.

Todos os cultos que praticavam, sacrifícios humanos, a eles renunciaram, forçados ou de livre vontade. Todos, excepto um: o da Santa História. A esse ídolo sangüinário, da extrema direita, à extrema esquerda, dos regimes fascistas aos assassinos do aeródromo de Lod, os adoradores nunca faltaram. Virá ele um dia a ser abatido?

DI/GERAL

PORTO

A MULHER FORA DO LAR

Na reunião do Rotary Clube do Porto, amanhã, às 20 e 15, o sr. Mário Loureiro do Amaral fará uma comunicação subordinada ao tema de flagrante actualidade: «A Mulher Fora do Lar».

Conservação de vias urbanas

A Câmara Municipal de Vila Nova de Gaia abriu concurso documental para provimento, por contrato, pelo período de um ano, sucessivamente renovável, do lugar de chefe da conservação de via e obras.

Festas de Verão

As Festas de Verão em Espinho, que têm tido as-

sinhalado êxito e cujo programa incluiu, ontem, uma tourada de grande cartel, vão prosseguir com um programa que incluiu concertos musicais, concursos infantis e provas desportivas, incluindo a gincana da automóveis.

As festas prolongam-se pelo mês de Setembro.

Empresa de Aveiro contra a poluição

Uma empresa de Aveiro, a Companhia Portuguesa de Celulose, está disposta a gastar 100 mil contos para reduzir os efeitos poluidores da laboração da sua fábrica, é o que se deduz de uma nota posta a circular pela referida Companhia após um contacto dos seus gerentes com o Governador Civil. O chefe do Distrito discutiu o problema com a gerência da empresa após uma exposição dos habitantes e autoridades de Cacia que lhe foi recentemente entregue. E o seguinte o texto da nota:

«A Companhia Portuguesa de Celulose tem acompanhado com o maior interesse a evolução das técnicas e processos destinados a reduzir eficientemente os efeitos da poluição resultantes da laboração da sua fábrica de pasta de papel e embalagens, em Cacia. Convencida de que a forma mais eficaz de combate à poluição está na utilização de técnicas evoluídas de fábrica, o que, aliás, corresponde à forma de pensar nos países mais desenvolvidos, acompanhou com interesse a evolução acentuada que, por esse motivo e nos últimos tempos, se verificou em algum equipamento. Dentro desta óptica realista, está promovendo um conjunto de medidas que contribuirão, de forma muito substancial, para reduzir a poluição provocada pela sua unidade fabril, realizando um importante conjunto de investimentos que, na sua to-

talidade, atingem cerca de 100 000 contos.

No que respeita à poluição atmosférica, considera-se: instalação de uma moderna caldeira equipada com um precipitador electrostático de elevada eficiência e lavador de gases, que garante uma depuração com eficiência superior a 97 por cento, em substituição da caldeira de recuperação inicial: construção de uma nova chaminé de altura superior às existentes; a instalação já em curso de lavadores de gases nas chaminés dos tanques de dissolução e utilização de moderna aparelhagem de detecção de gases para mais eficiente regulação da operação.

Em relação à poluição fluvial, vão ser introduzidas modificações importantes nas fases de lavagem e depuração substancial de efluentes. Além destas medidas, serão utilizadas no máximo as recirculações internas, evitando-se que os condensados sigam para o esgoto. Como complemento destas medidas efectivas de carácter interno, que são as mais influentes no ataque à poluição, está em projecto a construção de uma bacia de decantação para remoção de sólidos, de que se espera uma eficiência superior a 90 por cento.

Estas medidas traduzem não só a preocupação dos responsáveis pelos problemas de protecção do ambiente, mas a breve perspectiva de realizações eficientes e práticas, dentro das tendências mais modernas.

COIMBRA

DEFESA DE COIMBRA CONTRA A POLUIÇÃO

Na sessão da Câmara Municipal presidida pelo sr. eng.º Augusto Correia, vice-presidente em exercício, este deu a conhecer, através da leitura de informações da Cinorte e da Comissão Nacional de Ambiente, referente à instalação no concelho de Coimbra, entre Souselas e Brásfemes, de uma unidade fabril para fabrico de cimento.

Segundo essas informações, dadas em conformidade com as solicitações feitas directamente pela Câmara Municipal, em correspondência a anteriores deliberações, com o objectivo de se garantirem disposições sobre a poluição, verifica-se o cuidado, que o problema está a merecer, quer por parte da empresa, quer pela Comissão Nacional de Ambiente. Assim a Câmara mostrou-se satisfeita com os propositos evidenciados, «mas tem de se manter a posição rígida de se exigir junto ao respectivo processo, elementos idóneos de entidades responsáveis, sejam quais forem as condições de funcionamento, normais ou anormais, de não existirem os perigos de poluição para a cidade, como referiu o verador, sr. dr. Viriato Namora. Mereceu, também, grande interesse o problema da sede da empresa que deve ser instalada nesta cidade, à data da entrada da fábrica em funcionamento, tal como se referiu o sr. dr. Soares Coimbra — pensamento, aliás, unânime de toda a vereação, manifestado em sessão anterior.

ÁGUA E ELECTRICIDADE

O sr. eng.º Manuel dos Santos Rosa, usou, então, da palavra, referindo-se à falta de água em Casal da Misarela, na zona limítrofe da cidade, e dos esforços dos Serviços de Higiene em ali acorrerem, bem como a outros locais com carros tanques para abastecimento das populações.

Lamentou, também, que o referido lugar ainda não tenha electricidade, o que, de certo modo, viria a facilitar o abastecimento de água por um motor, pois bem perto passa o rio. Afirmou que sabia existir o projecto da instalação da electricidade, mas que aguarda a necessária comparticipação.

Interviu o sr. dr. Soares Coimbra, para afirmar ser incompreensível a falta de electricidade em lugares anexos à cidade, não fazendo sentido que os projectos se encontrem retidos desde 1965 nos Serviços Eléctricos, aguardando comparticipação, como no caso do Casal da Misarela, solicitou da presidência as diligências necessárias para o esclarecimento de tais situações, esclarecendo o sr. dr. Viriato Namora, do conselho de administração dos Serviços Municipalizados os desejos desses Serviços de que essas montagens se façam, pois existe um programa elaborado para a electrificação de todo o concelho, mas as finanças desse departamento não podem, por si só, executá-lo, esperando que algo venha a resultar das diligências solicitadas ao presidente, que prometeu todo o interesse em resolver e esperar, dentro em pouco tempo, dar uma resposta.

FERROVIÁRIOS ALEMÃES VISITARAM A CIDADE

Em visita ao nosso País, estiveram em Coimbra trinta e nove ferroviários alemães, de ambos os sexos. Vieram até nós por intermédio da Delegação Turística dos Ferroviários, acompanhados

Portugal ratifica convenção da O.I.T.

Por intermédio da Missão Permanente de Portugal em Genebra foi depositada em 23 de Junho último, na Repartição Internacional do Trabalho, a carta de ratificação da Convenção n.º 88 da O. I. T., relativa à organização do serviço de emprego e já ratificada por 52 países desde 1949. A Convenção entrará em vigor em Portugal, um ano após o registo da ratificação.

TRANSFERÊNCIA DE VERBAS DO MINISTÉRIO DO INTERIOR

Pelo Ministério do Interior foram autorizadas transferências de verbas, no montante de 44.438 contos para despesas ordinárias. Em reforço das gratificações certas e permanentes foi autorizada a transferência de 14.100 contos, além de outros 20.200 contos na mesma rubrica. Para reforço dos gastos confidenciais ou reservados foram autorizados três mil contos e, para subsídios de compensação por serviços prestados no Ultramar, mil contos.

Ainda não apareceu o homem afogado no Douro

Após a tarde de ontem, desapareceu nas águas do rio Douro, o metalúrgico sr. Manuel Barbosa Carneiro, que contava 37 anos e residia no bairro do Cerco do Porto, bloco 8, entrada 31 e casa 10.

Durante toda a tarde, na companhia de outros indivíduos, andou dentro de um caque, a atravessar pessoas no sentido da Corticeira para a serra do Pilar e vice versa. Numa das viagens de regresso atirou-se à água, depois de se despir e nadou na retaguarda da embarcação, ao mesmo tempo que brincava com os

ocupantes atirando-lhes água. Mas, inesperadamente, desapareceu nas águas para não mais ser visto.

Foram feitas várias diligências mas o corpo não apareceu. Esta manhã, esteve no local uma equipa de homens do Batalhão de Sapadores Bombeiros que fez várias tentativas para encontrar o corpo do malogrado metalúrgico. Porém, até à hora de encerrarmos os nossos serviços, o cadáver ainda não havia aparecido. As diligências prosseguem.



ALEXANDRE FERREIRA PINTO BASTO

MISSA

Maria Teresa Perestrelo d'Orey Pinto Basto; Maria Teresa Pinto Basto Leitão, seu Marido, Filhos, Genro e Nora; António Eduardo Ferreira Pinto Basto, sua Mulher, Filhos e Genro; Maria Madalena d'Assunção Pinto Basto Patrício Gouveia, seu Marido, Filhos e Genro; Vera Pinto Basto Ribeiro da Cunha; Maria Isabel Correia Sampaio; Celeste d'Orey; Marqueses de Olhão; Frederico d'Orey e sua Mulher (ausente) participam que será resada uma Missa pelo eterno descanso de seu marido, pai, sogro, avô, irmão e cunhado, amanhã dia 29, pelas 12.30h. na Igreja da Encarnação.

AGENTES TÉCNICOS DE ELECTROTECNIA E MÁQUINAS

Admite organismo oficial, a tempo inteiro, para funções de estudo e programação, com experiência comprovada. Resposta a este jornal, ao n.º 619, com indicação do «curriculum vitae».

LUSTRES

de brilho inextinguível, modelos diferentes, ambiente acolhedor. Fábrica, Av. 5 de Outubro, 203, r/c, Esq. (ao Campo Pequeno). Telefone 77 16 39.

VENDA AO PÚBLICO

TV

COMEÇOU A GRANDE FORNADA DOS JOGOS OLÍMPICOS PARA NÓS, A PRETO E BRANCO... MAIS PRETO DO QUE BRANCO...

Desde as nove em Munique. Para os Jogos Olímpicos. Remo com fatura, com fatura gineásica. Até agora, tudo como se esperava. Tudo. Os possíveis primeiros em primeiro, os possíveis últimos em último (mas o que importa é estar presente, não é verdade?) Tudo como se esperava também na qualidade técnica. Falamos aqui em maravilha de organização e de tecnologia seria lugar-comum imperdoável. E para não fugirmos à regra, também como se esperava nas dificuldades que os comentaristas portugueses iriam encontrar. Instalados em Lisboa, a assistir a milhas ao espectáculo, evidentemente a confusão seria o inevitável. Valha-nos a sua boa vontade. Não se arranjará para ver Munique uma medalhinha para eles? E, já agora, outra, mas tem de ser de ouro, para cada um dos telespectadores portugueses.

Essa vontade de se sacrificar pela causa não deve, no entanto, ultrapassar certos limites. Fazer apreciações de ordem técnica com base no que se nos mostra no televisor, parece arriscado. João Mariano caiu repetidamente nessa armadilha. O retardador veio,

com frequência, demonstrar que se enganara. Claro que achámos uma certa piada ao facto de ele desconhecer a nacionalidade de uma atleta, muito embora a equipa e as letras HOL o fizessem supor que se tratava da Holanda...

Será muito importante que os comentaristas escolhidos não esqueçam este facto muito simples: estão a falar para um público na sua quase totalidade de ignorante das leis, dos pormenores, do carácter e da glória das modalidades desportivas menos popularizadas. As suas informações terão um valioso papel educativo a desempenhar, como complemento e «tradução» da imagem.

António da Bernarda pareceu ontem vir animado do propósito de esclarecer a complicada panóplia do Remo. Alguns das suas explicações, no entanto, passaram demasiado longe da audiência portuguesa. Estou a recordar-me, por exemplo, da justificação para determinada posição dos remos em barcos de quatro remadores. As referências ao bônus de forças fizeram-se com tamanha naturalidade que mais parecia estar António da Bernarda, engenheiro, a con-

versar numa roda de seus pares...

Também será conveniente informarem-se bem os nossos comentaristas da existência bem diferenciada de duas Alemanha. Não devem esquecer-se que existe uma República Democrática Alemã, mais conhecida também por Alemanha Oriental. A confusão, ontem, ainda existiu. Que certos países não queiram reconhecer a, é uma coisa; que os comentaristas não saibam reconhecer a, é outra.

JOGOS ESCONDIDOS COM A POLÍTICA DE FORA

E aqui sem querer (palavra de honra que estava bem longe disso) damos de caras com a política. Arranha-se uma palavra, um gesto — e a política aparece. O que sucede é que, nesta questão de políticas, cada qual supõe que só ele tem o direito de fazer política — enquanto aos outros cabe o ingrato mas romântico papel de usar umas azinhas brancas, asas que um anjo lhe deu...

Condenam algumas vezes o cronista de televisão por «fazer política». Quer dizer: a televisão, que o crítico avalia na sua

A VINDA A PORTUGAL DE ELEAZAR DE CARVALHO

RIO DE JANEIRO — «Foi para mim uma grande honra ter sido convidado pela Fundação Gulbenkian para, na regência de uma orquestra, executar uma obra musical do consagrado compositor brasileiro Claudio Santoro, nas comemorações do quarto centenário da primeira edição de Os Lusíadas» — declarou ao semanário «Voz de Portugal», do Rio de Janeiro, o maestro brasileiro Eleazar de Carvalho, que dirigiu, no Auditório da Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, a «Cantata Elegiaca» composta pelo compositor brasileiro Claudio Santoro sobre o texto da primeira elegia de Camões.

«É o nobre gesto da Fundação — acrescentou — Atinge ainda maior requinte, sabido que tanto a partitura musical

como a regência da orquestra foram confiadas a dois brasileiros, quando Portugal possui dezenas de compositores e maestros de renome».

Descrevendo com entusiasmo a sua permanência em Portugal, o maestro Eleazar de Carvalho concluiu:

«As actividades da Fundação Gulbenkian equivalem a uma cidade. Uma cidade onde a edu-

cação, a cultura e a própria ciência têm o mais amplo desenvolvimento, graças à filantropia do seu saudoso fundador, que, embora nascido em Istambul, veio a encontrar em Portugal, a tranquilidade e o carinho, a devoção e a amizade do Povo Português e do próprio governo, obtendo ali um tratamento que jamais lhe fora proporcionado, mesmo no seu país de origem».



COMPRA A FIRMA ALBERTINO HENRIQUES DA SILVA, LDA., está sempre compradora de carros de boas marcas, até 100 contos ou mais a pronto pagamento. Transacção em 20 minutos. RUA DO GARRIDO, 73-A

MELHOR SOM MAIS LUZ PILHAS GATO BRANCO

DI/ESPECTACULOS



Por MARIO CASTRIM

actividade, tem o direito de fazer política — mas o crítico, esse, não tem. Esse tem de ser alheio a tais coisas, parece que a bem da crítica. Como se a crítica se desvalorizasse ou se negasse pelo facto de se manter de pé no campo da política. Como se o facto de cada um de nós fazer política não fosse um bom sinal de mostrar que está vivo numa sociedade viva...

Não sei se repararam no afã que para aí vai na condenação dos Jogos Olímpicos pelo facto de se terem politizados. João Coito, na sua crónica referiu-se ao iacto a propósito (claro) da Rodésia.

A ingenuidade permanece. A ingenuidade ou a poeira nos olhos dos telespectadores. Afinal, quando deixaram os jogos políticos de ser olímpicos, perdão, olha o indispertado, afinal quando deixaram os Jogos Olímpicos de ser políticos? Os da Grécia antiga? Deixem-nos rir. Eram políticos até à raiz dos cabelos, política a sério sob o manto diáfano da religião. E quanto a pureza de intenções, estamos conversados. Nem é preciso ir longe, caríssimos: basta a simples leitura do capítulo do livro que sobre desporto e estruturas sociais escreveu o prof. José Esteves.

Talvez nos Jogos Olímpicos modernos... Desiludam-se. E quem tiver algumas dúvidas informe-se do movimento de que se acompanhava a inclusão de atletas negros na equipa dos Estados Unidos. Quanto a política e racismo, João Coito, por favor não esqueça os jogos de 1936...

Evidentemente: quando a política não se mete nos jogos, metem-se os jogos na política. Assistimos, no nosso tempo, à conquista do Desporto pelas grandes massas. A Alemanha Oriental, por exemplo, foi ao ponto de inscrever a prática do desporto como um direito do cidadão, quer dizer: o Estado obriga-se a proporcionar aos alemães todas as condições para a prática desportiva. Como lhes dá escolas e estradas, passará a dar-lhes também ginásios, material e professores. Magne você, João Coito, que dentro de um ano ou dois praticarão desporto todos os alemães que o desejarem, até aos 65 anos. Confesse lá: isto é bonito...

Sem dúvida, os Jogos Olímpicos demonstram a atenção que os países concedem ao desporto, ou seja: às massas populares. Nessa medida, pois claro, os Jogos fazem política, fazem-na sem querer, mas fazem-na.

Admirava-se o cronista de não conhecermos nós os nossos representantes aos jogos. Lamentou-se: amadores e anónimos. Nesta lamentação já existe uma censura política. Mas que fazer, em relação aos

MARIO CASTRIM

...A partir de hoje, e por motivo de férias, Mário Castrim suspende o «Canal da Crítica». Depois de um ano sem um único dia de interrupção, o «Canal da Crítica» espera que todos os seus leitores continuem a não encerrar com indiferença que se chama fenómeno televisão.

E quanto ao «Canal da Crítica», a partir do dia 18 de Setembro há mais



JOGO DO GALO CONCURSO

0	X	
0	X	0
X		

SESSÃO n.º

NOME _____

MORADA _____

IDADE _____ TELEF. _____

CORTAR

CONCURSO - JOGO DO GALO -

APARTADOS 3011 ou 3088

LISBOA

O boletim acima publicado deve ser preenchido com letra bem legível, colado num postal de modelo normal dos C. T. T. e enviado à R. T. P. onde terá de dar entrada até às 6 horas da ante-véspera do dia da emissão. Tanto basta para se ficar habilitado a participar no concurso «Jogo do Galo».

DL / ESPECTACULOS

WALEWSKA - 007 - HELGA

TÍTULO: MARIA WALEWSKA (Maria Walewska)
REALIZAÇÃO: Clarence Brown, 1937 (EUA)
INTERPRETES: Greta Garbo, Charles Boyer, Reginald Owen, Alan Marshall, etc.
DISTRIBUIÇÃO: Filmes Castello Lopes.
ESTREIA (em reposição): cinema Londres (24.8.1972)

A crítica de

LAURO ANTÔNIO

TÍTULO: 007 ORDEM PARA MATAR (From Russia With Love)
INTERPRETES: Sean Connery, Daniela Bianchi, Pedro Armendariz, Robert Shaw, etc.
DISTRIBUIÇÃO: Rank Filmes.
ESTREIA (cópia nova): Cinema S. Jorge (17.8.1972)

TÍTULO: HELGA O SEGREDO DA MATERNIDADE (Helga)
REALIZAÇÃO: Erich F. Bender, 1966 (Alemanha Oc.)
INTERPRETE: Ruth Gassmann
DISTRIBUIÇÃO: Filmes Lusomundo.
ESTREIA (em reposição): Cinema Vox (25.8.1972)

O ciclo estival das reposições prossegue alegremente em telas de Lisboa, sem muita coisa a assinalar de verdadeiramente representativo. Por exemplo, que dizer da reposição de *Maria Walewska*, certamente um dos piores filmes a contar com o nome de Greta Garbo entre os principais intérpretes? Com a assinatura de Clarence Brown, um artefacto por vezes inspirado, *Maria Walewska* não ultrapassa nunca a visão melodramática e idílica do romance de amor de Napoleão Bonaparte e Maria Walewska. Com a história estropeada por

todos os lados e um Napoleão de opereta (uma interpretação desastrosa de Charles Boyer, em Napoleão estilo psicopata, aos saltinhos, esgares, etc), esta *Maria Walewska*, e, ainda por cima, um dos trabalhos menos representativos da bela e esfingica Garbo.

Entretanto, 007, o agente com «Ordem para matar» que Ian Fleming imaginou e Sean Connery imortalizou, regressou também agora, já com uma ténue pátina que o tempo lhe confere. *From Russia With Love*, de Terence Young, é ainda um filme de aventuras cheio de «achados» com piada e recheado de situações irresistíveis. Dez anos depois da data de estreia, os primeiros James Bonds lutam contra o esquecimento do público e resistem galhardamente. Dirigido com ritmo e imaginação um filme como *007 Ordem para Matar* representa uma permanência de um género de forte adesão popular: o *serial* dos anos 20, com as suas situações encadeadas e sucessivas de grande risco para o «herói». Quanto a Sean Connery não há dúvida de que a figura por si composta irradiava um humor e uma distanciamento impossíveis de ignorar. As aventuras de James Bond contra o Espectro, pela

posse da Lektor uma maquieta decifrador dos códigos russos da Smerch, não deixam de ter uma certa laracha e a violência agressiva em 1963, de certas cenas, revelam-se, hoje em dia, de uma ingenuidade assustadora. Krilenko «o assassino búlgaro que mata por prazer», a velha lesbica Klebb, o implacável Red Grant (um dos primeiros papéis de Robert Shaw) tudo isto se nos mostra hoje verdadeiramente inofensivo ou quase. O que quer muito simplesmente dizer que a escalada da violência no cinema tem sido de tal forma que, em dez anos, o que antigamente se nos afigurava de uma brutalidade desmedida, passa a fazer figura de inocente reliquia. Cremos aliás que, daqui a vinte ou trinta anos, Sean Connery e o seu 007 farão rir as gargalhadas os seus espectadores.

Rir as gargalhadas, daqui a uns anos, será também a sorte óbvia que se espera para *Helga*. *O Segredo da Maternidade*, filme que o oportunista Erich F. Bender rodou com os olhos na bilheteira e o alibi científico da divulgação cultural o ba-ba de como nascem as crianças, contado de forma desastrosa, para maiores de 21 anos. Para cúmulo a versão portuguesa é mesmo uma versão portuguesa com dobrada à moda nacional. Um desastre que continuará a ter público. Onde, das duas uma: ou há ainda muita gente que não sabe como elas se fazem, ou Erich F. Venden oferece «gato por lebre». Ora não acreditamos que com todo esse crescimento demográfico que vai pelo mundo, o público de *Helga* vá simplesmente aprender o ba-ba. O ba-ba, ba é outro...

O FESTIVAL DE VENEZA E AS ELEIÇÕES NOS E.U.A.

VENEZA — A poucos meses das eleições presidenciais nos Estados Unidos, o Festival de Veneza viveu também a hora americana ao apresentar a obra de Michael Ritchie «Q Candidato».

Robert Redford, principal in-

terprete e produtor deste filme americano, não disputa em «O Candidato», a presidência mas, apenas, o lugar de senador da Califórnia.

Michael Ritchie foca a personalidade de um jovem democrático, liberal idealista sincero, frente a um velho conservador republicano, que acaba todavia por se fazer triturar na enorme máquina eleitoral americana, tornando-se um «político» e passando a utilizar as mesmas palavras ocas do adversário.

O filme desboba o mecanismo duma campanha política que se assemelha em todos os capítulos a uma campanha publicitária para lançar uma marca de detergente.

Adidos de Imprensa, redactores de discursos, apertos de mão, frases ocas, sorrisos de circunstância, intrigas, pressões, atmosfera de circo ambulante, uma imagem pouco lisonjeira do funcionamento de «democracia americana», tudo perpassa neste filme interpretado com convicção por Robert Redford.

O argumento é assinado por um especialista, Jeremy Lerner, que organizou a campanha de Eugene McCarthy, candidato à presidência em 1968.



SAMMY DAVIS JR. APOIA NIXON

Quem pensava que a música não tem nada a ver com a política, pode pôr de lado essa ideia. No «Miami's Marine Stadium», de Miami, realizou-se há dias um festival «rock» para jovens votantes, todos eles a fazer força para que Nixon permaneça mais quatro anos na Casa Branca. Na foto, Sammy Davis aparece, ao lado de Nixon. Há pouco tempo, tinha sido Johnny Cash. Por seu lado, e conforme noticiámos, Simon e Garfunkel voltaram a cantar a dueto num espectáculo de apoio a McGovern. Mais provas?

UNICA-72 : A importância do cinema amador

O cinema amador vive uma hora grande neste momento. Como é de conhecimento geral, decorrem no Estoril o 31.º Congresso e o 34.º Concurso da UNICA (União Internacional de Cinema de Amadores).

No boletim publicado sobre o tema, parecemos-nos de grande importância, até como definição de princípios e anúncio de objectivos a atingir, as palavras do eng. Vasco Pinto Leite, presidente do Congresso e presidente, ainda, da Federação Portuguesa de Cinema Amador, que, com a vênica devida, transcrevemos:

«Esta vez, em Portugal, o Congresso da UNICA! Preocupamo-nos que neste Congresso se respire juventude, compreenda-se, juventude, de espírito, onde todos terão lugar, se for caso disso.

Preocupamo-nos com a necessidade dum dinamismo no diálogo cinema-público, a participação activa duma assistência nas interrogações do homem através da sua expressão pela arte cinematográfica.

Preocupamo-nos com a contribuição construtiva na informação, um cada vez maior conhecimento de pessoas diferentes, dos mais diversos locais na natureza, nas raças, nas mentalidades, nas ideologias ou nos interesses.

Preocupamo-nos que mais do que ver filmes se aprenda a ver a vida através da sensibilidade dos realizadores e da sua linguagem cinematográfica. Que mais do que a exigência de se encontrarem apenas obras-primas de autores

privilegiados se procurem os documentos sinceros de autores desconhecidos.

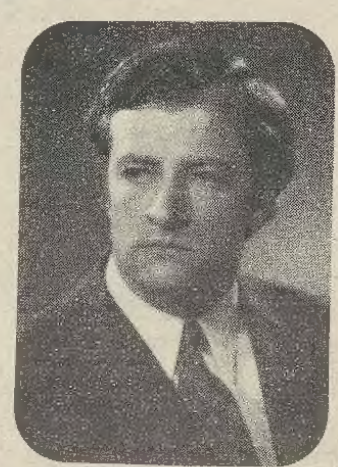
Preocupamo-nos ainda que a progressiva valorização temática e formal dos filmes resulte menos de caminhos de qualquer espécie ou sentido orientados à priori e mais de livre esclarecimento e crítica através do debate frequente do cinema traduzindo a óptica de cada um.

Benvindas, pois a Portugal todas as delegações já pertencentes à UNICA ou ainda apenas como observadoras.

Que este Congresso permita à UNICA ver alargado o número dos seus membros e que através do cinema, como arte e cultura, sejamos todos obrigados a reflectir, a esclarecer, a dialogar, a agir, dando um exemplo de contribuição espontânea e profícua na eliminação de fronteiras para uma convivência e entreegação das pessoas de boa-vontade».

Franciosa num filme da ex-mulher

NOVA IORQUE — Anthony Franciosa será o principal intérprete da película «Trick or Treat», uma produção da sua ex-mulher, Judith Balaban, sob a direcção de Don Quine, actual marido de Balaban. As filmagens começam no próximo mês de Outubro.



proficua na eliminação de fronteiras para uma convivência e entreegação das pessoas de boa-vontade».

ZEFFIRELLI ABANDONA OS JOGOS OLÍMPICOS

MUNIQUE — O realizador italiano Franco Zeffirelli, desistiu da realização do filme oficial sobre os Jogos Olímpicos, porque sente que a expulsão da Rodésia tornou os jogos num campo de carácter político.

Zeffirelli, realizador de «Romeu e Julieta» e «A Fera Amansada», fora escolhido para filmar uma parte do grande documentário que David Wolper está a produzir sob o título de «Jogos Olímpicos-1972». A sua secção incluía o nascimento do ideal olímpico.

O realizador esclarece no telegrama enviado a Wolper que não é partidário do «Apartheid» e que até simpatiza com as reivindicações negras para a igualdade, mas sob o seu ponto de vista «o espírito dos Jogos Olímpicos fora drástica e irremediavelmente atraído».



CAMINHO DE FERRO

Uma porta aberta a exportação

show

O protagonista de «Testemunha Inadmissível», de John Osborne, peça que subirá em breve à cena no Teatro Vasco Santana, é Francisco Cicholson António Montez, que participa na peça como actor, é também, responsável pelos cenários.

Editado por Arnaldo Trindade, saiu um disco-antologia de Jimmi Hendrix.

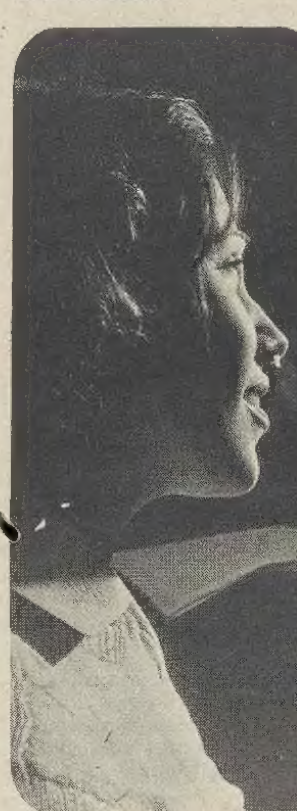
Foi feito convite à Fundação Calouste Gulbenkian para que o seu grupo de Bailado encerre o 11 Festival de Teatro Amador, no dia 8 de Dezembro.

Carlos Mendes vai ter, no início da próxima temporada, mais um disco seu a circular no mercado português. Processa-se, entretanto, a fase da escolha de repertório.

O teatro do Gerifalte inaugurará a sua temporada com a peça «O Gigante Adamastor».

Três portugueses no júri do Concurso da UNICA: o crítico Alves Costa, o seu colega (de crítica) Luis de Pina e o realizador António da Cunha Telles.

The Bandeira continua a acuar na Sannala.



— Eliza tenta a sorte de novo. A sua editora está a pensar seriamente num novo disco a lançar ainda este ano.

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por José Martins, Rua Luís Simões, 15 QUELUZ

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por Manuel Matos da Cruz, Rua Joaquim Guilherme Costa Caldas, 10 AGUALVA Cacém

A ORQUESTRA GULBENKIAN EM "TOURNÉE" NA ÁFRICA

Para uma importante digressão artística desloca-se a Orquestra Gulbenkian, que, sob a direcção do maestro Werner Andreas Albert, dará uma série de 15 concertos em Angola e Moçambique, com início no dia 29, na cidade de Luanda, onde dará novos concertos no dia 30 do corrente e nos dias 5 e 6 de Setembro, além dos que dará nas cidades de Benguela, Sá da Bandeira e Nova Lisboa, antes de seguir para Moçambique, para a realização de mais quatro concertos em Lourenço Marques, um em Namupa e dois na cidade da Beira.

Além do grande maestro Werner Andreas Albert, considerado justamente como um dos directores de orquestra alemães de maior prestígio, acompanha a orquestra o maestro assistente Charles Ketcham, sendo solista o grande pianista português Sequeira Costa, que interpretará obras de Mozart e Beethoven, e os violinistas Gino Maestri e Orwin Noth, que executarão obras de Vivaldi e do violonista grego Tasso Adamopoulos, que se fará ouvir na parte solística do Concerto de Telemann para viola de arco e orquestra.

Os programas desta importante digressão artística da Orquestra Gulbenkian incluem algumas páginas das mais representativas da literatura musical de todos os tempos, entre as quais figuram a 4.ª Sinfonia de Beethoven, a Suite n.º 1 de Bach, as Sinfonias n.ºs 80 de Haydn e n.º 39 de Mozart ou a Sinfonia Clássica de Prokofiev. De notar, também, que a Orquestra Gulbenkian executará obras portuguesas como a *Sonata em ré*, de Jerónimo Lima, compositor do século XVIII e a *Sinfonietta*, de Joly Braga Santos, um dos nossos mais apreciados autores.

No programa figuram ainda *As Quatro Estações* de Vivaldi, *Divertimento*, de Bela Bartók, *A Fantasia sobre um tema de Taillie*, de Vaughan Williams, etc.

A digressão da Orquestra Gulbenkian a Angola e Moçambique assim como ao Malawi, Rodésia e África do Sul está a ser agendada com grande interesse, não apenas pela categoria daquele agrupamento artístico, mas ainda pela personalidade de Sequeira Costa, e dos solistas da orquestra Orwin Noth e Gino Maestri, violinistas e do violonista Tasso Adamopoulos, em programas que foram elaborados de maneira a integrarem peças de diversas épocas do século XVIII aos nossos dias, todas elas representativas de diferentes estilos.

SINDICATO NACIONAL DOS EMPREGADOS BANCÁRIOS DO DISTRITO DE LISBOA

CONVOCATÓRIA ASSEMBLEIA GERAL SESSÃO EXTRAORDINÁRIA

Ao abrigo do n.º 1.º do artigo 22.º dos Estatutos, convido a Assembleia Geral para reunir, em sessão extraordinária, no dia 29 do corrente, às 21 horas, no Salão da Sociedade de Instrução e Beneficência «A Voz do Operário», Rua da Voz do Operário, 9-15, Lisboa, com a seguinte ordem de trabalhos:

1. INFORMAÇÕES;
2. CONTRATO COLECTIVO DE TRABALHO;
3. CAIXA DE PREVIDÊNCIA.

Nos termos do § único do artigo 19.º dos Estatutos, a Assembleia só poderá funcionar à hora marcada com a presença de, pelo menos, um quarto dos sócios do Sindicato, funcionando meia hora depois com qualquer número de sócios.

De acordo com o determinado no artigo 20.º dos Estatutos, só podem tomar parte na reunião da Assembleia Geral os sócios com mais de doze meses de inscrição, ou seja até ao n.º 18 243 inclusive.

Lisboa, 23 de Agosto de 1972.

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral
a) José de Andrade Soares



João Carlos de Castro Salazar Leite

MISSA DO 30.º DIA

Sua família participa que será rezada missa em sua memória amanhã, dia 29, pelas 19 horas, na Igreja dos Salesianos, no Estoril.

DL / ESPECTACULOS

COMEÇA HOJE EM VENEZA O "CONTRA FESTIVAL"

O «Contra Festival Democrático e Antifascista» organizado pelos contestantes da «Mostra» (entre os quais figuram Pasolini, Bertolucci, Comencini, Ferreri) começa hoje, não, no Lido, mas num cinema de Veneza o «Santa Margarida». O «contrafestival» prolonga-se até 3 de Setembro (data do encerramento oficial da «Mostra») e apresentará meia dúzia de filmes e excertos de filmes em montagem. Anunciam-se «O Último Tango em Paris» (De Bertolucci), com Marlon Brando, «Lisa», de Marco Ferreri, com Marcello Mastroianni e Catherine Deneuve, «Corpo de Amor» de Luigi Comencini, «Previo Torno», de Ettore Scola (que dirigia Brasseur no «A Pane» quando o actor francês morreu) e «Daniela» de Ennio de Concini. Foruns e debates estão previs-

tos diariamente para discussão da «Situação Económica do Cinema», «Direitos de Autores e Propriedade dos Filmes», «Intervenção do Estado nos Sectores Culturais», ainda não se sabe se o «Tudo Vai Bem», de Godard, será projectado no «contrafestival». A mesma incerteza vale para os «Contos de Cantuária» de Pasolini. Organizado pela Associação dos Autores — cineastas italianos, os sindicatos comunistas e simpatizantes e, também, por várias associações culturais da esquerda, este «contrafestival» de Veneza denuncia a «mostra» como culturalmente reacção e anti democrática, pondo em foco que o seu estatuto não mudou desde o fascismo, os do contra festival acusam o vice-comis-

sário do Festival Oficial, Gian Luigi Rondi, de ter pertencido ao jornal «Il Tempo». Os contestantes exigem para a «mostra» o autofinanciamento e a auto gestão.



BOM APETITE



ESTRADA DA TORRE LUMIAR - TEL. 79 01 68
ESPECIALIDADES DIARIAS
DOMINGO, AO ALMOÇO, ORQUESTRA
PRIVATIVA CESTE RESTAURANTE (M 15 anos)



RESTAURANTE E BAR DO HOTEL ALVORADA ESTORIL
COZINHA PRIMOROSA E VARIADA
(Contratos especiais em casamentos, baptizados e banquetes)
Telef. 260070 (Frente do casino)



RESTAURANTE DO HOTEL ALVORADA ESTORIL
COZINHA PRIMOROSA E VARIADA
(Contratos especiais em casamentos, baptizados e banquetes)
Telef. 260070 (Frente do casino)

RESTAURANTE POMBALINO
ALMOÇOS - JANTARES E CEIAS
TODOS OS DIAS A FAMOSA PAELHA A VALENCIANA
PAÇO DE ARCOS (junto do Jardim)
Telef. 2433878

TONI DOS BIFES
Av. Praia da Vitória, 50-E
Telef. 53 60 80
AMANHÃ SALSICHA ESTUFADA COM COUVE LOMBARDA
4.ª FEIRA FEIJOCA C/ ENTRECOSTO



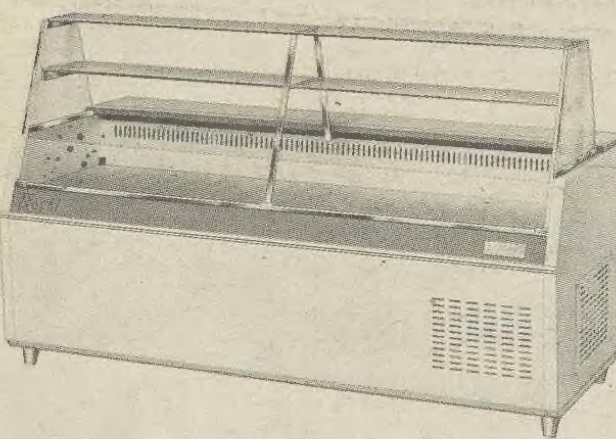
RESTAURANTE Veleiro
PRAIA DE CARCAVELOS
NOVA GERÊNCIA
DIARIAMENTE ESPECIALIDADES DA COZINHA PORTUGUESA



APÓS AS REFEIÇÕES - CHAVE D'OURO - O MELHOR CAFÉ

ROYAL TÉCNICA SUECA

VITRINA FRIGORÍFICA



Para equipamentos de supermercados, mercearias, charcutarias, pastelarias, etc.

NOVIIMPORTA

Centro Comercial de Importação, Lda.

Excat. est. da Luz, 173, r/c E - Exposição e Armazém: est. da Luz, 173, A, B, C, D - Lisboa

AGENTES TÉCNICOS DE ENGENHARIA CIVIL E MINAS

Admite organismo oficial, a tempo inteiro, com experiência comprovada na orientação e execução de projectos da construção civil: com prática de construção civil em geral e de acabamentos em especial.
Resposta a este jornal, ao n.º 618, com indicação do «currículum vitae» e vencimento pretendido.

DL/GERAL



Os representantes do Sindicato dos Profissionais de Escritório expõem a nova situação do ROSEIRAL

O "ROSEIRAL" CONTINUA

O presidente do Sindicato dos Profissionais de Escritório do Distrito de Lisboa, José Braz Rodrigues, esteve no Diário de Lisboa (acompanhado por Maria Fernandes Leitão, chefe do Gabinete de Imprensa e Relações Públicas daquele organismo) a fim de informar os nossos leitores da nova

situação do Roseiral.

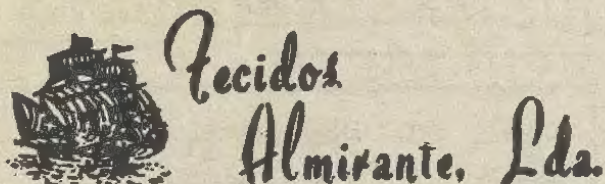
Devido à intervenção do Ministério das Corporações, o Governo decidiu participar das despesas do infantiário que poderá, assim continuar a manter-se em actividade. As inscrições para o próximo ano lectivo encontram-se já abertas.

AGENTE DISTRIBUIDOR DE COSMÉTICA

Fabricante alemão de cosméticos e tintas para os cabelos, de renome internacional, procura agente distribuidor com organização de vendas própria.

RESPOSTA A ESTE JORNAL AO N.º 621

OS SALDOS dos



AV. ALMIRANTE REIS, 23-A

COMEÇAM 2.ª FEIRA (DIA 28)

VISITE-NOS A PARTIR DESTA DATA E VERIFICARÁ QUE OS NOSSOS SALDOS SÃO SEM DÚVIDA OS MAIS SENSACIONAIS DE LISBOA

EXPOSIÇÃO DE PINTURA EM ESPINHO

No Casino da Póvoa de Varzim, foi inaugurada uma exposição de trabalhos de pintura do artista Avelino Angelo, professor da Escola Industrial de Guimarães.

O certame estará patente durante dez dias.

EXPOSIÇÃO DA A. I. C. A.

Continua aberta ao público, na Sociedade Nacional de Belas Artes, a exposição de arte organizada pela Associação Internacional dos Críticos de Arte, que pode ser visitada todos os dias das 14 às 20 horas.

EXPOSIÇÃO "PORTUGAL E A PÉRSIA"

Encerrada no dia 31 a exposição "Portugal e a Pérsia", integrada nas comemorações do 2500.º aniversário da Monarquia do Irão e que tem estado patente ao público na galeria de exposições temporárias da Fundação Gulbenkian.

A exposição que foi inaugurada no dia 10 de Julho já registou cerca de 13 mil visitantes.

EXPOSIÇÃO NO CONVENTO DOS CAPUCHOS

Foi aberta no Convento dos Capuchos na Costa da Caparica, uma exposição de pintura do artista Cruz Louro, promovida pela Câmara Municipal de Almada e integrada nas comemorações do 50.º aniversário da Casa do Alentejo.

TEM PRÉDIO? TEM CARRO?

ENTÃO TEM DINHEIRO CONSULTE JÁ A

ORCOSI

Telfs. 367444/323172
Rua 1.ª de Dezembro, 45



VINHO VERDE ADEGA COOP. DE BAIÃO

BAIÃO

branco
tinto
e
palhete

UM VINHO PARA OS APRECIADORES

No CARREGADO o «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido na Casa Violante.

EM 3 LINHAS

Exerce as funções de secretário do gabinete do sr. secretário de Estado de Urbanismo e Habitação o sr. eng. Gabriel Augusto de Faria Douteil Sinval.

dr. Damião Peres; e das ordens de mérito civil, o sr. prof. eng. Francisco de Paula Leite Pinto.

Foi contratada a sr.ª dr.ª D. Maria da Conceição da Silva, como técnica, além do quadro, da Secretaria-Geral do Ministério da Educação

Foram aprovados os novos estatutos da associação denominada Comissão Portuguesa do Atlântico, com sede em Lisboa.

Foi recebido, a pedido do sr. eng.º Serafim Manuel Cruz de Bragança Tavares, assistente eventual, além do quadro, do Instituto Superior Técnico, da Universidade Técnica de Lisboa, o respectivo contrato.

Pelos Serviços de Marinha do Ministério do Ultramar está aberto concurso, até às 15 horas de 6 de Novembro, para a construção de um rebocador, eventualmente de dois, com uma potência efectiva de cerca de 1000 H.P., com propulsão «Diesel», procedendo-se à abertura das propostas na data e horas acima indicadas. Depósito provisório 300 000\$00.

Foi nomeado o sr. dr. Jaime Augusto Travaços Santos Dias, definitivamente professor catedrático do 3.º Grupo (Parasitologia e Entomologia; Patologia e Clínica das Doenças Parasitárias Tropicais) do Curso de Medicina Veterinária da Universidade de Lourenço Marques.

Foi introduzida, por portaria do Ministério da Marinha, uma nova nota na tabela de uniformes anexa ao plano de uniformes para oficiais, aspirantes a oficial e cadetes da Armada, aprovado pelo Decreto n.º 42 862 de 25 de Fevereiro de 1960.

O Governo de Macau foi autorizado a abrir um crédito especial de 1 500 000\$00, para reforço da verba destinada a «Habitação e Urbanização», da tabela de despesa extraordinária do orçamento geral da província, no actual ano económico.

Foram autorizados os Governos das províncias da Guiné e Timor a abrir créditos especiais de 28 817 761\$70 e 1 780 773\$90, respectivamente, destinados a reforçar verbas da tabela de despesa ordinária dos respectivos orçamentos gerais e adota providências diversas relativas a outras províncias ultramarinas.

Foram reconduzidos nos seus cargos de chanceleres: das antigas ordens militares, o sr. general Fernando dos Santos Costa; das ordens nacionais, o sr. prof.

Está aberto concurso, na Direcção-Geral da Administração Escolar, para ingresso de regentes escolares efectivos nas Escolas do Magistério Primário. Há 350 vagas.

Foram registados no Ministério do Interior os cartões de identidade, modelo A, do Grupo Desportivo dos Empregados do Banco Agrícola e Industrial Visense e do Grupo Recreativo «Os Fixos», e aprovado o modelo D do cartão de identidade da Misericórdia do Porto e da firma Beltrão Coelho, L.d.ª.

O sr. Sérgio Miguel Pinheiro de Aguiar foi reconduzido por mais três anos, no cargo de adjunto de comando da Organização Provincial de Voluntários e da Defesa Civil de Angola.

Durante quinze dias, podem ser requeridos, em provimento interino, os seguintes lugares de conservadores: do Registo Predial de Olhão, dos Registos Civil e Predial e notário de Vila Flor e Vila Franca do Campo, Açores e do Registo Civil e notário de Castro Verde e Ourique (todos de 3.ª classe).

Por determinação superior, o Governo de São Tomé e Príncipe reforça com a importância de 1 200 000\$00 a verba destinada a «Transportes, comunicações e meteorologia... Portos e navegação», das dotações do programa de investimentos do III Plano de Fomento para o corrente ano; e é aberto um crédito especial de 10 701 289\$10, para reforço de verbas da mesma tabela de despesa.

O sr. dr. Aníbal Pinto Ascensão tomou posse definitiva do cargo de técnico de 1.ª classe do Secretariado Técnico da Presidência do Conselho.

Vêm na folha oficial os programas dos concursos para provimento em lugares do quadro da Inspeção-Geral das Actividades Económicas.

Uma portaria do Ministério da Saúde e Assistência estabelece o prazo de dois anos, a contar de 1 de Setembro, para a instalação dos serviços do Instituto Nacional de Saúde dr. Ricardo Jorge.

Foi exonerado o sr. eng. agrónomo Elvídio José Francisco Estevão Ave-Maria de Menezes, técnico adjunto de formação universitária interino do quadro comum dos serviços de agricultura e florestas do ultramar, colocado em Angola, exerce agora o cargo, de engenheiro agrónomo de 1.ª classe do mesmo quadro e serviços em Angola.

DL/NACIONAL

Suspensa a circulação ferroviária do Vale do Vouga

ACABAR, NÃO RENOVAR, SIM

«Chora» e «Bota-Fogo» são dois dos muitos nomes com que o povo cognominou o comboio da linha do Vale do Vouga, atendendo à sua marcha lenta e aos fogos que as suas máquinas provocam.

O anacrónico comboio também lhe digo que não acredita que seja só o comboio a provocar estes fogos todos, porquanto noutros lados também há incêndios, e dos grandes, e o Vale do Vouga não passa por lá. Falam em máquinas Diesel. Pois está muito bem; mas elas custam muito dinheiro e não se podem arranjar de pé para a mão e além disso a exploração é deficitária.

Assim nos falou o sr. eng.º Simões Rosário, do Serviço de Promoção de Tráfego.

Estivemos mais tarde em vários locais servidos pelo Vale do Vouga, como também observámos o movimento na estação de Aveiro onde a repentina ordem de paralisação dos comboios provocou os mais desencontrados comentários. O costume.

Entre Aveiro e a Sernada há, diariamente sete comboios, e entre Espinho e Viseu 6. Ao que parece sómente o tráfego no ramal de Aveiro está a ter números compensadores. «O Vouga faz muita falta pois de manhã vem muita gente para a cidade que à noite nele regressa a suas casas. E não nos tempos de praia e da Feira de Março nem queira saber o movimento que tem. Viajei muito neste comboio. É certo que nunca senti comodidades nem me consta que fosse melhoradas as suas condições.

«O Governo mandou e a C.P. não teve outro remédio senão acatar a ordem, fazendo-a

dições, mas não era assim de pé para a mão que deviam acabar com o comboio. A cidade de Aveiro vai perder muito com esta medida. Olhe, eu, percorro muito no meu negócio.»

Esta a opinião da sr.ª D. Clara Mendes Almeida que há vinte anos é concessionária do stand de venda de livros e revistas na estação.

E como reagiram as populações das localidades por onde o comboio passava e que agora vão até tempo indeterminado, serem servidas pelas camionetas da C.P., para além das carreiras já existentes?

Em Eixo ouvimos o sr. João da Silva Flamengo, ali residente há 52 anos: «Eu sou analfabeto e por isso não sei bem como essas coisas acontecem lá por outros lados. Às vezes um camarada lê-me o jornal e então eu vejo que há incêndios por outras bandas em que o Vale do Vouga não passa. Mas não acabem com o comboio pois ele faz-nos muita falta para a nossa vida.»

E naquela localidade, uma terra distante apenas 6 quilómetros da cidade e onde a bicicleta impera a par da motocicleta, também contactámos o sr. José Gonçalves Delgado de 40 anos de idade:

«Entre Aveiro e Águeda o comboio faz muita falta. E eu bem vejo como ele em certas horas anda .heio. Apesar de termos camionagem aqui ao pé da porta sentimo-nos melhor com o comboio, pois para além de ser mais barato, há sempre lugar o que não acontece, por vezes, com os autocarros que deixam muita gente em terra. Mesmo tendo motorizada utilizo-o muitas vezes quando tenho de me deslocar ao Porto ou a Coimbra e quero apanhar outro comboio em Aveiro. Não; não acabem com o Vale do Vouga. Melhor o material para que nós possamos sair limpos como pele entramos o que não acontece por causa do carvão que entra pelas janelas, e em Aveiro colocarem

guardas nas passagens de nível por causa dos desastres que se têm dado».

O Vale do Vouga é alcunhado de incendiário e de assassino. Negligência dos homens? O certo é que depois da tragédia há pouco registada numa passagem de nível de Aveiro e dos incêndios na floresta de Águeda, já houve de novo focos de incêndio em Carvoeiro e Poço de S. Tiago. Os acontecimentos precipitaram-se. Mas nem só a floresta foi vítima do comboio. Também o foi a sr.ª Rosa Rodrigues Marques, que mora há 51 anos mesmo à beira da linha em S. João de Loure:

«Tinha eu 18 anos e numa tarde de domingo o «Vouga» incendiou a casa dos meus pais. Felizmente que todos nós com a ajuda dos bombeiros impedimos que ficássemos sem a habitação. E durante esta época do Verão mal o comboio passa vamos ver se ficou alguma coisa a arder, pois já sabemos como é. Todos os dias temos que apagar pequenas fogueiras que as máquinas fazem. O que era preciso, isso sim, é que dotassem as composições doutro material. Há tantos e tantos anos que é sempre o mesmo! Já o conheço de cor. Mas acabar, nunca; porque nos faz muita falta. E então dos lugares de Pinheiro, Loure e Frossos vem tanta gente! Olhe: em tempo de aulas chegam a ficar aqui na minha casa mais de 50 bicicletas de crianças que vão para Aveiro estudar!»

Os dados estão lançados. Acaba-se com o Vale do Vouga? Ou da-se-lhe outro material circulante? Entretanto os autocarros vão para a estrada. Os revisores farão o serviço de cobradores nas camionetas. O outro pessoal irá prestar serviço no parque ferroviário a que estava agregado. Até quando? Ninguém nos soube dar a resposta.

A "OITAVA COLINA DE LISBOA" SERÁ SERVIDA PELOS ELEVADORES MAIS RÁPIDOS DO PAÍS

A oitava colina de Lisboa é, na feliz designação publicitária da empresa proprietária, o Lisboa-Sheraton Hotel, o mais alto edifício de Lisboa.

Na realização desta magnífica obra entre os mais importantes problemas a resolver esteve o do transporte vertical de pessoas e cargas. Mas, o acesso às dezenas de pisos deste grandioso hotel de 400 quartos, está assegurado por elevadores «Westinghouse» com uma velocidade cerca de três vezes superior à dos elevadores comuns e de comandos automáticos, com oito tipos de programação possíveis.

A instalação e montagem dos sete elevadores Westinghouse de alta velocidade e dos

dois monta-cargas, deste novo Hotel, foi confiada à Efacc que, trabalhando num tempo recorde como foi oportunamente noticiado, entregou três dos elevadores quatro meses antes do prazo contratual, para permitir a aceleração dos trabalhos de acabamento final.

Trata-se do conjunto de elevadores mais importantes do país, no qual o emprego de altas velocidades e de sistemas de automatização programados de acordo com as necessi-

dades do serviço, permitem tirar todo o partido possível das condições especiais postas neste complexo problema.

A Efacc, que dedica aos problemas do transporte vertical uma parte cada vez maior da sua actividade, teve nesta obra oportunidade de colaborar com a Westinghouse — um dos maiores e mais reputados fabricantes de elevadores mundiais — num empreendimento de alto interesse turístico para Lisboa.

VERÍSSIMOS SALDA

GRANDE SORTIDO EM CASACOS E BLUSÕES DE CABEDAL E CAMURÇA PARA HOMEM E SENHORA. TODO O RESTO DA COLEÇÃO DE VERÃO DE PRONTO A VESTIR — CENTENAS DE CAMISAS DE PADRÕES RECENTES, CALÇÕES DE BANHO E CALÇAS

AVENIDA GUERRA JUNQUEIRO, 8-C — LISBOA

CAMISAS

POR MEDIDA
O seu género a seu gosto
Hirondelle
R. Pedro Nunes, 39
(Ao - Saldanha)

NORMA

Sociedade de Estudos para o Desenvolvimento de Empresas, S.A.R.L.
AV. 5 DE OUTUBRO, 122 — LISBOA-1

DEP. PSICOLOGIA APLICADA

SELECCIONAMOS para

EMPRESA DE ENGENHEIROS CONSULTORES (HIDRAULICA E SALUBRIDADE)

• ENGENHEIRO/A CIVIL REF.º 164/1/DL

Trabalho em Gabinete. Não é necessário ter experiência. Idade até 35 anos. Formação no País. Situação militar resolvida.

• AGENTE TÉCNICO DE ENGENHARIA CIVIL E MINAS

• MEDIDOR ORÇAMENTISTA REF.º 164/2/DL

Orientação de trabalhos de cálculo. Com experiência. Idade até 35 anos. Deslocações a diversos pontos do País. Situação militar resolvida.

CONDIÇÕES OFERECIDAS

5 dias de trabalho semanal. 15.º mês. 30 dias de férias. Vencimentos compensadores.

Resposta para a NORMA, com respectivo «curriculum» pormenorizado. Indicar as respectivas referências.

comprando propriedades a

J. PIMENTA SARL

o seu dinheiro valoriza-se

APARTAMENTOS
MOBILADOS
DESDE
200
contos

50 mil contos de pro-
priedades construídas
para escritura imediata

APARTAMENTOS MOBILADOS		
REBOLEIRA	CASCAIS	VENDA NOVA
Lote 12 — Tipo 150-B — 240 contos	Torre 1 — desde 500 contos	Lote 2 — Tipo 150-B — 250 contos
Lote 25 — Tipo 150-B — 240 contos	Torre 5 — Cruzgiro Sul — 400 contos	Lote 2 — Tipo 73 — 215 contos
Lote 61 — Tipo 150 — 260 contos	Torre 5 — Horizonte — 580 contos	
Lote 61 — Tipo 150-A — 260 contos	Torre 6 — Horizonte — 580 contos	
ANDARES — Paço de Arcos		
Andares c/3 assoalhadas — 400 contos c/4 — 500 contos		
GARAGENS	MORADIAS	ARMAZÉNS
REBOLEIRA — AMADORA Servindo para recolha de automóveis, armazém ou fins industriais. Área 1371 m ² ... 5.500 contos 1808 m ² ... 6.500 » Podendo ser vendidos interligados.	CASCAIS Desde 900 contos	AMADORA — BAIRRO JANEIRO Pr. D. João I, 1-C — 1.000 contos VENDA NOVA — AMADORA Lotes 1, 2 e 3 — 1.100 contos.
ESTABELECIMENTOS COMERCIAIS		
REBOLEIRA — AMADORA Conjunto de Estabelecimentos interligados — 10.000 contos — lotes 19 e 20. Conjunto de Estabelecimentos interligados — 4.320 contos. Conjunto de Estabelecimentos interligados, podendo vender-se por fracções, 4.000 contos.	CENTRO DA AMADORA Av. Santos Matos, 10. Conjunto de Estabelecimentos interligados — 4.800 contos.	

200 mil contos
de propriedades
em construção
para venda

Consulte

J. PIMENTA
SARL

Edifício-Sede — Queluz: Av. António Enes, 25
Telef. 95 21 75

Escritório em Lisboa: Praça Marquês de Pombal, 15, 1.º — Telef. 4 58 43 - 4 78 43

Escritório no Porto: Rua Campo Alegre, 17

Luanda: R. Eng.º Artur Torres, 17 a 21

AGENTES EM TODO O PAÍS

PROPRIEDADES EM CONSTRUÇÃO			
CASCAIS	REBOLEIRA	PAÇO DE ARCOS	AMADORA
Estabelecimentos Comerciais desde 300 contos. Estabelecimento Comercial no centro da Vila, R. Regimento de Infantaria 19, n.º 30. Preço 5.000 contos para exploração ou construção. Apartamentos mobilados no Alto da Pampilheira, com vista de mar e serra, desde 350 a 660 contos. Andares de 3 a 6 assoalhadas, de 550 a 1.100 contos, e moradias de diversos tipos.	Armazéns e Estabelecimentos Comerciais desde 47.500/800. Apartamentos mobilados, num plano de 700 unidades, desde 180 a 330 contos. Andares e propriedade horizontal de 3 assoalhadas — 400 contos.	Estabelecimentos Comerciais desde 595.500/5 a 698.500/5. Apartamentos mobilados, com vista de mar e junto à praia, desde 200 a 550 contos.	Estabelecimentos Comerciais desde 360 a 1.450 contos. Apartamentos mobilados desde 380 a 500 contos. Andares de 5 assoalhadas em frente do Jardim Parque, desde 880 contos.
PORTO	LISBOA	COIMBRA	LUANDA
Apartamentos Mobilados — 550 contos. Andares de 4 ass. — 750 contos.	Apartamentos desde 700 a 750 contos. Armazém à Pr. do Chile. OLIVAIS Apartamentos desde 450 a 475 contos. Andares — com 3 e 4 assoalhadas — 450 e 500 contos.	Desde 200 a 350 contos.	Desde 370 a 380 contos.
EDIFÍCIOS INDUSTRIAIS			
Áreas disponíveis de 2000 m ² a 20 000 m ² na zona industrial de Sacavém			

LOCAIS DE CONSTRUÇÃO

Cascais: Conj. Turístico da Pampilheira

Telef. 283938

Paço de Arcos: Bairro Comendador J. Matias — Telef. 2431423 - 2433511

Reboleira (Amadora): Edifício Ociras — Telef. 933670

ESTABELECIMENTOS COMERCIAIS

Lisboa: Praça Marquês de Pombal, 15

— Telef. 45843 - 563083

Amadora: Avenida Santos Matos, 10

— Telef. 931953 - 935115

Queluz: Rua D. Maria I, 30 — Telef. 952021 - 952022

DL / NACIONAL

JOÃO CORDOVIL: há falta de amor pelo xadrez

Xadrez é tema grande. A coisa dá nas vistas, porque tal nunca acontecera entre nós, numa terra onde o público do xadrez se contava apenas pelo número dos seus praticantes ou pouco mais. Agora discute-se xadrez como se discute futebol. Os que até aqui desconheciam em absoluto o que era um tabuleiro de xadrez, começam a saber que existem peões, cavalos, bispos, rainhas, torres e reis. Os jornais arrancam títulos de primeira página, na televisão e na rádio criam-se programas especiais.

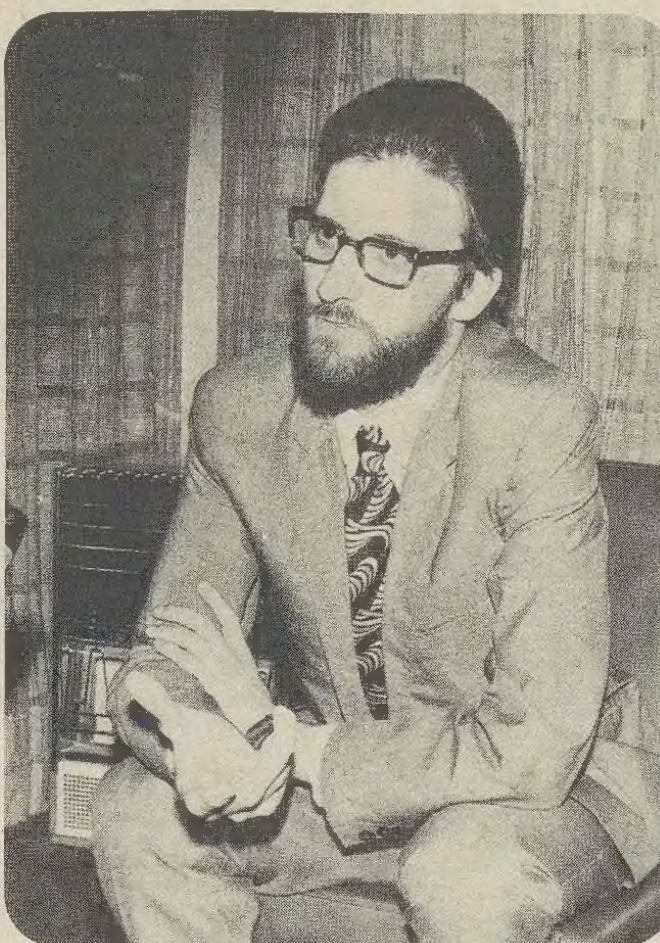
Porquê este súbito interesse? Ganhámos algum grande campeonato internacional? Realizou-se uma campanha caseira de propaganda da modalidade de fundo e forma inusitada? Descobrimos o «génio» que irá tirar o nosso xadrez da obscuridade em que tem vivido, lançando-o finalmente na cúpula dourada da glória universal? Nada disso. O motivo da agitação vem de fora. De muito longe de uma cidade da fria Islândia: Rejkjavik. O russo Spasski e o norte-americano Fischer é que são culpados, desde que se sentaram diante daquele tabuleiro em que se jogam em que se enfrentam duas maneiras de ganhar um campeonato mundial.

João Cordovil, um jovem a quem cabe a honra de ostentar um título de mestre nacional, tornou-se graças à «batalha de Rejkjavik», uma figura conhecida. Entra-nos em casa, e diz-nos uns poucos lances, como jogam dois campeões. João Cordovil liberta o xadrez do jogo da sombra, como Juarez libertou o México; com o talento do grande gesto. Por isso quisemos entrevistar Cordovil. Não exactamente para que nos descrevesse mais um capítulo da «Batalha» de Rejkjavik, mas para que nos falasse do actual momento do xadrez nacional. E João Cordovil com a sua natural fluência foi-nos dizendo coisas.

BUROCRACIAS A MAIS

O xadrez nacional está como é lógico devidamente federado. Existem em Portugal três associações e a respectiva Federação de Xadrez. Há, por ano cerca de 400 jogadores inscritos o que no entanto não significa que haja mesmo 400 jogadores permanentes. Sobre isto, diz-nos João Cordovil:

A população que joga xadrez é muito flutuante. Mas eu gostaria de tocar algumas considerações sobre o que é a prática do xadrez como jogo ou apenas como prática. Assim a primeira parece que é difícil definir i que, em xadrez se pode chamar jogo ou o que não é jogo. Jogar será simplesmente aprender o movimento das peças e praticá-lo periodicamente? Ou será antes conseguir levar essa prática a um determinado nível, estudar e competir? Há muita gente que apenas sabe mover as peças, como há muita gente que não gosta de competir. Porque esta aversão à competição? E Cordovil expõe a sua ideia do seguinte modo: Eu creio que este fenómeno que não sei se acontece só no nosso País, atinge um pouco todas as modalidades. As pessoas não apenas parecem recear competir no verdadeiro sentido do termo como até parecem temer o simples tentar a prática de qualquer desporto que tenha carácter oficial. Ignoro se o problema nasce da falta de informação e divulgação, isto é, da falta de um autêntico chamamento das pessoas para a actividade desportiva, ou se das formalidades inúteis, a meu ver, que se interpõem entre os pretendentes a atletas e a prática do desporto em si.



Não vejo que entre nós se fomenta o amor pelo xadrez.

E Cordovil dá um exemplo: tinha ele 12 anos, pensou em praticar hóquei em patins. Andou muito tempo a magoar no assunto. Mas a quem dirigir-se? Procurou informar-se e ninguém o atendeu devidamente. Isto levou-o a desistir da ideia. Mais tarde quis fazer atletismo. Surgiram várias complicações, entre as quais um problema relacionado com a sua idade, que o não deixaria competir durante um ano.

Todas estas burocracias — sublinha Cordovil — estas formalidades incompreensíveis, pelo menos para mim, assustam as pessoas, levam-nas a afastarem-se dos campos desportivos. Com o xadrez passa-se algo semelhante: as pessoas dispõem-se muitas vezes a praticar, mas eis que chocam com ambientes fechados, cerrados em si mesmos. Ora isto não será a melhor maneira de chamar praticantes.

CRISE DIRECTIVA

Perguntamos a Cordovil se tem conhecimento de cursos de xadrez proporcionando a crianças e adultos pelas associações ou pela Federação.

As associações não realizam quaisquer cursos para os seus associados. Não têm e considero isso lamentável. Porém, se entrarmos no mundo das ligações, há muito mais do que falar dos cursos que deviam existir e não existem. Por exemplo: é simplesmente inconcebível (dentro do meu ponto de vista estritamente pessoal), que quer as associações quer a Federação, estejam a funcionar à base de um só homem, pau-para-toda-a-colher. Eu sei que a crise de agentes é extensiva a todos os desportos. No entanto, es-

lou convencido que no caso particular do xadrez, o facto podia ser evitado, se houvesse maior colaboração e se as posições evolutivas não afectassem a harmonia e a compreensão tão necessárias à existência e sobrevivência dos estames directivos. O que se está a passar — e Cordovil sorri significativamente — é tanto mais de lamentar quanto é certo que, tratando-se de gente

deração fizeram nada neste sentido. Marcando bem as palavras Cordovil adianta: As iniciativas que houve surgiram a nível pessoal. Eu comeci a escrever coisas, o Durão começou a escrever coisas apressado, esta hipótese de se fazer a reportagem do acontecimento na televisão, e foi assim. De qualquer modo, não deveria ter sido assim. Mas, é verdade: que há-de fazer uma Federação e as associações quando as pessoas que são eleitas para os cargos directivos lhes falta amor pela causa e começam a desaparecer desses cargos a abandoná-los, ao fim de dois ou três meses?

Há uma certa mágoa no rosto seco de Cordovil. Em seguida fala-nos de outros caminhos para o xadrez. Acha que a partir da propaganda que o actual momento está a proporcionar à modalidade, as associações e a própria Federação bem podiam, agarrando pelos cabelos o entusiasmo despertado por esse País fora, manter uma certa dose de iniciativa, promovendo cursos e tornando mais fácil o acesso dos praticantes estimulando-os, dizendo-lhes mesmo: «Contem connosco, venham e serão bem recebidos».

PANORAMA POBRE

Se a Federação e respectivas associações — prossegue João Cordovil — depois desta campanha proporcionada pelo encontro Fisher-Spasski, não conseguirem, a partir de Outubro, que é quando começam as inscrições, uns mil e quinhentos filiados para a próxima época, isso quer dizer que não houve trabalho em profundidade. O caminho está mais uma vez aberto agora seria só trilhá-lo com uma certa convicção, vontade e brio.

Tinhamos conhecimento de que João Cordovil não era filiado em Portugal. Isso levou-nos a uma pergunta inevitável: Qual a razão de você não estar federado no nosso País, e sim em Espanha?

A resposta veio pronta: Não sou federado em Portugal, porque não vejo vantagem nisso. Explicar-me-ei: pressuponho que cheguei a um tope na escala de valores existentes aqui, não considero que se torne bom para mim ser obrigado a jogar n eliminatória com jogadores de força inferior. Isso não só me tomava muito tempo, como não teria qualquer adição de valor ao meu jogo. E num desabafo que demonstra a certeza do caminho a seguir: Na realidade e não pé em que as coisas estão, em lugar de tomar parte em torneios, prefiro estudar e preparar-me só para competições onde encontro jogadores do meu nível ou mais fortes. Onde, enfim, não me veja na obrigação de ganhar, de ganhar sempre. Eu gosto do xadrez pelo próprio xadrez e maço-me entrar em competição só para ganhar. Depois há outros motivos: jogo em Espanha e estou federado em Espanha, porque existe uma enorme diferença de valor entre os dois países e isto, para quem quer progredir, é importante. A Espanha é a 13.ª potência mundial em xadrez, Portugal classifica-se entre os 35.º e 37.º lugares. Espanha tem 5 mestres internacionais, Portugal não tem um único. Portanto, o contacto assíduo com esses jogadores, terá, evidentemente, de me ser altamente favorável e já produziu os seus efeitos.

Os mestres em xadrez classificam-se de nacionais, internacionais e grande mestre internacional, que é o escalão máximo na modalidade. Sequen-

do Cordovil há actualmente em Portugal, quatro mestres nacionais: ele próprio Durão, Fernando Silva, e Ribeiro. Nos últimos tempos surgiu um grupo de jovens que têm prestado excelentes provas e parecem fadados para altos voos. Os mestres nacionais portugueses — com excepção de Ribeiro — têm a honra de pertencer a uma lista onde estão incluídos os 600 melhores jogadores do mundo, embora sem a classificação de internacionais.

Cordovil, por seu lado, e apesar de se tratar de um jovem já tomou parte em quatro olimpíadas. Nelas, diz ele contactou com jogadores que além de verdadeiros «monstros», eram pessoas de alta estirpe. Entre eles, o russo Kers, que o impressionou muitíssimo. — Acha que o Fisher vai ga-

nhar o campeonato do mundo? — inquirimos.

Cordovil mostra um sorriso enigmático e responde:

— Bom, eu podia, sem grandes responsabilidades, arriscar um prognóstico. Mas penso que é preferível aguardar o resultado final. De qualquer modo são dois «gigantes». Só que enquanto Fisher é um homem que perturba pelo seu comportamento social Spasski é um ser normalíssimo, duma simpatia extraordinária. E já agora aproveito para aclarar um ponto da minha actuação na TV, quando tento explicar as alterações da partida de Rejkjavik: é preciso que saiba que não tento, sequer fazer doutrina. O que ali dou, não vai além duma interpretação dos factos que lá ocorrem, e parece-me, creio que os forneço com bastante clareza.

O cigarro aristocrata



Lord

Distinto na apresentação

Lord

Rico no paladar

Lord

POBRE EM NICOTINA

agrada a todos os fumadores

A VENDA NAS BOAS TABACARIAS

YBARRA & C.ª, S.A. SEVILHA

PARA:

AMÉRICA DO SUL

CABO SAN ROQUE

8 de Setembro
TENERIFE
BAHIA RIO DE JANEIRO
SANTO MONTEVIDEO
BUENOS AIRES

PARA:

VICO

CABO SA ROQUE

12 DE TUBRO

OS AGENTES

Em Lisboa: AGENCIA MARITIMA TRANSATLANTICA, LDA, Rua do Alentejo, 20-C Telefone 32 43 51

No Porto: KENDALL, PINTO BASTO & C.ª LDA, Rua Nova da Alfândega, 12 Telefone 2 84 21

CONTABILISTAS

Admite organismo oficial, a tempo inteiro, funções de estudo e programação, mediante prestação de provas.

Condições: — Curso dos Institutos Comerciais. — Prática de movimento de escritório, especialmente contabilidade.

Resposta a este jornal, ao n.º 620, com indicação do «currículum vitae» e vencimento pretendido.

DL/REPORTAGEM

1 GUINÉ

CRÔNICA IMPERFEITA

PARADOXOS DA GUERRA

Chega-se a Bissau e logo os canhões do aeroporto, o arame farpado e os postos de sentinela nos dizem que a guerra é a sério. Simples medida de precaução? Nunca se sabe. Os canhões lá se encontram, desafiando o mato, vê-se um ou outro helicóptero a adejar no céu e fere-nos os timpanos o silvo metálico dos pequenos caças-bombardeiros a cortarem as nuvens, velozes como o som. Mas na maior parte das horas, sobre a cidade e o aeroporto abate-se a quietude pesada da África negra, em que o tempo fica parado, na pacatez dos dias sem história.

É a guerra, uma guerra tão especial que por vezes não se dá por ela e chega a passar despercebida aos habitantes de Bissau. Uma guerra que se combate com metralhadoras e com planos de progresso económico. Entretanto, na Metrópole pouco mais sabemos além de que a Guiné existe e que há lá uma guerra e muitos jacarés.

«A Guiné tem uma guerra e tem soldados e muitos pretos com calor e muitos rios com jacarés. E lá que o meu primo anda aos tiros».

Os soldados servem para fazer a guerra; a guerra serve para matar as pessoas; o calor serve para suar muito e dormir a sesta depois do almoço e os jacarés servem para comer os pretos que são uns mandríons e estão sempre de barriga para o ar, à sombra da bananeira. Eu, quando for grande não quero ir para a Guiné. Porque há lá muitos terroristas que são uns homens maus e comem os meninos brancos com pipiripi e lá também muito calor que faz queimar a pele à gente (por isso é que os pretos são pretos). E também há jacarés.

A minha professora é que sabe muitas coisas da Guiné porque tem lá o namorado, que é da tropa, e ensinou-nos a geografia toda daquela nossa província ultramarina. Agora a gente já sabe que a Guiné tem uma capital, que é Bissau. E em Bissau há um aeroporto com avião que vêm para Lisboa. Em Bissau também há jacarés.



«Infelizmente ainda tenho que dar tiros» (general Spínola)

A minha professora encinou-me também uma cantiga que diz assim: sericote, sericote, quatro pretinho da Guiné. O leitor ficará surpreendido com este paleo infantil. E o ridículo de todos nós, aqui na Metrópole, que pouco mais sabemos da Guiné além daquilo que uma criança, com todos os preconceitos que por aí correm, poderia resumir numa redacção de escola primária. Como é

possível ignorar a realidade de uma guerra.

Esta realidade, só por si, deve espicaçar o interesse do público e justifica que o «DL» tenha mandado à Guiné um enviado especial, numa tentativa de informar os seus leitores.

Mas quem é capaz de fazer, nas actuais circunstâncias, uma crónica perfeita, quer dizer completa e acabada, do que se passa na Guiné?

Por meu lado, conheço bem as limitações pessoais e as outras, a que não posso escapar. Não entrevistei o Amílcar Cabral nem acompanhei os combatentes do PAIGC. Não sei entender as três dezenas de línguas das várias etnias locais. Não pude ouvir falar, desinibidamente, os soldados portugueses — e ninguém esperava que eles se abrissem diante de um estrangeiro, de que não conheciam as intenções.

Então que posso eu dizer? O leitor advertido verá que apesar de tudo, talvez valha a pena acompanhar-me nesta digressão de nove dias pelas terras da Guiné, onde vi e ouvi algumas coisas com interesse para contar. Não farei como o Azurara nem me limitarei a transcrever, por serem bem conhecidos, os comunicados dos Serviços de Informação das Forças Armadas. E acredito que outros, talvez com mais perspicácia, pudessem ver mais e melhor, mas não com mais isenção nem maior preocupação de verdade.

As suas jóias estão antiquadas? Pode vendê-las ou trocá-las pelos últimos modelos.

GRANDE OURIVERSARIA DA MODA
RUA DA PRATA, 257

EXPOSITORES E ESTANTERIA

TODOS OS TIPOS DE EXPOSITORES. GRANDE VARIEDADE. PREÇOS JUSTOS. ESTANTERIA MODERNA, usada nos melhores Supermercados.

NOVIMPORTA

Centro Comercial de Importação, Lda.
Estrada da Luz, 173 A a D — Tel.: 78 26 94
LISBOA

DL/REPORTAGEM

A ESPANHA ESTÁ A INVADIR PORTUGAL - EM TURISMO

Eram espanhóis mais de metade dos turistas que nos visitaram durante o ano corrente, segundo dados publicados pelo Instituto Nacional de Estatística. Dos quatro milhões de estrangeiros que visitaram Portugal, a Espanha forneceu 2056 mil, seguindo-se o Reino Unido com 457 mil.

O aumento verificado em relação a 1971 é, até agora, de 16 por cento. Os números de pessoas entradas relativos a outros países situam-se: Estados Unidos da América, 366 mil; França 215 mil; R.F. da Alemanha, 170 mil. Em percentagem de aumento, a Alemanha foi quem fez maiores progressos (registando 28 por cento) enquanto a Espanha atingiu 20 por cento e o Reino Unido 13 por cento.

O movimento processa-se sobretudo por via terrestre (72 por cento). Do total dos estrangeiros entrados apenas 1963 mil (51 por cento) são turistas, havendo também 1556 mil excursionistas (na grande maioria espanhóis) e 348 mil em trânsito marítimo. Seguidamente pode ver-se que as receitas cambiais atribuídas ao turismo continuaram a subir em 1971, atingindo 8621 mil contos (mais 35 por cento que no ano transacto), com grande destaque para os E.U.A., (3671 mil contos, + 35 por cento), R. Unido (1093 mil contos, + 24 por cento), França (1023 mil contos, + 50 por cento), R.F. da Alemanha (814 mil contos, + 47 por cento), e Espanha (641 mil contos, + 12 por cento). Refere-se ainda que, por estimativa baseada em sondagem levada a efeito pela Direcção-Geral do Turismo nas fronteiras com a colaboração da Direcção-Geral de Segurança, foi calculada uma «estada média» de 8,2 para os estrangeiros em visita ao nosso País e que estes efectuaram 16 057 mil dormidas durante o ano, ou seja, mais 22 por cento do que em 1970.

A CAPACIDADE DO ALOJAMENTO
A segunda parte do trabalho

to à distribuição regional o distrito de Lisboa tem lugar de relevo no movimento hoteleiro, detendo cerca de 37 por cento das dormidas totais, seguindo-se o de Faro com 19 por cento e com um pouco menos de 10 por cento surgem logo os distritos do Funchal e do Porto. No tocante aos concelhos assinala-se ser o de Lisboa o mais importante (27,5 por cento), seguindo-se-lhe os do Funchal (8,5 por cento), Cascais (7 por cento), Portimão (5,6 por cento) e Porto (5,4 por cento). Nestes concelhos constata-se a predominância de nacionais apenas no do Porto (75 por cento), — havendo quase equilíbrio perfeito no de Lisboa (46 por cento para os nacionais) e nos restantes é esmagadora a maioria de visitantes estrangeiros.

400 MIL FIZERAM CAMPISMO

A terceira parte do volume do Instituto Nacional de Estatística refere-se a Casas de Hóspedes, com dados relativos à capacidade de alojamento; a quarta parte respeita aos Parques de Campismo e a quinta às Colónias de Férias. Faz-se notar que os parques de campismo registaram em 1971 cerca de 400 mil frequentadores (contra 327 mil em 1970), com uma ligeira vantagem para os nacionais (62 por cento) a que corresponde 1786 mil dormidas (1412 mil em 1970) sendo 72 por cento referentes a nacionais. Em relação aos países estrangeiros tem relevo a França (34 por cento das dormidas), o R. Unido (21 por cento) e a R.F. da Alemanha (14 por cento). Nas colónias de férias registaram-se 78 mil colonos (77 mil em 1970) na sua grande maioria nacionais que totalizaram 728 mil dormidas (788 mil em 1970), representando os estrangeiros apenas 3,5 por cento em relação às dormidas.

Dizem os leitores O "METRO" DA NOSSA CAPITAL

O sr. Bernardo Mafra, de Lisboa, dirige-nos a propósito do aumento das tarifas do «metro», a seguinte carta:

«Já de há muito estou para solicitar ao sr. Director um cantinho do vosso tão conhecido «DL», para uns reparos, ligeiros ainda, sobre o «metro» da nossa capital.

Faço-o só agora, porém, por causa diversa: a do aprovado na última sessão da nossa edilidade. Ouvi e vi, com particular atenção, o illustre Presidente do Município.

Já esperada a notícia, de há tempos, não foi sem grande surpresa, agora, ter ficado a saber que as tarifas do mais moderno transporte público de Lisboa, irão sofrer um aumento. E substancial!

Evidentemente que na comunicação se foi esclarecendo não haver outra forma para ocorrer à aquisição de material circulante, mais oneroso ainda que as obras de ampliação das gares, para comportarem composições com o dobro das unidades em uso.

Foi-se lembrando que apesar daquele transporte já ter ultrapassado a infância (13 anos) ainda custava o mesmo que quando nasceu. Até aqui é certo. Contudo uma dúvida me assalta neste assunto: Depois de tão recentemente o nosso illustre Ministro da Economia ter insuflado justificadas esperanças em todos nós, afirmando que irá enviar todos os esforços da sua administração

na luta contra a inflação, colocando-a em posição prioritária na sua política económica, é a nossa Câmara — mesmo atentas todas as técnicas justificações — que delibera aprovar o aumento das tarifas do metropolitano.

Salvo o devido respeito, parece haver aqui um evidente desfasamento, até perigoso, pois atrás do «metro» virá — por certo! — a Carris, novamente à liça, para também ser contemplada...

Dos «táxis», julgo assunto em boa via de arrumação pois também a nossa Câmara entende «actualizá-los»...

E estou a lembrar-me — por analogia de administração... — que os TAP têm melhorado notavelmente a sua frota, com unidades e assistências de astronómicos preços e não azeite que, para efeito de tal monta, tenha procedido a aumento tarifário. É que ali pontificam acordos internacionais e a concorrência. Mas isto já não são «contas» deste rosário.

Ocorre-me, por isso, perguntar apenas: Porque mais esta achega a tão falada — e sentida — inflação com o encarecimento dum transporte público e popular, de tanta frequência, agora aumentada com o último prolongamento, por forma a exceder as espectativas de cálculo da empresa?

E não terá a Câmara outra forma de conseguir os fundos necessários para o que pretende, que não seja agravar, mais ainda, a situação económica, já bem «inflacionada» dos lisboetas que mourejam?



Contra um exército bem equipado

CAMUFLADA

Mais uns solavancos e, passada a portagem de «controle», a cidade revela-se na sua implantação desordenada, mas alegremente repleta de árvores tropicais mais altas do que as moradias, onde não raro se encontram elementos de arte colonial e mesmo de arquitectura moderna perfeitamente integrada. (Não falo da «Catedral» horrível, nem do cinema, nem dos edifícios públicos nem do palácio do Governo nem do «Grande Hotel» (1) que me não deixou saudades nenhunas, a não ser pela fachada bastante aceitável).

Negros, só negros, sentada mil. Nos mercados indígenas do subúrbio ou no mercado central da cidade. Nas ruas sem fazer nada ou movendo-se de olhos no vago, como se fossem sem destino. E na marginal do porto, accorados às dezenas por trás de uma cesta de mancarra (amendoim) que ninguém compra.

Muitos (e muitas) de tronco nu, vindos de todas as etnias e de todos os pontos da Guiné. Mas também cruzamos com os estudantes do liceu e os empregados do comércio, perfeitamente europeizados na sua maneira de vestir (sem faltarem os «blue-jeans» internacionalizados e as mini-saias) e não esquecendo os fulas de vestes islâmicas, sobretudo as raparigas, altas, esquivas e solenes, muito orgulhosas da sua fama de beleza.

Mas outra nota vem quebrar o ambiente africano. A qual-quer hora do dia ou da noite, grande campo militar e, todavia, os quartéis não se impõem à vista e é preciso procurá-los para os encontrar. Soldados, muitos soldados nos cafés, nas ruas, no cinema. O mesmo Zé soldado da Covilhã, do Poórto ou de São Miguel. O «comando» africano, fanfarrão no seu camuflado ou o milícia, que também é gente. Uma habilitação de línguas: todos os sotaques da Metrópole e todas as línguas e dialectos da Guiné, mais o crioulo de Cabo Verde e os arremedos de português.

Por AVELINO RODRIGUES enviado especial do DL

CONTRADIÇÕES

Dizem que a Guiné é a terra das coincidências e contradições mais paradoxais. Já se conta com isso e as pessoas divertem-se, nas horas de fazer-nhum, contando as suas pequenas aventuras. Eu próprio vou contar algumas. Vi comprar um saca-rolhas na «boutique» e um par de calças na salsicharia (ou coisa parecida). Encontrei em Bissau um amigo com um mês na Guiné, que não via em Lisboa há mais de um ano, ao passo que aquele amigo que por lá se arrastava há dois anos, mas vim encontrar em casa uma carta dele, quando cá cheguei.

Que interesse tem isto? perguntará o leitor. É verdade que em todas as terras do mundo há coisas como estas, que passam despercebidas. Mas na Guiné, o clima é diferente e estas pequenas anedotas assumem alguma importância: esta terra está tão cheia de contradições fundamentais difíceis de abordar, que as pessoas adquirem uma grande sensibilidade ao pequenino paradoxo, do qual se falará mais facilmente entre amigos e conhecidos.

E como se passa o tempo em Bissau?

Os soldados vão para a guerra ou miram as montanhas e as «bajudas» (as rapariguinhas solteiras) enquanto vão contando os dias. Trabalho, o que se chama trabalho, adivinha-se em certos serviços públicos, sobretudo nos serviços de saúde com grupos de negros apinhados à porta, e no hospital militar.

Quase toda a gente (menos a tropa) dorme a sesta das 15 às 16, nas horas do maior

CONTRADIÇÕES

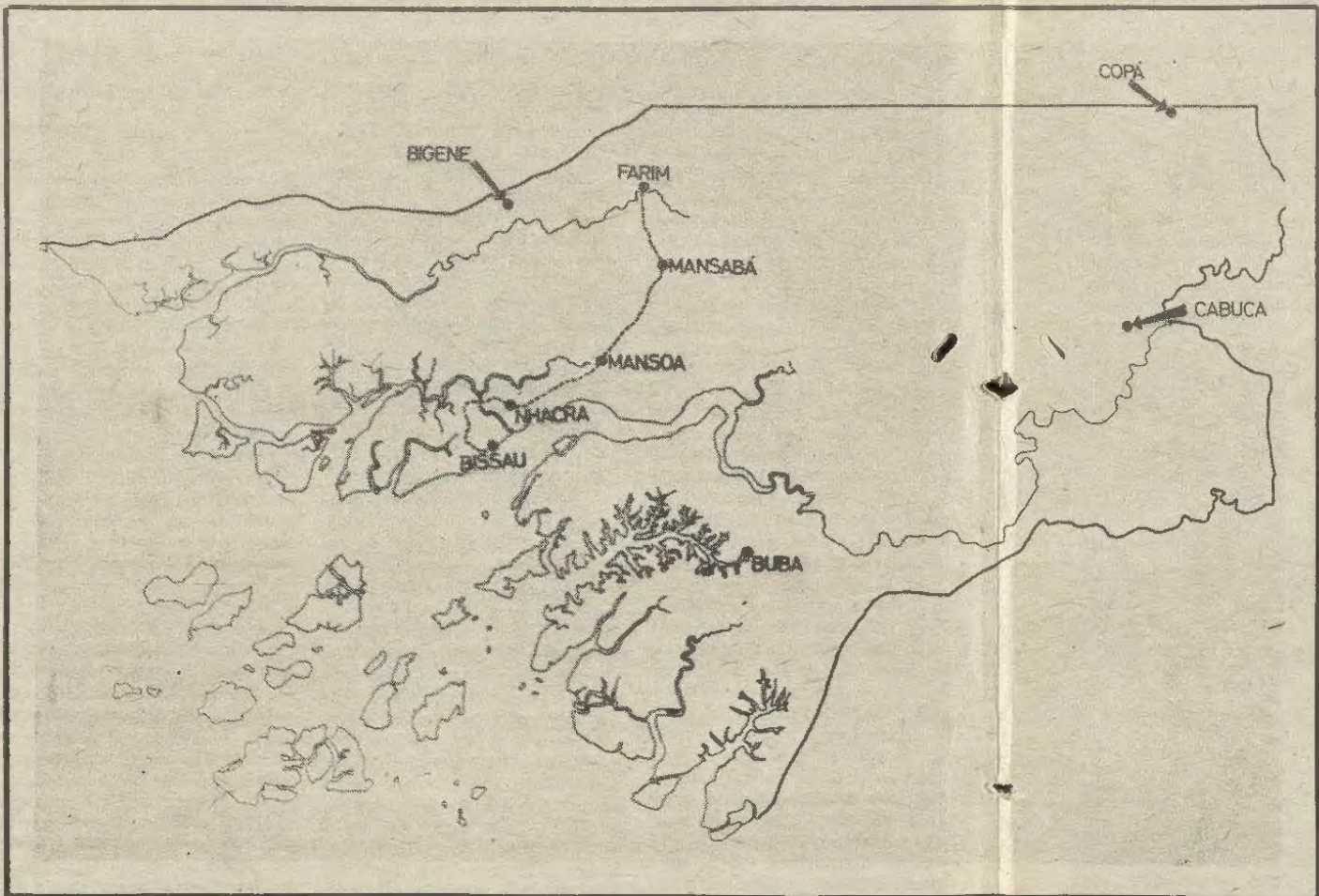
Dizem que a Guiné é a terra das coincidências e contradições mais paradoxais. Já se conta com isso e as pessoas divertem-se, nas horas de fazer-nhum, contando as suas pequenas aventuras. Eu próprio vou contar algumas. Vi comprar um saca-rolhas na «boutique» e um par de calças na salsicharia (ou coisa parecida). Encontrei em Bissau um amigo com um mês na Guiné, que não via em Lisboa há mais de um ano, ao passo que aquele amigo que por lá se arrastava há dois anos, mas vim encontrar em casa uma carta dele, quando cá cheguei.

Que interesse tem isto? perguntará o leitor. É verdade que em todas as terras do mundo há coisas como estas, que passam despercebidas. Mas na Guiné, o clima é diferente e estas pequenas anedotas assumem alguma importância: esta terra está tão cheia de contradições fundamentais difíceis de abordar, que as pessoas adquirem uma grande sensibilidade ao pequenino paradoxo, do qual se falará mais facilmente entre amigos e conhecidos.

E como se passa o tempo em Bissau?

Os soldados vão para a guerra ou miram as montanhas e as «bajudas» (as rapariguinhas solteiras) enquanto vão contando os dias. Trabalho, o que se chama trabalho, adivinha-se em certos serviços públicos, sobretudo nos serviços de saúde com grupos de negros apinhados à porta, e no hospital militar.

Quase toda a gente (menos a tropa) dorme a sesta das 15 às 16, nas horas do maior



Guiné, 32 mil quilómetros quadrados, mais ou menos consoante as marés.

A seguir A SIMPATIA COMO ARMA DE GUERRA

DL/ESTRANGEIRO

SCHEEL: VIAGEM A PEQUIM

BONN, 28-(ANI) — O ministro alemão dos Negócios Estrangeiros, Walter Scheel, disse que visitará, provavelmente, Pequim, antes das eleições alemãs em Dezembro, a fim de estabelecer relações diplomáticas com a China.

Scheel declarou numa entrevista para a rádio que o estabelecimento de relações diplomáticas com a China «é do interesse da Alemanha e do interesse da China, além de o ser também para o abrandamento da tensão na Europa e para a paz mundial».

Interrogado sobre se a sua viagem seria feita em Outubro, Scheel disse: «Pode muito bem ser que sim».

O estabelecimento de relações diplomáticas com Pequim, antes das eleições, pode dar ao Governo do chanceler Willy Brandt, cuja maioria de doze votos no Parlamento, se evaporou, devido a defeições, um impulso de confiança na crítica votação a que vai proceder-se.

Uma visita de Scheel a Pequim, afirmam os observadores políticos, diminuiria os efeitos políticos alcançados por Gerard Schroeder, dirigente da oposição democrata-cristã, na sua visita à capital chinesa, em Julho.

MÉDIO-ORIENTE

A ALEMANHA FEDERAL MEDIANEIRA ENTRE O EGITO E OS ESTADOS UNIDOS?

BEIRUTE, 28 (ANI e F.P.) — «A Alemanha Federal está a fazer o papel de medianeira entre o Egipto e os Estados Unidos, para que voltem a ligar-se as pontes cortadas entre as duas nações. A missão da Alemanha Federal é preparar melhores relações entre as duas partes, agora que o ambiente, devido à retirada dos técnicos russos do Egipto, melhorou» — escreve o «Ana Nahar», citando círculos

diplomáticos árabes de Bona.

O jornal de Beirute acrescenta que o ministro alemão dos Negócios Estrangeiros, Walter Scheel, se encontrará com Moamed Heikal, director do «Al Ahram» que vai a Munique para assistir aos Jogos Olímpicos.

É possível que Heikal, que tem servido muitas vezes de informador não oficial do Egipto, se aviste também com o chanceler Willy Brandt — afirma o

jornal, que lembra ter sido depois de uma reunião dos dois que se decidiu estabelecer as relações diplomáticas entre Bona e o Cairo.

RELAÇÕES EGITO-URSS

CAIRO, 28 (F. P.) — Sayed Marei, primeiro-secretário do Comité Central da União Socialista Árabe, anunciou que chegará brevemente ao Cairo «uma delegação do Comité Central da P. C. da União Soviética para se avistar com os dirigentes» do Partido único egípcio. O primeiro-secretário que falava numa reunião de quadros do Partido, em Alexandria referiu-se depois, ao perigo da situação de «nem guerra nem paz». Marei fez notar que «se as grandes potências puserem a crise do Médio Oriente num plano muito recuado, relativamente a questões como a segurança europeia e o intercâmbio comercial, provocarão um congelamento dessa crise e, em definitivo, a perpetuação desse estado de «nem guerra nem paz». «Uma evolução dessas — disse — criaria um precedente perigoso, favorecendo de futuro a anexação pela força dos territórios de Estado, com desprezo por todas as leis internacionais».

ACTIVIDADES DOS «FEDAYN»

TELAVIVE, 28 — As autoridades israelitas receberam novo surto de actividades dos «Fedayn» em face de informações do estrangeiro indicando que as organizações palestinas se reorganizaram com vista a um novo esforço contra Israel.

Segundo círculos bem informados, uma comissão interministerial reunir-se-á na próxima semana para estudar as medidas destinadas a estabelecer o máximo de segurança nos aviões e nos aeroportos israelitas.

Um informador do Exército indicou entretanto que num posto militar situado próximo do campo de refugiados de Dkabbilya, na faixa de Gaza, explodiu ontem à noite uma granada. O incidente não causou vítimas, precisou, entretanto, no Cairo, Yasser Arafat, presidente da Organização de Libertação da Palestina (OLP), anunciou que o «Congresso Internacional Palestiniano» se reunirá em Outubro, na capital egípcia. As questões da unidade dos movimentos palestinos e das actividades da guerrilha contra Israel constituirão o fulcro dos debates desta sessão — acrescentou Arafat, que concluiu recentemente uma visita à Líbia e à Tunísia, onde entabulou conversações com os respectivos governantes.

DISCURSO DE SADAT

CAIRO, 28 — O presidente Anwar Sadat do Egipto fez sexta-feira um importante discurso político — anunciou ontem a rádio do Cairo que acrescentou ser esta declaração do chefe de Estado egípcio feita em nome do Conselho Presidencial da Federação Tripartida das Repúblicas Árabes.

Entretanto, afirma-se no Cairo que o presidente Sadat informou o Parlamento egípcio, numa reunião à porta fechada realizada no princípio deste mês, que «em 1 de Setembro haveria uma importante iniciativa para a paz no Médio Oriente».

Perón à imprensa: A DITADURA PROVOCA VIOLENCIA

SAN SEBASTIAN, 28 — (ANI e F. P.) — O general Juan Peron declarou que considerava «totalmente ilegal e anti constitucional» o facto de o general Lanusse lhe ter imposto uma data para regressar à Argentina para assim se poder candidatar às eleições. «Um candidato pode residir fora do seu país, sem perder os seus direitos», afirmou.

«Não renuncio. Espero a normalização e o regresso à constituição», disse Peron, acrescentando que os adeptos de Lanusse constituíam um «grupo minoritário que sobrevive graças à força das armas».

«Nós somos a maioria, continuou. Organizar as eleições sem os peronistas equivaleria a chamar às urnas apenas dez por cento da população».

O ex-presidente argentino declarou que esperava há 17 anos voltar à Argentina, mas que só voltaria quando as condições forem propícias. «A ditadura militar afirma estar perto da pacificação e da normalização do país, mas neste momento há milhares de cidadãos nas prisões», Aludindo aos incidentes de Trelew e à morte dos guerrilheiros, Peron acusou o Governo argentino de «repressão brutal» e acrescentou

que «a juventude Argentina espera que este crime seja punido» e que a violência da juventude tinha sido sempre provocada pela ditadura.

O antigo presidente, que tem 76 anos, declarou que ficaria contente se aparecesse quem o substituisse na vida política argentina, para tomar o seu lugar e deixá-lo em paz. E acrescentou: «sou um velho, mas não o sinto, e penso que tenho uma longa e valiosa experiência, que pode ser útil ao meu país».

O estadista não informou se voltará à Argentina para as eleições, repetindo que só voltará se as condições forem justas.

«Há milhares de pessoas presas e a repressão é violenta e organizada. Deve haver um regresso à normalidade. Não existe ninguém que se queira colocar na boca de um vulcão».

gente nova com poder de decisão é possível, hoje, com uma boa preparação científica e técnica

CURSOS

Curso Superior de Organização e Gestão de Empresas — A funcionar o primeiro e o segundo anos.

Curso Superior de Relações Públicas e de Publicidade — O primeiro criado em Portugal. A funcionar igualmente o primeiro e o segundo anos.

Cinema e Televisão — O único criado em Portugal. Os primeiros diplomas deste curso serão atribuídos aos actuais alunos finalistas até Outubro próximo logo que sejam concluídos os filmes em curso.

Secretariado — Centenas de secretárias colocadas nas mais exigentes empresas e organismos oficiais, atestam a alta qualificação profissional dada por este curso.

Turismo — Dezenas de guias-ínterpretes e numerosos técnicos de Turismo habilitados com este curso têm visto solicitada a sua colaboração por grande número de entidades públicas e privadas ligadas ao Turismo.

Todos estes cursos foram oportunamente aprovados pelo Ministério da Educação Nacional.

INSTITUTO DE NOVAS PROFISSÕES

AV. DUQUE DE LOULE, 47 1º TEL: 555319-558011 - LISBOA 1

DL/ESTRANGEIRO

O VIETNAME NÃO PERTURBARÁ O SEGUNDO MANDATO

-AFIRMOU NIXON À "NEWSWEEK"

NOVA YORK, 28 — (R) — O presidente Richard Nixon espera um segundo mandato em que não haverá guerra no Vietname, mas em que as relações com os seus aliados poderia ser um dos problemas mais sérios do Governo americano, segundo afirmou numa entrevista que concedeu a Stewart Alsop, colunista da revista «Newsweek», que saiu hoje.

«Tenho a certeza de uma coisa. A guerra terá terminado. A guerra não pairará sobre nós durante um segundo mandato» — asseverou Nixon.

A entrevista foi concedida durante a viagem de avião até Miami na semana passada para assistir à Convenção do Partido Republicano.

A sua confiança de que a guerra terminaria em breve não derivava de qualquer surpresa espectacular nas negociações, mas da forma como via a situação no Vietname — continuou o presidente.

«PROBLEMAS SÉRIOS» MAIS

Quanto a assuntos externos, Nixon disse que os problemas económicos internacionais seriam os mais importantes.

«Daremos, também, muita atenção aos nossos amigos e aliados — aos latino-americanos, Japão e, especialmente, à Europa Ocidental, as nossas relações com esses aliados poderiam ser um dos problemas mais sérios num segundo mandato» — prosseguiu o presidente.

Sobre o Médio Oriente, Nixon declarou: «Temos de compreender que quando as pessoas se encontram ultra-passadas em número, não podem deixar de ficar na de-

fensiva. Não tinha a intenção de tentar impor uma solução, mas acreditava ainda que ela fosse possível» — acrescentou.

RECEPÇÃO A ACTORES DE HOLLYWOOD

SAN CLEMENTE (CALIFORNIA), O presidente Nixon ofereceu a noite passada nesta cidade uma festa sumptuosa a 400 astros do cinema e da televisão com o objectivo de fomentar os filmes produzidos em Hollywood e a sua própria reeleição em Novembro.

Nixon recebeu o apoio de mais astros do que qualquer outro candidato durante uma campanha eleitoral para a presidência, ao ar livre, na sua residência e na sua restanda cidade, exprimiu o seu agradecimento e a esperança de que os seus esforços se materializariam em Novembro.

A indústria cinematográfica de Hollywood, atingida financeiramente com muita dureza e que luta contra importações de filmes estrangeiros subsidiados, mereceu atenção especial do presidente.

«Podereis pensar que isto é um pouco de excesso de patriotismo e de pro-americanismo. Se assim for é convosco, mas gosto de filmes



Frank Sinatra, ex-democrático é cumprimentado pelo sr. Nixon, ao chegar à recepção oferecida pelo presidente. (Telefoto UPI/Telimprensa/DL)

feitos em Hollywood, feitos na América» — disse o presidente.

Acompanhando o presidente e a sr. Nixon encontravam-se o vice-presidente Spiro Agnew e sua esposa, assim como o dr. Henry Kissinger, conselheiro sobre Negócios Estrangeiros do chefe de Estado, que frequentemente, no intervalo das suas missões secretas em todo o mundo, sai com estrelas de cinema.

Ontem, à noite, o dr. Kissinger dava o braço a Jill St. John, uma beladade ruiva com quem é visto com frequência.

EXÉRCITO DE VOLUNTÁRIOS

O presidente travará hoje conversações em San Clemente com o secretário da Defesa, Melvin Laird, sobre planos para acabar com o recrutamento militar e para o

país passar a dispor de um exército só de voluntários em Junho próximo, assim como acerca dos efectivos militares americanos no Vietname após 1 de Setembro.

Laird apresentará um relatório sobre o progresso quanto a um exército só de voluntários que, se for finalmente aprovado, estará destinado a tornar-se muitíssimo popular entre os milhões de jovens, entre os 18 e os 24 anos, que votarão pela pri-

meira vez na eleição de Novembro.

CIMEIRA NIPO AMERICANA

TÓQUIO, — O primeiro-ministro Kakuei Tanaka e o presidente americano Richard Nixon terão duas reuniões durante o seu encontro, em 30 de Agosto e 1 de Setembro no Hawai, e será publicado no fim um comunicado comum — indica o ministério dos Negócios Estrangeiros japoneses. Tanaka será acompanhado pelo ministro dos Estrangeiros Ohira. Nixon será acompanhado por William Rogers e o seu conselheiro especial Kissinger — acrescenta o mesmo ministério.

ISLÂNDIA "GUERRA DO BACALHAU"

LONDRES, 28-(R) — A Grã-Bretanha vai enviar uma nota à Islândia, numa tentativa, á última hora, para evitar uma possível «guerra do bacalhau», por causa da disputa de limite de pesca, segundo revelaram hoje funcionários britânicos.

A nota poderá ser entregue ao Governo islandês pelo embaixador britânico em Reykjavic, John McKenzie, durante o dia de hoje, apenas quando faltam 96 horas para a Islândia prolongar os seus limites de pesca, de 12 para 50 milhas marítimas.

A Grã-Bretanha afirma que tal prolongamento é contrário ao Direito Internacional.

BARCO CHINÊS ROMPEU BLOQUEIO

SAIGÃO, 28 F. P. — A notícia de que um draga-minas chinês conseguiu romper o bloqueio de Haiphong causou sensação na capital sul-vietnamita. Nos meios militares americanos, dão a entender que serão largadas mais minas nesse porto para impedir qualquer navio de entrar ou sair. Os porta-vozes do comando americano respondem com muita reserva às perguntas dos jornalistas sobre o assunto. Afirmam não saber ainda como e em que local preciso esse navio de quarenta e um metros de comprimento forçou o bloqueio. Admitem que deve estar equipado com aparelhagem muito aperfeiçoada para ter podido entrar no porto sem fazer explodir as minas acústicas e magnéticas que ali foram colocadas em 9 de Maio findo, uma semana depois da queda de Quang Tri.

"RECORDS" NOS JOGOS OLÍMPICOS:

Começaram esta manhã as provas de natação que estavam a ser aguardadas com grande interesse. E pode-se afirmar desde já que a expectativa não foi ludida. Na primeira prova os 200 metros mariposa foi batido o primeiro «record». Logo na série inicial, o americano Gary Hall estabeleceu um novo «máximo» olímpico com 2m. 3s. 70/100. O anterior melhor tempo, pertencia ao australiano Kevin Berry com 2m. 6s. e 60/100.

Durou muito pouco este novo «record» pois na 2.ª série, o norte-americano Robin Backus fazendo 2m. 3s. 11/100, melhorou o tempo do seu compatriota. Mas faltava competir o «fenómeno» Mark Spitz. E na quarta eliminatória o máximo olímpico «sossegou», pelo menos até logo à tarde: Spitz fez 2m. 2s. 11/100 e arrumou a questão. Aguarde-se agora, o sensacional duelo, que dentro de algumas horas terá lugar na final da prova. Principal opositor do campeão americano: o alemão de leste, Hans Fassnacht, Máximo mundial; Spitz, com 2m. 1s. 5/10.

Seguiu-se a prova de 200 metros estilos (feminino) em que a russa Nina Petrova melhorou (na 1.ª eliminatória) o «record» europeu que já lhe pertencia com 2m. 26s. 8/10. Desta feita, Petrova alcançou 2m. 25s. 50/100. Este tempo seria batido logo na eliminatória seguinte pela alemã de leste, Stolze, com menos 5/100. Viria a ser outra alemã oriental, Ender, quem fixaria o máximo europeu em 2m. 25s. 39/100. Shane Gould decepcionou alcançando apenas 2m. 26s. 44/100.

DRAGA-MINAS ROMPE O BLOQUEIO

WASHINGTON, 28 (F.P.) — Um draga-minas passou o bloqueio das minas e entrou em Haiphong (Vietname do Norte) — informaram no Pentágono. Trata-se dum barco normalmente de serviço em Xangai e que poderá, salientam no Pentágono, dragar as minas acústicas e magnéticas. Entretanto ainda nada fez neste campo, e sem se indicar quando alcançou Haiphong faz-se notar que deve ter vindo desde Xangai junto à costa o que lhe permite fazer o seu fundo chato.

De resto, salientam no Pentágono, os cargueiros chineses continuam a abastecer o Vietname do Norte transbordando os seus carregamentos para pequenos barcos que os levam para a costa. Hanói recebe, por outro lado, bastante petróleo para cobrir as suas necessidades, através dos dois «pipe lines» que ligam o Vietname do Norte à China. Hanói terá recebido assim 35.000 toneladas de petróleo no corrente mês de Agosto — indicam os serviços de informação americanos.

DACTILÓGRAFAS

Admitem-se para empresa em Lisboa, possuindo como habilitações mínimas a secção de letras do 2.º ciclo liceal ou equivalente. Resposta a este jornal ao n.º 622

compre na BAIXA compre melhor



SEJA PRÁTICO! COMPRE COM O CARTÃO SOTTOMAYOR

AS CASAS ASSINALADAS COM

ACEITAM-NO

modas e confecções

A BRUXA MODAS SALDOS Rua Trindade, 38-C T. 328765	MODAS Gama RUA DOS FANQUEIROS, 141-143 — Lisboa-2 Telef.: 32 78 26	MAISON LOUVRE CONFECCAO PROPRIA PARA BEBE E CRIANÇA ROSSIO - 106	MONTEIROS & JORGE, LDA. MALAS ARTIGOS DE VIAGEM SAPATOS Rua Augusta, 113 - 115 Tel. 32 69 56 — LISBOA	POEY ANTIGOS ARMAZENS DO ROSSIO (NOVAS INSTALAÇÕES) Loja MALHAS - PERFUMARIA - LINGERIE 1.º piso PRONTO-A-VESTIR (senhora e homem) CAMISARIA 2.º piso TECIDOS 79 - ROSSIO - 79	meia lua PRONTO A VESTIR MALHAS PARA SENHORA E HOMEM Rua dos Fanqueiros, 261 Tel. 36 12 54
Casa Enrico Santos MALAS * PASTAS * LUVAS RUA DA PRATA, 234 - 236 LISBOA Salão de exposição e vendas no 1.º andar	Phoebus Rua Aurea, 287 Telefs. 369153/3221122	CAMISEIROS CHAPELEIROS PRONTO A VESTIR Rua Aurea, 287 Telefs. 369153/3221122	LENTES ZEISS ORMA 1000 (in- candescente) CURVAL (Essel Purix) RAUCH & LOMB, ETC. LENTES DE CONTACTO Execução rápida e perfeita de todo o repositório médico ASSISTENCIA TECNICA GRATIS (Apertado com as mais modernas máquinas) (Praça dos Restauradores, 78) Telef. 32 83 98 LISBOA	ARMACOS: METZLER-NYLOR MARWITZ-AMOR MELETO RAYBAN ETC.	ARMACOS: METZLER-NYLOR MARWITZ-AMOR MELETO RAYBAN ETC.

artigos diversos

GALERIA SÃO DOMINGOS T. NOVA S. DOMINGOS. 30-32	PASTELARIA «Benard» R. Carrêt, 101	ARMAS — MUNIÇÕES CAÇA PESCA DESPORTOS A. M. SILVA (ARMEIRO) RUA DA BÊTESGA, 1 — TELEF. 361313/4/5	A MELHOR CASA DE BRINQUEDOS KERMESSE DE PARIS R. 1.ª de Dezembro, 127 Telef. 35031	DISCOS Fabricantes e editores VALENTIM DE CARVALHO, CI SARL	QUEM NÃO ANUNCIA ESCONDE-SE
Parceria A.M. Pereira, Lda. Rua Augusta, 44 - 54 ULTIMAS NOVIDADES LITERARIAS «AS DELICIAS» DE JACQUES LAURENT PREMIO GONCOURT 1971	BORDADOS DOS AÇORES ARTESANATO E ARTIGOS PARA BRINDE GRANDE VARIEDADE A PREÇOS MUITO ACESSIVEIS CASA REGIONAL DA ILHA VERDE RUA PAIVA DE ANDRADA, 4 (L. do Chiado)	PASTELARIA MARQUES R. Garret, 72	JOUE NO CAMPIÃO	Costa & Branco Artigos de Decoração Balanças — Ménage LISTAS DE CASAMENTOS R. da Assunção, 75 — Tel.: 32 59 35 — Lisboa	JOUE NO CAMPIÃO

CASA AFRICANA

161 RUA AUGUSTA 171

1872 CENTENÁRIO 1972

SEMPRE AS ULTIMAS NOVIDADES EM TODAS AS SECÇÕES

DL / AUTOMOBILISMO

XIII CIRCUITO DE VILA DO CONDE UMA PROVA PARA ESQUECER

Enlutado por um acidente trágico em que perdeu a vida o piloto Luís Fernandes, uma das mais significativas figuras do automobilismo nacional, morto em circunstâncias que evidenciaram a completa inoperação dos serviços de segurança da pista, e comprometido ainda por um somatório de casos de muito menor importância mas que abalaram a estrutura da organização, o XIII Circuito de Vila do Conde constituiu, infelizmente, uma jornada negativa de automobilismo, em que a única coisa que esteve certa foram apenas os pilotos.

Ocorrido no sábado, durante os treinos, o acidente criou um ambiente de consternação. Sobre as suas presumíveis causas e condições em que se verificou, falaremos noutra local, mas não queremos, desde já, deixar de assinalar que talvez se pudesse ter evitado, ou pelo menos limitado nas suas consequências, se tivesse havido um espírito preventivo. E aí todos lembraram o eng. Carlos Fonseca, habitual director da prova e que este ano, por se encontrar ausente, foi substituído nessas funções. Sem quereremos imputar responsabilidades a quem exerceu tal cargo devemos contudo salientar que a experiência do eng. Carlos Fonseca foi sempre preciosa em anos anteriores.

Desportivamente este Circuito de Vila do Conde não atingiu o nível desejado. Apenas as corridas de Grupo 1 e do Troféu Datsun mantiveram acesso um verdadeiro clima de competição, fornecendo até vencedores talvez não muito esperados. No Grupo 2 logo nas primeiras voltas os mais favoritos tiveram que vir à «box» resolver insignificantes problemas mecânicos mas que foram o bastante para os colocar fora de todas as possibilidades de vitória. Na Fórmula Ford Ernesto Neves «passou-lhe», como habitualmente, a uma grande distância dos seus mais directos adversários. Seria também vencedor fácil dos Grupos 3, 4 e 5 pois Carlos Santos, que nos treinos gripou o motor do Porsche 907, acabou por alinhar com o mesmo carro mas com um motor bastante menos potente. De salientar também a atitude de grande desportivismo e até de consideração para com o público que nos ofereceu Araújo Cabral, regressando à pista quando já não tinha possibilidades de se classificar bem, para rodar de tal modo que fez nessa altura a volta mais rápida.

Logo na primeira passagem pela meta Mário Gonçalves ocupava já a quarta posição e Araújo Cabral, no comando, usufruía de uma vantagem de 7 segundos sobre o segundo que era Mário de Figueiredo. De repente, um golpe de teatro, alterou todas as posições. Mário Gonçalves encostou definitivamente na «box» com o carro a deitar fumo, em consequência de ter batido nos fardos de palha que incendiou. Logo a seguir veio Araújo Cabral cujo carro não tinha corrente. Após

LUÍS FERNANDES VÍTIMA DE UM ACIDENTE MORTAL

se Carlos Ferreira ficava na pista por não ter conseguido pôr o carro a trabalhar.

Logo na primeira passagem pela meta Mário Gonçalves ocupava já a quarta posição e Araújo Cabral, no comando, usufruía de uma vantagem de 7 segundos sobre o segundo que era Mário de Figueiredo.

De repente, um golpe de teatro, alterou todas as posições. Mário Gonçalves encostou definitivamente na «box» com o carro a deitar fumo, em consequência de ter batido nos fardos de palha que incendiou. Logo a seguir veio Araújo Cabral cujo carro não tinha corrente. Após

várias voltas perdidas chegou-se à conclusão que a avaria era... um fusível. Gomes Pereira perdeu também bastante tempo nas «boxes» devido a uma vela isolada. António Borges ficou assim no comando da prova, que saberia conservar até final. A cinco voltas do fim o seu avanço em relação a Mário de Figueiredo era de mais de 40 segundos. Entretanto Araújo Cabral tinha regressado à pista e à 18.ª volta fez o melhor tempo, com 1.12,23 (média de 134,573 km/h). Completadas as 25 voltas regulamentares António Borges era o vencedor enquanto Cabral e Gomes Pereira se distinguiram pelas suas excelentes actuações.

Luís Fernandes, e dado que os pilotos não fizeram mais que três ou quatro voltas no decorrer destes, a organização decidiu organizar uma curta sessão de treinos antes de se iniciar o programa de domingo.

Na Fórmula Ford, ninguém «contestou» o primeiro lugar de Ernesto Neves, mas a luta pelo 2.º lugar, que englobou Robert Giannone, Santos Mendonça, António Borges e Artur Passanha, foi agradável de seguir.

O primeiro a arrancar da grelha de partida foi Giannone, mas no final da primeira volta já «Nene» era primeiro. Depois vinha Giannone e, um pouco

- 7.º Joaquim Martins (Aurora V) a 2 voltas (1.º da Fórmula V)
8.º Joaquim Moutinho (Aurora V) a 2 voltas
9.º João Vasco (Sequeira V) a 4 voltas
10.º Miguel Lacerda (Aurora V) a 6 voltas
- Volta mais rápida:**
F. Ford — Artur Passanha — 1.10,21 à média de 138,450 km/h
F. V. — Miguel Lacerda — 1.16,19 à média de 127,579 km/h.

GRUPO 1 BERNARDO SÁ NOGUEIRA

Para a corrida de Grupo 1 alinharam 23 dos 26 concorrentes inscritos. Os mais rápidos nos treinos foram Ernesto Neves (Chevrolet Camaro), Bernardo Sá Nogueira (Alfa-Romeo 2000 GTV) e Mário Araújo Cabral (BMW 2002 TI).

Logo à partida Ernesto Neves afastou-se ligeiramente a «Nicha» Cabral e Bernardo Sá Nogueira, tendo passado ao fim da primeira volta com 100 metros de avanço sobre este último que então ocupava o 2.º lugar — e Nicha Cabral desceu para a 5.ª posição. A sua frente estavam Jorge Ribeiro de Sousa e «Lumaro».

Ernesto Neves começou entretanto a ter problemas com o seu carro, que falhava nitidamente e perdia terreno em relação a Sá Nogueira, tendo sido ultrapassado à 10.ª volta.

- 4.º Christian Melville (BMW 2002 TI) a 13,69.
5.º Araújo Cabral (BMW 2002 TI) a 22,78.
6.º Ernesto Neves (Chevrolet Camaro) a 24,44.
7.º Ribeiro de Sousa (Alfa Romeo 2000 GTV) a 31,82.
8.º «Lumaro» (Alfa Romeo 2000 GTV) a 1.05,97.
9.º António Herédia (Alfa Romeo 2000 GTV) a 1.12,20.
10.º Pedro Kasteiro (BMW 2002 TI) a 1.15,34.
- Volta mais rápida:** Ernesto Neves, em 1.18,56, média de 23,730 km/h.

TROFÉU DATSUN JOAQUIM MOUTINHO

Joaquim Moutinho comandou a Taça Datsun, reservada aos Datsun 1200 e contando para o respectivo Troféu, da primeira à última volta, apesar das tentativas da Adalberto Medeiros, segundo classificado, para o ultrapassar, sobretudo na travagem para a curva ao fundo da recta da meta. A semelhança de andamento dos carros e de recursos dos pilotos, determinaram o equilíbrio da corrida.

Depois do arranque, os pilotos que ocupavam as três primeiras posições da grelha da partida, Adalberto Medeiros, Joaquim Moutinho e Clemente Ribeiro da Silva, fizeram toda a recta da meta lado a lado, e as posições no final da primeira volta foram determinadas pela travagem para a primeira curva. Medeiros foi o primeiro a «levantar o pé», depois Ribeiro da Silva e, por último, quase ao mesmo tempo que o anterior, Moutinho. Estes formariam, durante toda a corrida, o grupo dos primeiros, a que se juntaria Francisco Fino.

Nas primeiras voltas, Moutinho era o comandante, seguido de Ribeiro da Silva e Medeiros,

mas estes trocariam as posições na 4.ª volta. Após estas quatro, vinha outro grupo de cinco pilotos, Pedro Meireles, Santinho Mendes, Afonso Fonseca, Rui Sampaio e Jorge Andersen. As constantes mudanças de posição entre Meireles e Santinho Mendes, constituíram a nota mais espectacular e emotiva da corrida, e foi pena que este último tenha sido desclassificado por obstrução.

A nota mais desagradável da Taça Datsun, foi, sem dúvida, o facto de não terem sido admitidos à partida José Meireles e «Alan Jones». Estes dois pilotos, durante os treinos ficaram sem uma roda por terem batido no passeio da «chicane». No intervalo entre os treinos e a corrida, qualquer dos dois carros foi arranjado com vista à corrida. Não sabemos se os carros estavam, ou não, em condições para participarem na corrida, mas os organizadores também o não podem saber pois nem se «dignaram» vistoriá-los, o que não terá sido a atitude mais correcta, pelo contrário da direcção da prova.

CLASSIFICAÇÃO FINAL

- 1.º Joaquim Moutinho — 20 voltas em 30 m. 02,85 (média de 107,829 km/h)
- 2.º Adalberto Medeiros, a 0,47 segundos
- 3.º Clemente Ribeiro da Silva, a 1,20
- 4.º Francisco Fino, a 1,80
- 5.º Pedro Meireles, a 19,07
- 6.º Afonso Fonseca, a 19,53
- 7.º Rui Sampaio, a 19,83
- 8.º Jorge Andersen, a 22,95
- 9.º Mário Figueiredo, a 31,30
- 10.º José Sá Chaves, a 31,70

VOLTA MAIS RÁPIDA

Rui Sampaio, 1.28,32 (média de 110,054 km/h)

vantagem sobre Carlos Santos, que foi segundo.

Americo Nunes andou em segundo lugar durante as duas primeiras voltas, tendo depois sido ultrapassado por Carlos Santos, terminando com menos duas voltas em relação aos dois primeiros. «Lumaro» foi desclassificado, alegando o director da corrida, primeiro, que aquele concorrente havia saído pela escapatória da «chicane» e, na sua reentrada em pista, obstruído Ernesto Neves. Ernesto Neves, que no fim da prova consultámos sobre o assunto, afirmou-nos que «Lumaro» não lhe tinha feito qualquer espécie de obstrução na sua reentrada em pista. Posta a questão ao director da prova fomos informados que «Lumaro» tinha infringido o Regulamento por não ter saído da escapatória em marcha atrás e reentrado na pista no sítio onde tinha saído, mas sim pelo fim da escapatória e aí reentrado. A versão de «Lumaro» é, porém, diferente, afirmando-nos ter saído pelo fim da escapatória por indicação de um Comissário de pista em serviço no local.

CLASSIFICAÇÃO FINAL:

- 1.º Ernesto Neves (Lotus 62), 30 voltas em 33,47,25, média de 143,840 km/h
 - 2.º Carlos Santos (Porsche 907), a 18,10
 - 3.º Miguel Nunes (Porsche 906) a 2 voltas
 - 4.º Américo Correia (Porsche 914/6), a 4 voltas
- Volta mais rápida: Ernesto Neves e Carlos Santos, ambos com 1.06,07, média de 147,126 km/h.

GRUPOS 3, 4 E 5 ERNESTO NEVES

Com a ausência do Lola T 280 do Team «BIP», Ernesto Neves (Lotus 62) era, naturalmente o favorito para a corrida destinada aos automóveis dos grupos 3, 4 e 5, tanto mais que Carlos Santos (Porsche 907) havia gripado o motor do seu carro durante os treinos de sábado, tendo alinhado com o mesmo carro mas com o motor do 906 que estava inscrito para Artur Passanha, que assim se viu irado de correr.

A primeira linha da grelha de partida era constituída por Ernesto Neves (1.06,19), Carlos Santos (1.06,52) e Américo Nunes (Porsche 906) com o tempo de 1.11,76. Artur Passanha havia conseguido 1.15,24 e partilhava a 2.ª linha com «Lumaro» (Lotus 47). Na 3.ª linha estava apenas Miguel Correia (Porsche 914/6). Com Artur Passanha a se alinhar apenas 5 carros, tendo Ernesto Neves, como se esperava, comandado a prova desde a primeira volta, vindo a terminar com 18 segundos de

CLASSIFICAÇÃO FINAL

- 1.º Bernardo Sá Nogueira (Alfa Romeo 2000GTV), 25 voltas em 33,48,32, média de 119,804 km/h.
- 2.º Carlos Santos (BMW 2002 TI) a 6,16.
- 3.º Gomes Pereira (Opel Commodore GSE) a 12,91.

CERVEJA SUPER BOCK PARA OS JORNALISTAS

Por gentileza da Companhia União Fabril Portuguesa, e tal como já havia acontecido em Vila Real, os representantes dos Órgãos de Informação puderam dispor, também em Vila do Conde, de um bem fornecido bar, onde gratuitamente lhes era servida a magnífica cerveja Super Bock, bem como refrigerantes produzidos pela CHUFF.

A noite nas suas modernas instalações fa-

bric, esta empresa ofereceu um jantar aos concorrentes, durante o qual o Estrela e Vigorosa procedeu a uma breve cerimónia de distribuição de prémios que, infelizmente, não teve a assinalável alegria habitual.

Pela nossa parte é-nos grato registar a amabilidade da administração da CUFP dispensada ao longo dos dois dias de prova.

CLASSIFICAÇÃO FINAL

- 1.º Ernesto Neves (Lotus 69/Novamotor) 25 voltas, em 30 m. 6,61 s. (média de 134,506 km/h).
- 2.º António Borges (Merlyn MK17/Steel), a 2,11 segundos.
- 3.º Artur Passanha (Merlyn MK17/Holbay), a 3,56
- 4.º António Santos Mendonça (Merlyn MK20/Scholar), a 10,11
- 5.º Robert Giannone (Lotus 61M/Piper), a 15,68
- 6.º Honorato Filipe (Lola T200/Steel), a 35,66

FÓRMULA FORD E V — ERNESTO NEVES

Ernesto Neves voltou a ganhar, à vontade, uma prova de Fórmula Ford, mas na Fórmula V, o vencedor foi um estreante, Joaquim Martins, portanto um nome novo que chegou à Fórmula V tendo como única experiência em competição o «karting».

Depois de os treinos de sábado terem sido interrompidos devido ao acidente que vitimou

DL/DESPORTOS

CARRANZA FICA EM ESPANHA

O Benfica perdeu a hipótese de conquistar pela segunda vez consecutiva o já famoso «Troféu Ramon Carranza» ao ser derrotado pelo Atlético de Bilbao por 2-1. Néné, quando iam decorridos 21 minutos do primeiro tempo abriu o activo com remate de longe que surpreendeu Iribar. Mantive-se o Benfica na situação de vencedor até oito minutos do final da partida momento em que Carlos, beneficiando de uma má intercepção

de Adolfo, estabeleceu a igualdade. Atingido o tempo regulamentar com as equipas empatadas seguiu-se um prolongamento de meia hora dividido em duas partes de 15 minutos. E foi mesmo próximo do esgotar das duas horas de jogo, (quando já se aventava a hipótese de ter de se recorrer à marcação de grandes penalidades) que o Atlético basco se colocou em vencedor com novo tento de Carlos.

Com a vitória praticamente assegurada, o Benfica acabou por perder o desafio e a taça, mas, de qualquer forma, entraram mais 1300 contos nos cofres do clube o que já não foi nada mau. Assinale-se que, com este triunfo, os «leões de San Mamés», (que no início do torneio formavam a turma a quem era atribuída menor dose de favoritismo) conquistaram o seu primeiro «Troféu Carranza».

Em jogo a contar para o 3.º e 4.º lugares, o Botafogo venceu o Bayern de Munique por 4-2.

INAUGURAÇÃO DO NOVO BESSA

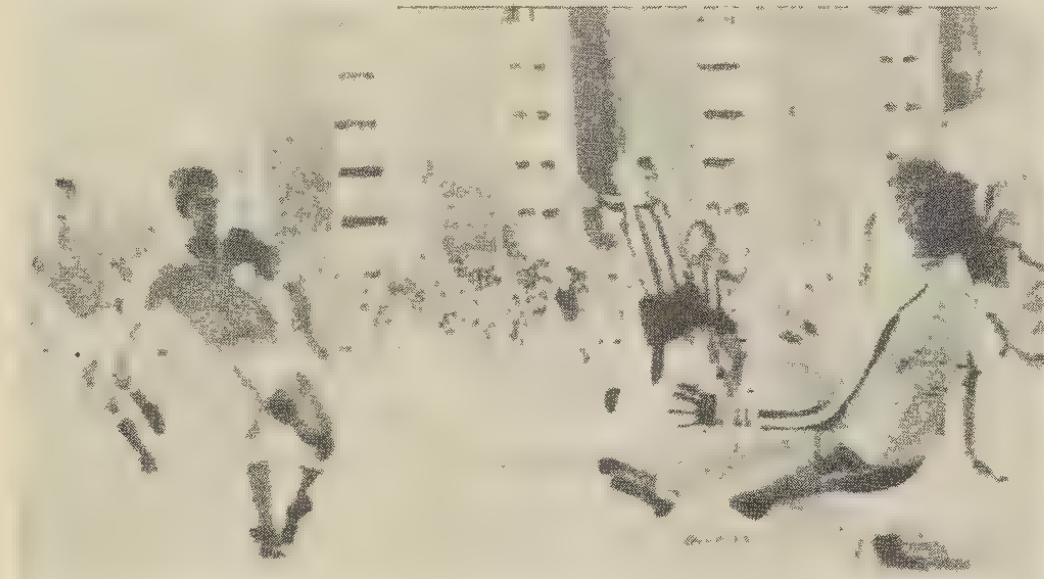
Novo empate se registou no Estádio do Bessa a contar para o troféu «O Tripeiro» (instituído para assinalar a inauguração do renovado campo do Boavista). Os alemães do Furth (que na jornada inaugural haviam empatado por 1-1 com o clube em festa) voltaram a conseguir resultado idêntico frente ao F. C. Porto. A equipa alemã foi a primeira a marcar no decorrer do primeiro tempo, o brasileiro Celso fixou o resultado, quando o cronómetro assinalava, os 38 minutos da etapa complementar. O torneio termina amanhã com o encontro entre Boavista e F. C. Porto. O Furth jogará na próxima 5.ª feira (no Restelo) com o Belenenses.

A turma de juniores do Benfica, venceu os ingleses do Staffordshire (schools) (por 3-2) numa partida realizada no Estádio da Luz.

Em Coimbra, o União foi batido pelo Belenenses por 1-0, gol de Laurindo. Quaresma continua no «meio-campo».

Para assinalar a iluminação do Campo Marcolino de Castro, em Vila da Feira, realizaram-se naquela vila dois jogos de futebol em que se verificaram os seguintes resultados: Feirense, 2-Oliveirense, 0 e Espinho, 0-Académica, 1.

A Cuf, que continua em digressão por terras de Espanha, empatou a um gol com a turma espanhola do Linares, que milita na III Divisão do país vizinho. Monteiro apontou o gol da equipa portuguesa.



Contra o Botafogo, o ataque encarnado realizou excelente exibição, com relevo para Néné. Aqui o vemos a marcar o primeiro gol.

FUTEBOL



José Henrique, foi a grande figura do encontro de ontem à noite, contra o Atlético de Bilbao. Um punhado de excelentes defesas, tardou a vitória dos espanhóis.

Em Aveiro (no Estádio Mário Duarte) o Beira Mar recebeu o União de Leiria e não conseguiu melhor resultado que um empate (1-1). Pela equipa aveirense alinharam já os brasileiros Zeção e Edson, recentemente chegados do Recife, mas foi outro brasileiro, Alemão, quem marcou o tento da turma visitada. Eurico, o ex-benfiquista, que este ano representará o Beira Mar, teve actuação bastante promissora, cotando-se como um dos melhores jogadores em campo. Rocha marcou o tento do União de Leiria.

Disputaram-se os primeiros jogos a contar para a «Taça de Honra» da Associação de Futebol de Faro. Resultados: Portimonense, 5 — Silves, 0 e Olhanense, 2-Lusitano de Vila Real, 0.

Para a «Taça de Honra» da A. F. Santarém», o União de Tomar venceu o Tramagal por 1-0, gol de Pavão.



Na inauguração do Bessa, F.C. do Porto e Furth proporcionaram um excelente espectáculo. Em todos os lances houve animação e despiques.

Externatos

AV. DA REPÚBLICA, 83-52
TEL. 77 90 47 - 76 96 20

CRISFAL

LICEU — CICLO PREPARATÓRIO
MANHÃ — TARDE — NOITE

AMBAR

FÁBRICA DE ARTIGOS DE BRINDE

ARCAS
CONGELADORAS

8 MODELOS DIFERENTES DE 170
A 850 LITROS
ALTA QUALIDADE. BAIXO PREÇO

NOVIMPORTA

Centro Comercial de Importação, Lda.
Estrada da Luz, 173 A a D — Tel.: 78 26 94
LISBOA

DL/DESPORTO

JOGOS OLÍMPICOS

PRIMEIRAS MEDALHAS

MUNIQUE, 28 — Foi estabelecido ontem de manhã o primeiro recorde do mundo nos jogos da 20.ª Olimpíada. A proeza deve-se a um homem que nunca tinha concorrido no continente europeu, Gyi Aung, da Birmânia, de 26 anos, arrancando com 105 kg, na categoria de mínimos. Ba-

teu assim por dois quilos o recorde do polaco Zygmund Smalczers.

Gyi Aung, praticamente desconhecido ultimamente, contudo não fez mais do que recuperar aquilo que já lhe pertencia em 1970, quando chamou a si o recorde mundial com 100 kg 500.



Depois da cerimónia oficial da abertura dos 20.º Jogos Olímpicos, que decorreu sem uma única falha, começaram ontem as provas propriamente ditas, ainda e sempre sob o mesmo signo: no ritmo certo e cadenciado previsto pela organização, sem um único senão a apontar.

Em todas as modalidades que já subiram a primeiro plano, nota-se um equilíbrio entre a maioria dos participantes, o que empresta maior espectacularidade às provas.

A primeira das 1109 medalhas a atribuir no decurso da 20.ª Olimpíada foi atribuída a um sueco (Ragnar Skanaker,) em consequência da sua vitória na prova de tiro livre com pistola, realizada ontem. Skanaker conseguiu 587 pontos num total de 600, estabelecendo assim um novo recorde olímpico. Sucederam-lhe o romeno Dan Iuga (562, medalha de prata) e o austríaco Rudolf Dollinger (560 pontos, medalha de bronze). O campeão olímpico dos últimos jogos, Gregory Kosykh, russo, classificou-se apenas num oitavo lugar. Na primeira jornada do tiro aos pratos classificou-se em primeiro lugar o italiano Angelo Scalzone.

Nas eliminatórias de remo, a melhor equipa a da União Soviética que conseguiu qualificar os seus sete barcos para as meias-finais. A Alemanha de Leste apenas qualificou cinco, seguindo-se-lhe a Nova Zelândia com quatro barcos directamente qualificados e a Alemanha Ocidental com três.

Em boxe não se registaram surpresas de realce. O único K.O. deu-se na categoria de pesos meio-leves em que o representante russo venceu o seu adversário nigeriano.

Quanto às eliminatórias de luta livre, também nada de especial a assinalar.

O halterofilismo, no entanto, começou com uma surpresa: na categoria de pesos mínimos, no grupo A, normalmente o mais fraco, o birmânês Gyi Aung bateu o recorde do mundo do arranque com 105 kg. Só não obteve uma medalha devido a ter obtido maus resul-

tados nos outros movimentos. Quanto aos desportos de equipa, começaram os torneios de futebol, de basquetebol, voleibol, hóquei em campo e water-polo.

Em futebol, a Hungria (detentora do título) venceu facilmente o Irão e a Alemanha de Leste impôs-se facilmente à Malásia. Os Estados Unidos empataram com Marrocos e o Brasil foi batido por uma boa equipa dinamarquesa.

feminino, a Hungria derrotou a Alemanha Federal por 3/0.

Inesperadamente, a equipa de hóquei em campo da Holanda conseguiu um empate frente à Índia (1/1) enquanto que a Polónia bateu o Quénia. O Paquistão (detentor do título) venceu facilmente a França por 3/0.

Nada de inesperado em water-polo: a Jugoslávia, a Hungria e a URSS, favoritos, venceram as suas partidas.

PRIMEIROS RECORDES



Contabilidade olímpica

Depois da primeira jornada das competições dos jogos da 20.ª olimpíada, a distribuição de medalhas é a seguinte: Polónia, 1 medalha de ouro; Suécia, 1 medalha de ouro; Hungria, 1 medalha de prata e uma de bronze; Roménia, 1 medalha de prata; Áustria, 1 medalha de bronze.

PORTUGUESES EM ACÇÃO

Os portugueses também já entraram na competição olímpica. De todos os resultados conseguidos, destaca-se apenas o alcançado por Armando Marques na prova de tiro a chumbo. De resto, a actuação dos portugueses tem sido medíocre. Eis os resultados apurados:

Orlando Gonçalves foi batido aos pontos pelo turco Vehbi Akdag, na primeira volta do torneio de luta livre (62 quilos).

José Lopes Mareves ficou em 6.º lugar na série 3 de Remo (Skiff), com 8 horas, 21 minutos e 58 segundos.

Os portugueses Oliveira-Barros classificaram-se em 4.º lugar na 4.ª série de Duplos-Scull.

Armando Marques ocupa a oitava posição no final do primeiro dia da prova de tiro a chumbo dos Jogos Olímpicos de Munique.

Marques totaliza 72 pontos, enquanto que a primeira posição é ocupada pelo italiano Angelo Scalzone com 75 pontos.

OS VELEJADORES ENTRAM HOJE EM ACÇÃO

MAS SÓ PARA O DESFILE INAUGURAL

Os organizadores alemães sentem-se orgulhosos de terem podido apresentar hoje de manhã, quando da abertura dos campeonatos de vela, um tempo quase mediterrâneo e um vento primaveril.

A cerimónia de abertura foi presidida por Avery Brundage. Depois de ser acesa a chama olímpica, as equipas desfilaram. Logo a seguir tocaram todas as sirenas dos barcos presentes.

Cinco orquestras, além da banda da Marinha alemã, tocam durante todo o dia. Para-que-distas desceram num céu azul, traçando percursos com as cores dos vigésimos Jogos, aterrando numa ilha flutuante de plástico. Centenas de pequenos veleiros passaram depois perante as tribunas. Amanhã será dada a partida para a primeira regata.

Os jornalistas disporão de uma pequena frota, a fim de poderem seguir a corrida. O público também o poderá fazer, pois barcos com quatro mil lugares ser-lhe-ão destinados. Quarenta e três nações estão representadas num total de 320 concorrentes.

IDÍLIO OLÍMPICO

Parece ter nascido um idílio na aldeia olímpica entre o vellebre nadador americano Mark Spitz (22 anos) e a sua compatriota Johann Harshbarger (17 anos), detentora do recorde mundial dos 800 metros livres. São vistos juntos frequentemente na aldeia olímpica, mantendo-se afastados das outras pessoas e mantendo longas conversações.

Mark convidou Johann a assistir aos encontros de water-polo hoje — no começo da noite.

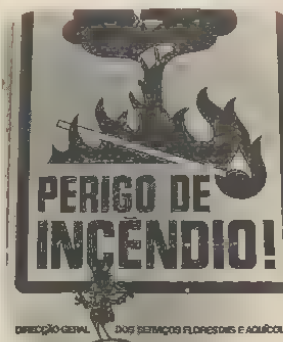
Torraltá

Turismo de hoje
pensado para o futuro



RENASCENÇA GRÁFICA S.A.R.L.
PROPRIETÁRIA DO
DIÁRIO DE LISBOA
ADMINISTRAÇÃO GERAL
REDACÇÃO E PUBLICIDADE
RUA CASTILHO 185-1 2.º E 4.º
TELEF. 654531/2 3 4
SERVIÇOS TÉCNICOS
RUA LUZ SORIANO 44
RUA DA ROSA 57
END. TEL. OBOA TELEX 1363
LISBOA PORTUGAL

FOGO NA FLORESTA - I AS VOZES DO POVO NÃO CHEGARAM AO CÉU



«Haverá que se ter em atenção a problemática do nosso tempo, a necessidade de actualmente se agir de maneira diferente, de se procurar uma participação consciente das popu-

lações, por forma a que o desenvolvimento económico se traduza também em progresso social das comunidades»

(Eng. Vasco Leônidas)

Um copo
de boa disposição...



...para todo o dia!

Mais disposições, azia, náuseas e entarmentamentos provocados por excesso de comidas e bebidas são eliminados por um agradável e refrescante copo de «Samarin»

caixas com 36 cápsulas individuais



À venda nas Farmácias

«Nada se faz sem a vontade do povo» — diz-nos, na sede da Junta de Freguesia de Talhadas do Vouga, o respectivo presidente, sr. António Afonso de Pinho. — «Tudo o que se pretende realizar aqui, tudo o que se pretenda modificar, terá de obter nossa participação. Se o interesse directo das populações não entrar em jogo, tudo falhará. Sempre foi assim».

É um homem sereno, com súbitas explosões de paixão. Lúcido na sua filosofia de longa prática de ironia campestre. Decidido na aparente fragilidade física dos seus sessenta anos. «É um tipo com a coragem no sítio» — comenta um seu colaborador — «por isso gosto dele».

António Afonso Pinho encabeça, por força das suas funções, um dos mais curiosos movimentos de consciencialização verificados em Portugal ao longo das últimas décadas: a luta de toda uma região contra as arbitrariedades cometidas, desde a época da sua implantação na zona, pelos Serviços Florestais. Agora que um incêndio de enormes proporções liquidou grande parte do esforço (e das muito hipotéticas vantagens das violências cometidas), é o próprio presidente da Junta de Freguesia de Talhadas do Vouga que nos confirma:

— Desgraçadamente, isto só veio confirmar a nossa razão. Há tempos que andamos de porta em porta a dizer que ficamos todos assados na primeira altura. O avanço dos Serviços Florestais sobre as povoações, a falta de meios de defesa contra o fogo, também a falta de limpeza das matas, tudo isto cria uma situação de autêntico suicídio. O problema diz-nos respeito, porque somos nós que estamos em causa, somos nós que sofremos as consequências. As nossas vidas e os nossos haveres. As nossas terras.

UM EXEMPLO

Ainda o fogo grande do Vale do Vouga. O tal que, em três dias, causou um milhão de contos, ou vinte mil, ou duzentos mil. Conforme os ângulos de visão. Conforme as pessoas — ou os departamentos — que avaliavam por alto. A olho. O tal que devastou sete, oito ou dez mil hectares de floresta. Ou talvez dez vezes mais, pelos cálculos dos mais avisados.

O incêndio do Vale do Vouga começou perto de Paradelas, logo a seguir ao Poço de Santiago. Tudo indica que foi o velho comboio que liga Espinho a Viseu que lhe deu causa. O «lança fogo, como lhe chamam (chamavam). As labaredas, empurra-



Posto de vigia nas encostas de Doninhas (Talhadas): o fogo devorou tudo em redor.

das por um vento de nordeste em tempo quente, um vento forte e estranho que bateu aquelas serranias durante quase uma semana, em vários sentidos, as chamas lambeiram as encostas do rio Vouga, até à Sernada, e subiram por ali acima quase até Albergaria-a-Velha. Entretanto, atacaram, do outro lado do monte (a nascente do rio) a mata nacional na freguesia de Paradelas do Vouga, avançaram pelas Talhadas acima, envolveram, mais a sul, a freguesia de Valongo do Vouga, ameaçaram ou queimaram povoações, desceram até ao Alfusqueiro, galgaram-no e iniciaram a escalada do Caramulo pelo perímetro do E é difícil dar uma ideia ao leitor que não conhece a região. O próprio mapa é pouco esclarecedor, dada a especial característica do terreno em que o fogo se desenvolveu. A escuridão-ambiente é uma constante em dezenas e dezenas de quilómetros percorridos por caminhos sinuosos de montanha, estradas florestais precárias, vias de comunicação municipais ou de freguesia onde os carros passam a custo ou não passam. Milhões de árvores mortas ou, pura e simplesmente, calcinadas.

É a sorte espantosa que fez parar o vento na segunda-feira, 21, permitindo que o processo do contra-fogo, largamente utilizado pelas populações com rara mestria, detivesse as chamas no limiar da tragédia.

Na freguesia das Talhadas, quase no limite com a de Valongo, a aldeia de Macida é um exemplo. Envolvida pelos Serviços Florestais, esteve condenada à morte.

— Estávamos cercados, não tínhamos já possibilidades de socorro — conta o habitante de Macida, sr. Manuel Nunes Pinheiro. — Todo o povo estava lá. O fumo não deixava respirar. Deitámos as crianças para que o fumo lhes passasse por cima.

lugares, temos de ajudar-nos uns aos outros.

A cena passava-se na sede do organismo administrativo das Talhadas. Uma delegação da Macida vinha pedir providências, lembrar à Junta que não os esquecesse. Visivelmente perturbado, outro pequeno proprietário, Joaquim Fernandes, queixava-se de uma vinha que ardeu:

— Nem por mil contos a vendia. Era a melhor da freguesia. Na floresta arderam, também, 400 colmeias minhas. Tive de meter requerimento para as colocar na mata. Olhe se fosse o contrário...

Outra vez o sr. Nunes Pinheiro:

— Gastou-se tanto depois do fogo, com aviões, centenas de bombeiros, tropa, material público e privado, dias de trabalho perdidos. Por que não se gastou logo de princípio? Por que se deixou o fogo chegar onde chegou? — É um exemplo: — Se a gente sente uma dor, vamos ao médico. Então que fazer num caso destes?

O GLÁDIO

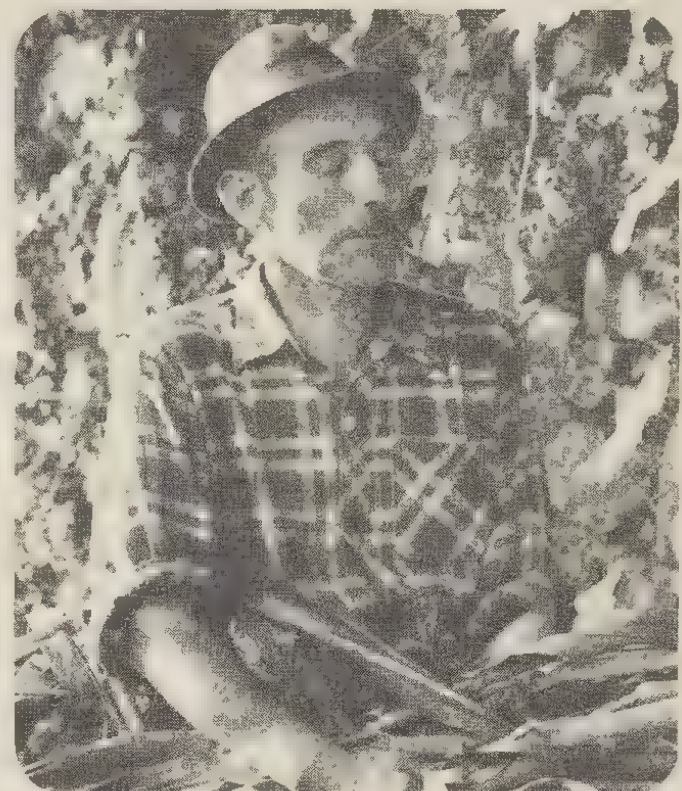
Freguesia de 325 famílias, Talhadas do Vouga tem algumas povoações cercadas, de perto, pela mata nacional. Há casos estranhos de que falaremos depois. Agora o de Macida:

— A aldeia está circundada pela floresta — confirma outro habitante local. — Mas há vários terrenos, junto do povoado, que a Junta de Freguesia reivindica. Os Serviços Florestais, ao colocar os marcos, não respeitaram mapas nem promessas.

(Dos nossos enviados especiais)

A. PEREIRA DA SILVA (texto)
e LOBO PIMENTEL JR. (fotos)

— Tudo se há-de arranjar. A Junta possui matos noutros
Ao lado, alguém comenta: — E a Macida não foi das mais prejudicadas.



António Pinho: um homem do campo sabe o que quer.

Sómente nos dias 29, 30 e 31 de Agosto e 1 de Setembro

LOJA DAS MEIAS SALDA

Sedas naturais; algodões suíços, italianos e nacionais; fazendas de lã francesas, italianas e nacionais; sapatos Christian Dior, sandálias italianas; óculos para sol; bijouteria francesa e italiana; gabardinas para homem e senhora das marcas Aquascutum, Daniel Hechter, Leonard, Moseley, Feraud, etc. Pronto a vestir das melhores marcas: Miss Dior, Ted Lapidus, Leonard, Daniel Hechter, Charles Maudret, Bess Art, Real, Mansfield, Young Look, Colin Glascoe, MM Pret a porter, Bacarat, etc.; malhas para homem e senhora em cashemer, lambswool, angorá; calças Levi's; Malas para senhora em crocodilo, calf e verniz nacionais e italianas; confecções para homem e senhora em cabedal e camurça franceses; Gravatas; fatos para homem; Camisas italianas e nacionais da Lotus, Ponto Vermelho, Samurai e Gilene; Sacos de praia nacionais e italianos; Fatos de banho e biquinis da Mayogaine, Nina Ricci, Leonard, Pascal, Triumph, Jerseys Modeller; Lingerie; Lenços de seda natural; Chapéus de chuva

E AINDA MUITO MAIS COISAS MAS TUDO A PREÇOS

INCRIVELMENTE BARATOS !!!

O NOVO ATENTADO CONTRA HASSAN II

POR DUAS VEZES O REI ESCAPOU AOS TIROS DOS AVIADORES REBELDES



Na quarta-feira, o rei Hassan II escapou à morte por duas vezes: no «Boeing-727» especial, atacado, quando sobrevoava Tetuão, por quatro aparelhos das forças reais aéreas, vindas, em princípio, recebê-lo e escoltá-lo até Rabat; e depois, no aeroporto de Rabat-Salé, metralhado e bombardeado com foguetes, pelos aparelhos rebeldes.

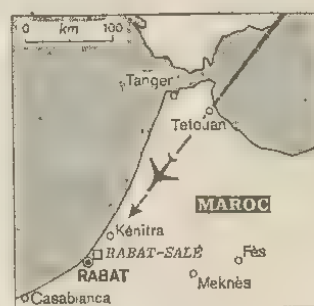
As circunstâncias em que se desenrolaram estes dois ataques permanecem, a muitos títulos, misteriosos. Todavia, os comunicados das agências e os comunicados oficiais permitem reconstituir os acontecimentos desta maneira:

Pelas 16 horas, o «Boeing-727» especial que transporta o rei Hassan II e o seu séquito passa na vertical de Tânger, vindo de Barcelona, onde o soberano marroquino tinha almoçado com Lopez Bravo, ministro espanhol dos Negócios Estrangeiros. Minutos mais tarde, quando o «Boeing» sobrevoava Tetuão, 300 quilómetros ao norte de Rabat, quatro aviões de caça marroquinos surgem no céu. Um deles abre fogo contra o aparelho de Hassan II, infligindo-lhe estragos superficiais na carlinga e na cabine do piloto. São feridos vários membros da comitiva do soberano, como o ministro Aberrahman El Kohen. Nessa altura faltam ainda uns vinte minutos de voo até ao aeródromo de Rabat.

MANHA DE REI

Porque não continuaram os aparelhos rebeldes a perseguir o aparelho do rei? Uma manha decisiva parece ter salvo a vida do soberano. Segundo o príncipe Mouley Abdallah, irmão de Hassan, este último dirigiu-se pela rádio, desde as primeiras rajadas das metralhadoras, aos pilotos dos F-5, e, fazendo-se passar por um «mecânico», informou-os de que o rei estava gravemente atingido, assim como o piloto e o co-piloto, e que o avião ia tentar fazer uma aterragem

de emergência. Esta versão, relatada pela agência Associated Press, diverge da versão da A.F.P., que, citando fontes afectas ao palácio, afirma que o soberano anunciou a própria morte, numa mensagem desti-



nada à torre de controle de Rabat. Essa emissão captada pelos pilotos amotinados, tê-lo-ia levado a cessar-fogo.

Seja como for o «Boeing» real pilotado pelo capitão Mohamed Kabbage, aterrou pelas 16 h. e 35 na ponta da pista no aeródromo de Rabat-Salé, quando já dois dos três reactores tinham caído em «panne». Os membros do governo que vinham esperar o rei espantaram-se por verem o aparelho imobilizar-se a grande distância do salão de honra onde era esperado. Minutos depois chega o rei num Mercedes negro, acompanhado do irmão. Um pouco mais pálido que de costume, passa rapidamente em revista a guarda de honra e saúda as personalidades que vierem acolhê-lo, como seja o embaixador da França, Claude Lebel.

O ATAQUE AO AERÓDROMO

São nessa altura 17 horas e 10. O soberano marroquino, numa saleta contígua ao salão de honra, põe a sua roda a par do atentado de Tetuão. No entanto, as passagens repetidas de quatro aparelhos de caça por sobre o aeródromo dão-lhe a certeza de que os pilotos sabem que ele continua vivo. Pensa pois que não é pru-

dente dirigir-se para a capital numa fila de carros, demasiado vulnerável a um ataque aéreo. Durante perto de três quartos de hora permanece nos escritórios. De súbito, o rei acompanhado de seu irmão e de cinco personalidades marroquinas deixa o abrigo, escoltado por guardas, atravessa a estrada e instala-se por entre os pinheiros que ali formam um pequeno bosque, distante uns cinquenta metros dos edifícios do aeroporto.

Três minutos depois da partida do soberano, os aviões rebeldes descem a pique, um após outro, e metralham o salão de honra. Hassan II escapa assim, por um triz, segunda vez à morte. No aeroporto é a loucura geral. Os feridos gritam ou rezam. Mulheres choram. Vários automóveis explodem. Apanham-se os feridos e alguns mortos de quem se ignora o número e a identidade. As vidraças do salão de honra voam em estilhaços enquanto as paredes são crivadas de balas. O ataque durou cerca de dez minutos. Os carros oficiais, pelo menos os que não arderam, abandonam o aeródromo,

levando provavelmente lá dentro o soberano e a sua comitiva.

O BOMBARDEAMENTO DO PALÁCIO DOS HÓSPEDES

O terceiro episódio deste dia situa-se pelas 18 horas sobre o palácio real. O rei Hassan II já se encontra na sala de trabalho onde, em companhia de vários dos seus ministros e de oficiais do exército e da segurança, examina a situação.

Todas as saídas do palácio estão já fechadas, protegidas por soldados armados. Os edifícios administrativos, em particular a rádio, a televisão, os ministros, igualmente guardados por militares fortemente armados. A cidade de Rabat está no entanto calma, e a multidão parece ignorar o que se passou no aeródromo de Rabat-Salé, situado a 10 quilómetros do centro da capital.

Subitamente, um dos F-5 surge por sobre o palácio real, aparentemente com a intenção de bombardear. As baterias de defesa aérea abrem fogo pesado contra o aparelho. Todavia,

Continua na pag. 2

A China
na hora de Chu En-Lai
por Robert Guillain
Paginas 7 e 8



Exclusivo

«LE MONDE»



O general Oufkir, segundo protagonista...

HASSAN II

Como um trovão em Céu Sereno...



Hassan II junto do filho: herdeiro de quê?...

Poucas horas antes de se tornar alvo dos seus próprios aviadores no céu marroquino, Hassan II terminava tranquilamente as férias num castelo do Oise, onde praticava o seu desporto favorito, o golfe. Estava em França havia três semanas — o que constitui uma ausência particularmente longa — deixando ao seu primeiro ministro, Karim Lamrani, o cuidado de velar pelos assuntos do reino, e ao general Oufkir o de velar pelo exército.

O soberano não tinha nenhum motivo de inquietação: uma recente visita à província convenceram-o da sua popularidade — se é que alguma vez tivera dúvidas a esse respeito. A U.N.F.P., um dos dois grandes partidos de oposição, encontrava-se entregue a uma grave crise interna que só podia enfraquecê-la. E, mais uma vez, o fiel general Oufkir, ministro da Defesa, estava no seu posto. Pelos seus excessos, a propaganda da rádio líbia acabara por enfiar a opinião pública...

Enfim, a lembrança de Skhirat desvanecia-se cada vez mais. O «parêntese» estava fechado. O soberano passara a espreitar sobre o caso, obtendo para os ministros um veredicto de clemência. Não suportava nada bem — e compreende-se — que se evocasse na sua frente essa lembrança funesta e tinha — como para esconjurá-lo — organizado este ano, no mesmo dia, uma festa de aniversário no palácio da chachina.

Alguns «esquerdistas» tinham sido presos nos últimos meses, mas não constituíam ameaça séria contra o regime que neste mês de Agosto sonhava só com as entradas de turistas, e com a preparação das eleições legislativas previstas para a próxima Primavera.

As perspectivas eram igualmente favoráveis no plano internacional. Negociações globais com a França, que os marroquinos esperam sejam frutuosas, devem iniciar-se em

Os únicos que não ficaram especialmente surpreendidos foram, sem dúvida, os dirigentes da oposição marroquina que, depois de terem observado o comportamento do rei durante um ano, chegaram à conclusão que ao contrário daquilo a que se tinha comprometido, «não modificara a sua forma de governar».

No Outono de 1971 pudera crer-se, contudo, que Hassan II tinha aprendido a lição com a tentativa do «putsch» que quase lhe custara o trono. Ten-

sideração o programa de reformas da frente da oposição, a monarquia podia ser renovada e os seus detractores desarmados. Mas as hesitações do palácio e as divisões da oposição fizeram gorar a aproximação. Tendo o rei decidido unilateralmente organizar um referendo constitucional, os partidos retiraram-se do jogo. Recusaram-se a participar na consulta (a 1 de Março) e na formação de um novo Governo (em Abril). Não é nada certo que tomem parte nas eleições legislativas da Primavera próxima. A desconfiança dos homens políticos para com o palácio é de novo total. Para eles, a trágica do referendo prova que o rei não modificou os seus métodos. Das duas, uma, dizem: ou os partidos representam uma facção da opinião, e então a sua decisão de boicotagem deveria sair-se por uma grande proporção de abstenções; ou não são representativos, e pergunta-se que necessidade tinha então o rei de negociar com eles durante semanas. Mas muitos homens do palácio, e entre eles o general Oufkir, pensavam que os partidos tradicionais estavam ultrapassados e que não servia para nada tratar com eles. Mais valia, diziam, tentar dirigir-se directamente às massas e mesmo aos jovens.

A derrota das conversações colocava porém cada qual no ponto da partida: mesmo que a nova Constituição continha disposições mais liberais do que a precedente, Hassan II continua a exercer o poder absoluto, rodeado de tecnocratas que se trocam entre si; o hiato permanece, do mesmo modo, profundo entre as massas e as classes possidentes, que florescem à sombra do trono; os abusos diminuíram, mas não cessaram; enfim, o rei, a sua corte e os que gravitam em redor do palácio não parecem ter reduzido fosse no que fosse o seu ritmo de vida que, na maior parte — excepto a do general Oufkir — continua sumptuosa.

Esta análise, que fazem nomeadamente os militantes da U.N.F.P., pode calcular-se que um certo número de militares a chamou também a si. Há um ano que pensam que o poder absoluto dissimula de facto um regime frágil: após a derrota de Skhirat, a população não correu a manifestar-se a favor do rei miraculosamente salvo, e o exército, traumatizado, especialmente entre os seus elementos berberes, deixara, evidentemente, de sentir-se seguro, apesar dos esforços de organização, de enquadramento e de controlo do general Oufkir.

Mas que caminho poderia ter tentado abrir? Graves perturbações não viriam a dilacerar este país cuja monarquia preservava, apesar de tudo, a unidade? Sejam quais forem as insuflências e os abusos do regime, o assassinio político não é mais do que o remédio para os males de que sofre o país. Como também o não é a tomada do poder pelo exército. Os partidos políticos compreendem-no bem; leve o tempo que levar, nunca pensaram em transformações por via que não fosse a da legalidade, e, quando das discussões com o palácio, tinham admitido em princípio manter o general Oufkir no Ministério da Defesa, vendo nele, com razão ou sem ela, a garantia da disciplina do exército. Sobre esse ponto, pelo menos, os pontos de vista, senão os interesses, eram os mesmos que os do palácio. Mas amanhã?

Por PHILIPPE HERREMAN

Rabat, em Setembro. As reações com a Argélia reforçaram-se ainda mais. Por fim, a última conferência da Organização da Unidade Africana, que se desenrolou na capital marroquina, parece ter permitido à monarquia reencontrar junto dos parceiros africanos uma parte do prestígio perdido após o caso de Skhirat.

O atentado de quarta-feira explodiu, é caso para dizer, como um trovão num céu sereno, e se os líbios aplaudiram os conjurados tal como da outra vez, o sentimento dominante nos outros países foi mais de surpresa ou de espanto, acompanhado de um pouco de medo em certas capitais africanas, onde cada conspiração em casa do vizinho reanimava a psicose do golpe de Estado.

do a revolta contra a corrupção estado na origem do «putsch» dos generais, tomara medidas de saneamento, mandando prender vários antigos ministros (que serão julgados brevemente). Tinham-se tomado medidas sociais, os salários haviam sido revalorizados, etc. E sobretudo, não podendo contar como antes com o apoio do exército — embora o general Oufkir tomasse sobre si essa responsabilidade — o rei fizera uma «abertura» espectacular em direcção aos grandes partidos que vegetavam há anos na oposição: o U.N.F.P. e o Istiglal.

O diálogo, que principiara no Outono passado, anunciava-se como um teste: se Hassan II aceitasse realmente partilhar o poder e tomar em con-

nenhuma acção ter «estre. Também sobre as «ultras bases (Meknès, Rabat e Marrakech) nenhum aviador parece ter-se juntado à rebelião, que tomou aspectos de «operação-suicida» tendo por único objectivo abater o rei Hassan II.

Numa entrevista à «France-Inter», o príncipe Moulay Abdallah declarou na noite de quarta-feira que se tratava de uma iniciativa isolada que não punha em causa a lealdade das forças armadas marroquinas.

«Há bem poucas pessoas e países interessados em fazer um golpe destes» — declarou o príncipe, que acentuou estar reduzido a fazer suposições. «Não vejo como seis ou sete jovens oficiais, particularmente oficiais aviadores, poderiam organizar um golpe de Estado, descuidadamente desprezando o resto do exército e dos oficiais-generais que são fieis ao rei».

Os assaltos aéreos da tarde não foram acompanhados de

MAIS INDIFERENÇA DO QUE CALMA...

Por JEAN DE LA GUERIVIERE

RABAT — Os violinistas de uma orquestra de variedades tocavam alegres músicas quinta-feira à noite, na televisão marroquina, no momento em que a MAP, agência de imprensa oficial, anunciava nos «telex» que o general Oufkir seria enterrado em Ain-Chair, sua aldeia natal, na sexta-feira, 18 de Agosto.

Na quinta-feira à noite, a rádio nacional ainda não infor-

ma em causa. A maioria das personalidades que contactaram de perto com o general Oufkir nestes últimos meses estavam convicidas de que ele pôs voluntariamente fim à vida ao descobrir a que ponto se enganara acerca de homens

luntariamente as consequências da constatação desse fracasso pessoal.

Ao receber-nos na quinta-feira à tarde, Benhima, ministro marroquino do Interior, não se esquivou a solidarizar-se com o seu antecessor no posto.



Mas é detestado no seu próprio país...

mara os seus auditores da morte do antigo ministro da Defesa, e numerosos habitantes de Rabat ignoravam o acontecimento até à saída do «Maroc-soir», que se limitou a publicar o lacónico telegrama da MAP afirmando que o general Oufkir se tinha «suicidado nessa madrugada, às 03, dando um tiro na cabeça». E provável que na sexta-feira muitos habitantes dos campos não tivessem tomado ainda conhecimento do fim trágico do enigmático ministro.

Na ausência de qualquer comunicado oficial, os diplomatas colocados em Rabat, interrogam-se, tal como naturalmente se interrogam os observadores: o homem que acaba de morrer teve o castigo dos vilões, ou foi vítima da ideia muito estrita que tinha das suas responsabilidades para com a família real? Os nossos interlocutores consideravam infundada a tese segundo a qual o general Oufkir teria sido conivente com os aviadores rebeldes, mesmo que alguns dos que se refugiaram em Gibraltar o tenham posto

em quem havia posto a sua confiança. Era o caso do autor da tentativa de assassinio do rei Hassan II, o comandante Kouera, capturado pelas forças reais depois de ter saltado em pára-quedas de um dos aviões que participaram no ataque ao Boeing real, que fora nomeado para comandar a base de Kenitra apenas quatro semanas antes.

DISCURSO DE HASSAN II

No fim de contas, se nos limitarmos à versão oficial dos factos, os rebeldes, em Julho de 1971, eram só um punhado de oficiais perdidos e de cadetes drogados. A 16 de Agosto, parte da unidade a que estava confiada a «arma suprema» — os aviões de intervenção de reacção — é que traiu. Nomeado ministro da Defesa Nacional e maior-general das forças armadas reais, funções em virtude das quais tinha procedido a uma «depuração», o general Oufkir teria, ao que parece, sofrido vo-

«Um dos meus melhores amigos há quinze anos». Também ele nos afirmou que «talvez se tratasse de um caso de honra».

Com a secretária apinhada de frascos de remédios — sem dúvida necessários após uma noite muito agitada — o ministro crê ser cedo para falar da conspiração do comandante Kouera, que foi interrogado pelos serviços de segurança militar, mas declara já que «os coronéis fazem por vezes grandes loucuras».

Se a líbia, cuja rádio se solidarizou rudemente com os autores da tentativa de assassinio do rei Hassan, «não lhe interessa», o ministro do Interior acha que «a Argélia esteve à altura da situação» e confirmam-nos que em momento algum se pôs a questão de fechar a fronteira entre os dois países. Benhima despediu-se danod-nos a indicação de que o rei Hassan pronunciaria sábado à noite um discurso por ocasião

do «aniversário do rapto de seu pai pelo vosso país», alusão à partida de Mohammed V para residência fixa em Madagáscar, e «que abordará, se lhe apetecer, o incidente de quarta-feira».

Este prolongado silêncio do rei, que passou o dia de quinta-feira no seu palácio de Skhirat, onde presidiu ao conselho de ministros na noite de 17 para 18 de Agosto, dá lugar a toda a espécie de boatos. Admiram-se alguns que o rei não tenha querido tranquilizar o povo aparecendo na televisão. «Para quê», dizem os ministros, «se temos a situação nas mãos e a cidade está calma?».

Tão grande é a calma que se assemelha à indiferença. Nada, no comportamento da pacífica multidão que passeava quinta-feira à noite na Avenida Mohammed V, indicava que vinte e quatro horas antes o palácio real tinha sido atacado pela aviação nacional. Ninguém, entre os alegres convivas do «Dia e Noite», o restaurante da juventude, parecia preocupar-se com o facto de que o mais devoto servidor do monarca acabava de desaparecer.

Só os elementos americanos da base de Kenitra, que entram e saem do campo nos seus confortáveis automóveis, sem acatearem dar a mínima informação sobre o que realmente se passou na quarta-feira à noite quando o exército do rei invadiu a base aérea, dão a impressão de terem sentido o sopro da vida...

O príncipe Moulay Abdallah, irmão do rei, que vimos sair do seu palácio sem escolta, para se dirigir ao conselho de ministros na quinta-feira à noite, parecia, por seu lado, tão destraido como os passeantes com quem se cruzava. Numerosos membros do séquito do príncipe interrompem-se entre ele e os que pedem audiência. Com efeito, se a tentativa de assassinio de quarta-feira parece sair da imaginação de um autor contemporâneo de romances de espionagem, as práticas tradicionais de monarquia xerifiana — caracterizada por um «protocolo» ao mesmo tempo bonacheiro e subtil — não parecem nada perturbadas pelos acontecimentos.

HASSAN II

FIEL E TRAIADOR

«Toma cuidado, Oufkir! A próxima vez será contigo! Porque sei que partilhas as nossas ideias». Esta apóstrofe lançada ao todo poderoso ministro do Interior pelo general Bougrine, um dos conjurados de Skhirat, minutos antes de cair sob as balas do pelotão de execução, parece hoje singularmente profética. Neste caso, pouco importa que o general Oufkir se tenha suicidado, como insiste em afirmar oficialmente Rabat, ou que tenha sido abatido no palácio de Skhirat, após uma entrevista com Hassan II: o essencial é que o homem forte do reino, o pilar do regime, o confidente e o braço secular do monarca tenha, também ele, chegado à conclusão de que era necessário deitar abaixo o Poder, e mesmo «suprimir fisicamente» o rei. Há um ano, Oufkir fechou aparentemente os olhos sobre os preparativos de Skhirat, tencionando juntar-se aos «putchistas» se estes fossem bem sucedidos. Depois de ter representado durante treze meses a comédia da fidelidade ao palácio, decidiu tomar ele próprio o facho das mãos dos companheiros fuzilados, e acabar por uma vez com o regime e o seu chefe.

Que modificações nele se deram, para aí chegar? Quem poderia imaginar que o primeiro servidor da monarquia, o executor fiel de todas as obras, nobres ou baixas, desde a repressão do Rif em 1958 ao rapto de Ben Barka em 1965, decidira um dia assassinar o soberano a quem servia, incondicionalmente, durante onze anos? Passando em poucos meses do papel de «grande fiel» ao de grande traidor e regicida, o general Oufkir, por esta traição, não só revela a sua duplicidade, como representa a maior acusação ao regime — que deixa de ser denunciada pela oposição para se-lo também pelas suas próprias gentes.

Tal como o general Med-

bouh e os outros conjurados de Skhirat, e seguindo-lhes talvez o exemplo, o antigo ministro da Defesa tinha acabado por se convencer de que nem o rei nem o regime arriariam caminho, e que o palácio era o único obstáculo a uma renovação dos costumes e da vida política. Mas, ao mesmo tempo, não podia aparecer, nem aos seus olhos nem aos da opinião, nem aos olhos do estrangeiro, como o autor — e o beneficiário — de um golpe de força e de um crime. A sua imagem e o seu prestígio seriam seriamente atingidos.

Por muito complicado e à toa que pareça o atentado, teria permitido, se fosse bem sucedido, fazer desaparecer o rei e o irmão sob o dramático mas plausível acaso de um acidente aéreo, pois o inquérito dirigido pelos novos chefes do país chegaria a essa conclusão. Mal conduzida, a tentativa não fora tão mal concebida como à primeira vista pode parecer.

Consequidos os seus fins — e falou-os por pouco, tal como em Skhirat — o general instauraria com certeza um regime de tipo grego mais do que de tipo argelino ou líbio, pelo menos numa primeira fase. Entre uma monarquia «feudal» e uma ditadura militar existe, por quanto tempo ainda? — uma terceira via: a colaboração com os partidos, se, ganha de novo a confiança, eles quiserem colaborar, e a do diálogo com a juventude até aqui posta à margem, a de uma verdadeira democratização do regime, um dos raios em África e admitir já a pluralidade dos partidos, dos sindicatos e, em menor escala, a da imprensa. O rei tinha parecido, depois de Skhirat, querer empenhar-se nessa direcção. Não podendo duvidar agora dos sentimentos do exército para consigo, não é nele que deverá procurar apoio, os apoios sem os quais um regime, por muito pessoal que seja, não pode plausivelmente governar.

CAMPANHA DE SEGURANÇA

«FÉRIAS-72»

475\$00

O PREÇO DAS SUAS FÉRIAS COM TRANQUILIDADE

- 1 — Afinar travões
- 2 — Equilibrar rodas
- 3 — Alinhar direcção
- 4 — Verificar suspensão
- 5 — Focar faróis
- 6 — Controlar bateria
- 7 — Ver. velas e platinados
- 8 — Ver. sistema de refrigeração
- 9 — Medir compressão do motor
- 10 — Controle exterior dos pneus
- 11 — Lubrificar e ver níveis
- 12 — Controle no banco de ensaio

UTILIZE ESTA NOSSA CAMPANHA PARA SUA COMODIDADE E SEGURANÇA ATÉ 30 DE SETEMBRO

escape

R. CASTILHO, 72-A — TELS.: 561616 - 561919

POR DUAS VEZES ESCAPOU AOS TIROS

Continuação da pag. 1

antes de regressarem à base os F-5 largam foguetes sobre o palácio dos hóspedes de Rabat, ao lado do palácio real, assim como sobre a residência do príncipe Moulay Abdallah, sem no entanto provocar vítimas. Esse terceiro ataque dura apenas quinze minutos.

Na cidade as pessoas entram principalmente em casa. As lojas e os cafés baixam os taipaís. Os aviões rebeldes regressam à base de Kenitra, distante 50 quilómetros de Radat, onde se encontram uns setecentos técnicos civis e militares americanos. Um comunicado do ministério marroquino dos negócios estrangeiros afirma que «a situação está inteiramente dominada pelas autoridades». O rei pede ao general Abdelham Ben Ameur, major general adjunto das Forças Armadas reais, que tome o comando da base de Kenitra.

A OCUPAÇÃO DA BASE DE KENITRA

Pelas 22 horas sabe-se que as forças leais ocuparam a base de Kenitra sem um tiro, e prenderam os rebeldes. Indica-se igualmente de fonte segura que os ataques de quarta-feira teriam sido dirigidos pessoalmente pelo comandante da base de interceptação de Kenitra, comandante Kouera, recentemente promovido a esse posto. Este último ter-se-ia ejetado do seu aparelho ao largo de Radat e teria sido apanhado por uma vedeta guardacostas da marinha real. O comandante Kouera tem trinta e seis anos. É natural do Rif e fez os estudos em Espanha antes de receber uma formação militar nos Estados Unidos.

Os assaltos aéreos da tarde não foram acompanhados de

AUTO-MONUMENTAL DO AREIRO, SARL

AGENTE OFICIAL DO DISTRITO DE LISBOA

VOLKSWAGEN

AV. PADRE MANUEL DA NOBREGA, 8, A C e 8 D
(AO AREIRO) TELS.: 727654-727665-713057



SERVIÇO

estação de serviço
peças legítimas
e oficinas
carros novos e usados
com garantia
facilidades
de pagamento,

Stand Albertino Henriques da Silva, Lda.

Esta Firma comunica que tem dezenas de carros dos últimos modelos, rigorosamente como novos, em preços excepcionais.

Recebem-se trocas e facilita-se o pagamento. Para seu interesse não compre nem venda o seu carro sem consultar o nosso Stand.

Rua do Garrido, 73-A — Tels.: 727201-728793-725196

AO IR PARA FÉRIAS LEMBRE-SE

O AMORTECEDOR DARÁ

MELHOR ESTABILIDADE MELHOR DIRECÇÃO MELHOR COMODIDADE

CARREGÁVEIS * REGULÁVEIS * REPARÁVEIS

UM MODELO ESPECIAL PARA CADA TIPO DE CARRO

Distribuidores para Portugal — Soc. Geral de Importação, Lda.

Av. Ant. Augusto de Aguiar, 23-A — Tel. 561367/8 — LISBOA

SUPERMANOS

A CASA SIMPÁTICA

Televisão	2.990\$00	VENDAS A PRAZO
Frigoríficos	1.900\$00	
Trituradores	260\$00	
Secadores de cabelo	140\$00	
Cassetes	35\$00	
Relógios de cozinha	300\$00	

LARGO DO MASTRO, 5 — TEL.: 561555

APROVEITE AS FÉRIAS

ENQUANTO DECORAMOS A SUA CASA

CONTACTE-NOS OS NOSSOS SERVIÇOS E CONSELHOS SÃO GRÁTUITOS

Free Play

MOVEIS-DECORAÇÕES

Avenida Ressaume Garcia, 39-A (Bairro Azul)
Telef. 437 87 LISBOA

ASSEGURADO SHARVEN FRANCE BOM RENDIMENTO

ÓPTIMO RENDIMENTO PARA PEQUENO INVESTIMENTO NA

ASSEGURADO SHARVEN FRANCE POSSIBILIDADES

ÓPTIMO RENDIMENTO PARA PEQUENO INVESTIMENTO

SHARVEN-FRANCE

Campo Grande, 1-D, 2.º, Esg. — LISBOA-5

Participe nos benefícios dos melhores Hotéis, Restaurantes, Cinemas, Teatros, Gares, Aeroportos, Casinos, etc.

Se tem 20 000\$00 ou mais escreva-nos. Rendimento assegurado.

CUPÃO A ENVIAR COLADO NUM POSTAL

Queiram enviar-nos informações detalhadas sem compromisso

Nome _____ Morada _____ Telefone: _____

10 DE JULHO DE 1971- 16 DE AGOSTO DE 1972

Da tentativa de "Putsch" ao atentado frustrado

10 DE JULHO — Durante uma sumptuosa recepção oferecida pelo rei Hassan II no palácio de Skhirat, por ocasião do seu quadragésimo segundo aniversário, algumas unidades de cadetes abriram fogo contra os convidados do soberano, matando com pessoas, e ferindo mais cento e trinta. O rei Hassan II escapa miraculosamente à chacina.

13 DE JULHO — Dez oficiais-generais são fuzilados em Rabat, após julgamentos sumários por um conselho de guerra. A 1 de Março de 1972, setenta e quatro oficiais serão condenados a penas diversas, um deles à pena de morte e mil e sete revoltosos são absolvidos pelo tribunal militar de Kenitra.

19 DE JULHO — As audiências do processo de Marra-keche, aberto a 14 de Junho último, retomam, perante o juízo criminal do tribunal regional, que julga certo e noventa e três membros ou simpatizantes da União Nacional das Forças Populares (U. N. F. P.), acusados de atentar contra a segurança interna do Estado.

4 DE AGOSTO — O rei Hassan II exprime num discurso o voto de associar os partidos políticos ao seu programa de reformas. Por outro lado, denuncia firmemente a corrupção e anuncia que serão tomadas medidas para a combater. No dia seguinte, os dirigentes dos dois partidos da Koutilah Al Watania (Frente Nacional, da oposição) declaram que o único remédio que se impõe «reside numa constituição democrática e no funcionamento de instituições livremente escolhidas pelo povo, com todas as garantias necessárias à autenticidade e à sinceridade das operações eleitorais».

6 DE AGOSTO — O rei Hassan II constitui novo governo presidido pelo general Lamrani. O general Oufkir ocupa o cargo de ministro da Defesa.

17 DE SETEMBRO — O tribunal regional de Marra-kech pronuncia cinco condenações à morte, entre elas quatro à revelia.

1 DE NOVEMBRO — Seis antigos ministros e certo número de altos funcionários e homens de negócio são presos por corrupção.

20 DE NOVEMBRO — O rei Hassan II anuncia um aumento do salário mínimo interprofissional garantido (SMIC) e do salário mínimo agrícola garantido (SMAG). Estas medidas não apaziguam, contudo, os movimentos reivindicativos.

1972

17 DE FEVEREIRO — O rei Hassan II anuncia um referendo sobre a nova constituição, que prevê a extensão dos poderes legislativos de Câmara e um reforço das atribuições do primeiro-ministro. No dia seguinte, os dirigentes da Koutilah Al Watania declaram entender que «o projecto de nova constituição não poderá responder às imperiosas exigências do momento nem constituir uma solução válida», e que o processo preconizado pelo soberano não corresponde ao que a Frente considerava como garantia após as anteriores declarações do soberano.

26 DE FEVEREIRO — Todos os professores e estudantes presos no princípio do mês, em consequência de um movimento da agitação universitária, são postos em liberdade provisória.

1 DE MARÇO — Segundo os resultados oficiais do referendo, o projecto de constituição foi largamente aprovado. Os principais partidos políticos de oposição, as organizações de estudantes e a maior parte dos sindicatos tinham-se pronunciado a favor do boicote do voto, em vez de incitarem os seus partidários a votarem «não».

7 DE MARÇO — O «leader» da U. N. F. P., o advogado Abderrahim Bouabid declarou que as pontes não estão cortadas entre o palácio e a oposição, apesar dos resultados do referendo que viram os «sins» ganharem maioritariamente graças a uma pressão permanente da administração.

8 DE MARÇO — Os estudantes da Faculdade de Direito, de Ciências e de Medicina da Universidade de Rabat, assim como os dos estabelecimentos de ensino superior de Fez e de Casablanca, decidem prolongar a greve. A 16, os estudantes proclamam que houve numerosas prisões. A 27, o diário «Maghreb-Information» indica que duas dezenas de pessoas foram acusadas de atentado contra a segurança do Estado e encarceradas em Casablanca. Dois intelectuais presos denunciavam as torturas por que passaram.

4 DE ABRIL — Após cinco meses de laboriosas transacções, o diálogo entre o rei de Marrocos e a Frente da Oposição cessa de repente. A Koutilah Al Watania confirmou a sua não participação no governo que o rei tinha encarregado Karim Mamrani de formar, na sua qualidade de primeiro-ministro. A lista do novo governo, tornada pública a 12 de Abril, demonstra que dezanove ministros do gabinete anterior (primeiro-ministro incluído) onze, incluindo o general Oufkir, mantêm-se nas funções. O dr. Mohamed Benhima torna-se ministro do Interior.

20 DE ABRIL — Os estudantes das Faculdades de Direito, de Ciências e de Medicina, assim como os do Instituto Nacional de Agronomia e do Instituto Nacional de Estatística e Economia Aplicada de Rabat, pronunciaram-se por maioria pela frequência das aulas, após uma greve de quatro meses.

30 DE ABRIL — O rei anuncia a revisão das listas eleitorais e o adiamento das eleições.

15 DE JUNHO — No fim de conferência da O. U. A., o rei Hassan II e o presidente Boumediene consagram por um acordo de cooperação a liquidação do seu litígio de fronteiras.

28 DE JULHO — O rei Hassan II inicia uma viagem privada a França.

16 DE AGOSTO — Ao regressar de França no seu «Boeing» particular, o soberano escapa a um atentado perpetrado por aviadores marroquinos.

17 DE AGOSTO — Durante a manhã é anunciada a morte do general Oufkir, ministro da Defesa, sendo tese oficial tratar-se de suicídio.

HASSAN II

HÁ TREZE MESES O MASSACRE DE SKHIRAT



Skhirat, antes do ataque. O general Medbouh, que tomará o comando dos rebeldes, olha o rei...

dignitário da armada, dado por morto nos primeiros boletins, não foi atingido. Num grande estado de excitação os cadetes parecem «drogados». O rei, fechado durante horas num cubículo com o general Oufkir e alguns familiares, tira partido de um abrandamento e desorientação entre os amotinados. Os seus chefes, após a morte do general Medbouh, retiraram-se, com efeito, para prosseguirem a sua luta em Rabat.

O rei, que fora interrompido por um cadete — «Estava convencido», dirá, «de que ele me arrastava para um canto para, melhor poder abater-me», consegue tomar as rédeas da situação. O príncipe Mouley Abdallah, seu irmão, foi ferido sem gravidade. No próprio local do atentado, Hassan II encarrega o general Oufkir (ao tempo ministro do Interior), que despiu já a camisola

de gola alta por uma farda de combate, de reprimir a conjura, dando-lhe plenos poderes.

Julgando o rei morto, os amotinados põem em execução o seu plano e conseguem fazer difundir, às 18 h e 15, em Rádio-Rabat, uma proclamação na qual asseguravam «ter aniquilado o feudalismo e tomado o poder em nome do povo». O regime realista é declarado «morto». Estudantes percorrem as ruas de Rabat e gritam: «Chegou o socialismo!» A rádio de Trípoli não esconde a satisfação dos dirigentes líbios.

Antes da noite, depois de combates bastante intensos em Rabat, os fiéis ao rei retomam as rédeas. O primeiro balanço dá vinte e oito mortos. Descobrir-se-á mais tarde uma centena entre os convidados e pessoal de Skhirat, e cento e trinta e oito nas fileiras dos insurrectos. Às 20 horas, o rei anuncia que os responsáveis pela insurreição «serão fuzilados depois de terem dado as informações da sua posse». Três dias depois da tentativa de «putsch», terça-feira, 13 de Julho, às 11 h e 15, dez oficiais, entre eles quatro generais, são fuzilados no campo militar, a pedir aos «oficiais livres que reacendam o facho da insurreição».

Por PHILIPPE HERREMAN

RABAT INSISTE NA VERSÃO DO SUICÍDIO DE OUFKIR

O mistério mais completo continua a envolver as circunstâncias da morte do general Oufkir. Ignora-se até o local exacto do drama. Segundo uma «fonte marroquina bem informada» referida pela agência A.P., o antigo ministro da Defesa ter-se-ia suicidado no seu gabinete do quartel-general das forças armadas após ter enviado uma mensagem ao rei. Segundo outra versão mais verosímil, relatada pela agência France-Presse, o general teria morrido no palácio de Skhirat, e o corpo teria sido discretamente transportado durante a noite para a sua casa de Rabat.

O emprego do tempo de Oufkir na tarde e noite de quarta-feira é igualmente pouco preciso. Segundo fontes marroquinas e diplomáticas, teria chegado ao aeroporto de Rabat pouco antes da aterragem do «Boeing» real, no meio da tarde, mas dali teria saído precipitadamente após um conciliabulo com o comandante do aeroporto. Teria em seguida regressado ao aeroporto, no fim da tarde, para organizar as operações de socorro, mas o rei já seguira dali para Skhirat. Que se passou depois? Segundo a F.P., o general teria telefonado à família, na Kabília: «Estou são e salvo, a situação normalizou-se. Vai tudo bem, nada de inquietudes...» E teria acrescentado que ia juntar-se a Hassan no palácio. Antes de subir para o carro teria ainda dito à criada: «Não sei a que horas volto para casa, mas amanhã de manhã acorda-me às seis».

Sobre a entrevista de uma hora entre o rei e o seu ministro do Interior, fica-se reduzido a hipóteses: o rei censurou simplesmente Oufkir por não ter sabido prever a conspiração, ou deu-lhe a entender que desconfiava dele, indo ao ponto de acusá-lo? O caso é que alguns minutos mais tarde um telefonema para a residência do general anunciava que este acabava de se suicidar.

Suicidou-se voluntariamente, como continua a afirmar-se oficialmente em Rabat, constrange-nos a isso, ou foi executado por alta traição — segundo se pensa em certos meios? Terá ele podido participar no atentado, quer fomentando-o, quer protegendo-o?

A verdade oficial tem os seus partidários, com argumentos sólidos: se ele ignorava efectivamente o que se tramava no aeródromo de Kenitra, se se tinha dado como aval da segurança do reino e do seu chefe, é concebível que Oufkir haja preferido a morte à humilhação de não ter sabido proteger a vida do seu soberano. Tinha, sem dúvida, um certo sentido da honra, mesmo se lhe acontecia esquecer a nascentes da polícia de segurança onde torturava, ele próprio, alguns prisioneiros. Recordar-se, em certos meios de Rabat, que depois do massacre de Skhirat, o general, que teria achado a repressão demasiado severa, havia já ameaçado em pleno conselho de ministros suicidar-se, e só voltara a guardar o revólver no estojo após uma conciliatória intervenção do rei.

Chama-se também a atenção para o facto de que Oufkir tinha chegado ao ponto mais alto das responsabilidades e das honras, e procurava tanto menos a aventura e o poder, quanto a sua saúde causava preocupações; dera já tanta prova de devoção ao trono que a felonía tem de ser excluída; por fim, e o argumento é de peso, a conspiração teria com certe-

za sido bem sucedida se tivesse sido ele o organizador...

Contudo, põe-se hoje a mesma questão que se pôs após a tentativa de «putsch» de Julho de 1971: com a sua longa experiência de conspirações, as suas antenas policíacas em todos os meios, poderia este antigo chefe da segurança, que se tornou ministro do Interior antes de ser colocado na Defesa, nada saber do novo golpe de força que se preparava? Será possível que nada tenha sabido, se não das intenções precisas, pelo menos das opiniões a respeito do palácio por parte desse comandante Kouera que acabava de nomear chefe da base dos aviões de interceptação de Kenitra, e que dirigiu o atentado contra Hassan II?

Para tentarmos esclarecer o mistério Oufkir precisamos lembrar-nos do seu comportamento, a muitos títulos perturbador, aquando do caso de Skhirat. Inúmeros boatos correram então a respeito do primeiro-ministro, talvez dissipados depressa demais pela confiança total que lhe demonstrou na altura o soberano. As pessoas espanavam-se de que a coluna de cadetes de Ahernounou pudesse, contra sua vontade e sem que o soubesse, atravessar uma parte do território até alcançar o palácio de Skhirat. Outras também achavam estranho que o principal homem forte do rei não fosse nada incomodado pelos amotinados que, em contrapartida, abateram outros oficiais menos ligados ao palácio. Insólitas, também, as críticas acerbadas de Oufkir, narradas por testemunhas, contra a corrupção e as injustiças sociais, críticas que poderiam ser pronunciadas pelos chefes da revolta.

Estaria o general ao corrente dos preparativos da conspiração de Skhirat? Na época contava-se a seguinte anedota: o general Medbouh, chefe da conjura, sabendo que o ministro do Interior não estava longe de partilhar as razões da sua revolta, tê-lo-ia avisado do que se preparava, perguntando-lhe quais as suas intenções. Oufkir teria respondido: «Se vencesse, estou convocado. Se falhasses, mando-te fuzilar». Se as palavras são verdadeiras, e se tomou a mesma atitude antes de último golpe de força, pode ser que fosse executado ou convidado a suicidar-se. Esta é a explicação que prevalece em determinados meios da esquerda marroquina, onde também se julga digna de tão pouco crédito a tese de suicídio voluntário como a que foi espalhada por dois oficiais, segundo a qual o atentado teria sido fomentado por um punhado de aviadores totalmente isolados do resto do exército. Acrescenta-se, nesses meios, que o general, mesmo sob o golpe da humilhação e do insulto não era homem para se entregar ao desespero e para se matar.

Em todo o caso, as autoridades marroquinas têm boas razões para, se o general foi efectivamente morto, desfargarem essa execução em suicídio: como explicar ao povo marroquino, sem que ele comece a interrogar-se sobre as razões profundas, de um tal acto, que o ministro da Defesa, conhecido em todo o país como um dos mais fiéis servidores da monarquia, estava envolvido num atentado contra o soberano, de quem passava por ser o homem de confiança?

MUITAS PRISÕES

RABAT — O general Oufkir era um homem tão próximo do rei e tão temido, que uma espécie de terror sagrado continuava a paralisar certos responsáveis da informação marroquina ainda uma hora depois do ministro do Interior ter explicado as circunstâncias do «suicídio de traição». No boletim de informação das 20 horas (21 horas de Lisboa) o locutor contentou-se com ler uma mensagem de simpatia dirigida ao rei pela rainha Isabel, sem a mínima alusão ao conteúdo de uma conferência de imprensa do ministério do Interior que anunciava a difusão integral para mais tarde.

Essa verdade que o ministro queria dizer aos jornalistas dirigindo-se-lhes «francamente e de modo mais leal deste mundo à cerca de um incidente de percurso na nossa história nacional», era preciso que fosse bem pesada para que Benhima se rodeasse de tantas precauções oratórias antes de a divulgar em toda a sua nudez. À medida que o orador sublinhava os perturbadores aspectos do comportamento do ministro da Defesa desde o início dos acontecimentos de 16 de Agosto, à medida que expunha as razões da sua «ingenuidade», os auditores de Benhima interrogavam-se sobre as razões por que enterrava tão ostensivamente o homem que na véspera descrevera como «um dos seus melhores amigos há quinze anos».

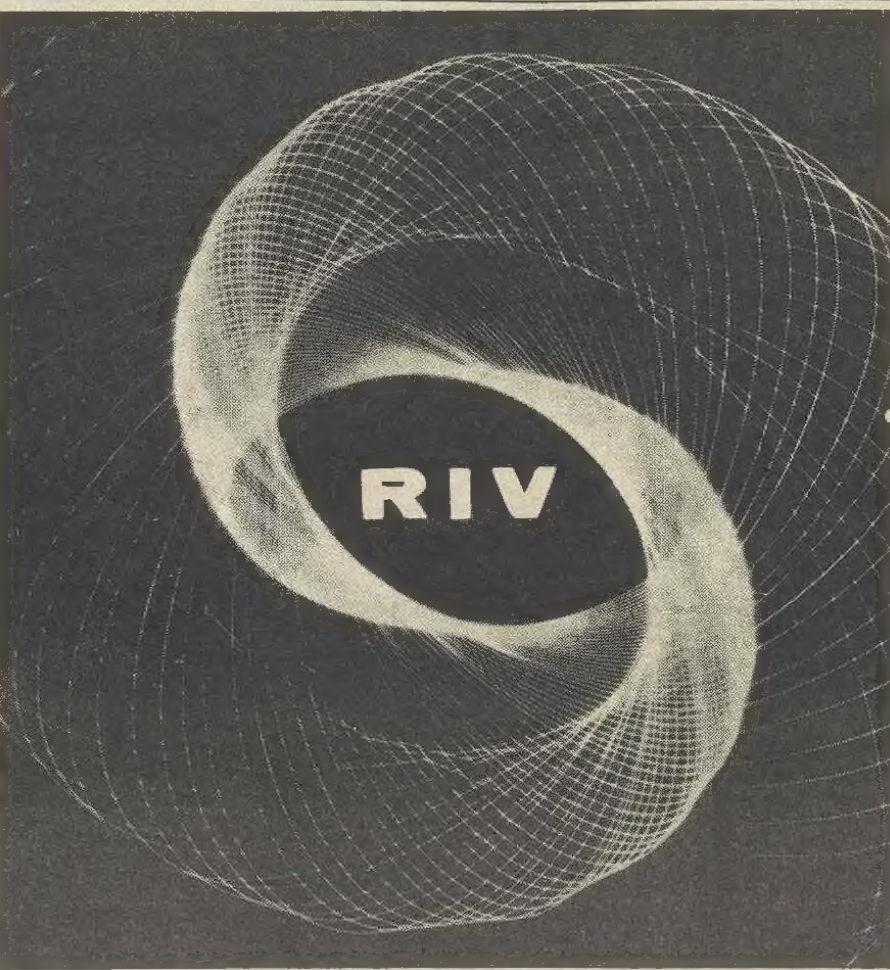
A IMPRENSA NÃO COMENTOU

O ministro do Interior acabava, com efeito, de depor o mais carregado testemunho de acusação muito antes que começasse o processo dos cúmplices do general Oufkir. O silêncio que observou sobre as «razões subjectivas» da traição do general «por respeito pela família dele», a homenagem feita ao «grande patriota» e ao «grande ministro», (que acabavam apressadamente de enterrar), nada muda ao requisiatório.

No sábado de manhã, os títulos dos jornais de oposição resumiam perfeitamente as palavras de Benhima: «O general Oufkir à cabeça do movimento», título de «Opinião»; «Oufkir é o único responsável», proclama Maghreb-Information. A imprensa oficial, contudo abstém-se do menor comentário. A perfeita calma que reina na capital marroquina parece dar razão a Benhima, que não vê razão para uma remodelação ministerial.

Tal como a aparição dos F-5 da aviação nacional metralhando na quarta-feira o palácio real, a revelação da «traição» do general Oufkir não parece fazer trabalhar a imaginação dos marroquinos com quem se fala. Alguns deles renunciaram talvez a compreender as intrigas do serralho político, achando simplesmente que tais acontecimentos trazem em si mesmos a condenação do regime. Outros, em vez de se inquietarem com os avisos que deveriam constituir aos olhos do rei Hassan a traição dos seus fiéis, julgam, pelo contrário, que a «baraka» do rei é uma prova suplementar da sua missão divina.

É um pouco este o sentido do editorial da «manhã», de sábado, para quem o «facto do avião real ter conseguido fugir constitui um feito absolutamente único dos anais da aviação. A maneira como Hassan pode voltar do avesso uma si-



rolamentos

■60 anos de experiência na produção de rolamentos de todos os tipos e dimensões

■um produto de alta qualidade que satisfaz a técnica mais avançada

AUTO ~LUSITANIA

AV.ª DA LIBERDADE, 73-77 — LISBOA



Para recolher emblemas, não deve haver, nesta altura, melhor lugar do que Munique. A colecção de Rivka Heit, uma israelita de 20 anos que ali se deslocou para assistir aos Jogos Olímpicos, começou bem... Mas a linda mulher que a fotografia mostra corre o risco de se transformar em pregadeira de alfinetes...



palavras cruzadas

COM PROVÉRBO
PROBLEMA N.º 10178

HORIZONTAIS:

- Desnortear.
- Artigo indefinido. Saem frequentemente à rua. Ilha do estado da Bahia.
- Enal. Apocaris.
- Oportunidade. Querido.
- Empelece. Pronome pessoal.
- Pronome pessoal. Nome de uma rainha de Portugal.
- Distar. Lavrassem.
- Acreditar. Ave de rapina.
- Adquirir com dinheiro. Garantia de asas.
- Capitão (abrev.). Elemento que entra em algumas palavras com a significação de ar. Prata (s.g.).
- Igual. Herdade delimitada por marcos (ant.).

VERTICAIS:

- Pronome relativo. Caminho para cá. Cálculo (s.g.).
- O gato que mia muito. Oxido de cálcio.
- Pernada do sobreiro. Dependência onde se guardam louças.
- Ébrio (s.g.). Pertences. Armário (abrev.).
- Transpirar. Cepas.
- Frugal. April.
- Soluçães. Medida de superfície.
- Arara. Apelido. Sufixo que designa estado.
- Cidade da antiga Fenícia. Era.
- Nome de mulher. Moiga.
- Tráquila. Mãe de Romulo e Remo. Suplica.

NOVA MODALIDADE
PROBLEMA N.º 6334

HORIZONTAIS:

- Antiga cidade de ilha de Ceilão. Gota (fig.).
- Amimaria.
- Em partes iguais. Assinar. Apelido.
- Precaução. Serra do estado de Pernambuco.
- Rezo. Tempo do verbo ir. Freguesia do concelho de Oliveira do Bairro.
- Vaga. Prender.
- Criadoras.
- Artigo definido (ant.). O mesmo que marul. Viragão.
- Pilhas. Meio em mala.
- Tombas. Classe de tropa.
- Pedra de altar. Termo. Seguias.

VERTICAIS:

- Indivíduo mascarado (Prov. transm.). Compra.
- Freguesia do concelho de Barcelos. Luz da Lua.
- Antes do meio dia. Anona. Da mimos.
- Cidade do Peru. Romancista francês autor de «O Conde de Monte Cristo».
- Ave peraltia. Pequenos barcos de recreio.
- Trata por tu. Sufixo que designa estado. Bismuto (s.g.).
- Com. de Itália. Espiga de milho com poucos grãos. (Bras).
- Encoleriza. Obstinção.
- Gálio (s.g.). Filtras. Apelido.
- Ir para fora. Espírito.
- Vila e sede de concelho (Porto). Plantas texteis do Ceará.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 10177

HORIZONTAIS:

- Parco. Vales.
- Oria. Pilava.
- Doara. Va. Im.
- Es. Ripo. Avô.
- VER. Regas.
- Mil. Mar.
- Colam. Dar.
- Are. Atol. Ae.
- Ré. It. Rapa.
- PREVER. Doar.
- Araua. Barra.

VERTICAIS:

- PODER. Carpa.
- Aros. Morara.
- Ria. Vila. Er.
- Carreta. Ivá.
- Air. Matêr.
- É.
- VIVER. Dor.
- Alé. Emalada.
- La. Agar. Sôr.
- Avivar. Apar.
- Samos. Asara.

PROVÉRBO:
Ver, prever, poder é viver.

palavras cruzadas

COM PROVÉRBO
PROBLEMA N.º 6334

HORIZONTAIS:

- Parco. Vales.
- Oria. Pilava.
- Doara. Va. Im.
- Es. Ripo. Avô.
- VER. Regas.
- Mil. Mar.
- Colam. Dar.
- Are. Atol. Ae.
- Ré. It. Rapa.
- PREVER. Doar.
- Araua. Barra.

VERTICAIS:

- PODER. Carpa.
- Aros. Morara.
- Ria. Vila. Er.
- Carreta. Ivá.
- Air. Matêr.
- É.
- VIVER. Dor.
- Alé. Emalada.
- La. Agar. Sôr.
- Avivar. Apar.
- Samos. Asara.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 6333

HORIZONTAIS:

- Cabrela.
- Es. Coiro. Ad.
- Cem. Coa. Ano.
- Anota. Secar.
- Aer. Luz.
- Respeva.
- En Clava. Ca.
- Gomar Iscas.
- Ala. Eia. Rio.
- Sagan. Opero.
- Orara. Sisoa.

VERTICAIS:

- Beça. Pégaço.
- Sena. Molar. Moga.
- Ac. Traga. Ar.
- Boca. Sírara.
- Rio. Opa.
- Eras. Avisos.
- Ló. Exas. Pi.
- Acua. Crês.
- Anaz. Curo.
- Ador. Passos.

PROVÉRBO:
O meu marido nunca se esquece do dia do meu aniversário! Infelizmente...

Exclusivo

Por Robert Guillain «Le Monde»

A CHINA NA HORA DE CHU EN LAI

O VENCEDOR

Prepara-se na China Popular uma renovação da criação artística e nós já lhe vimos os começos. Desde os seus dirigentes até ao seu inteligente povo, a China sofreu de um vazio cultural que atravessou durante cinco anos.

Não foi por acaso que ao grupo de jornalistas franceses mostraram este ano, mais ainda do que operários a trabalhar com as suas máquinas, artesãos e artistas debruçados sobre o seu ofício: lapidadores de jade, decoradores de leques, escultores de marfim, calígrafos, pintores sobre seda. As artes da seda, das quais a China é o conservatório e o campeão, observam-nas, fase por fase, no cenário romântico de uma China de lagos e de colinas azuis, de parques e de pagodes. Vimos, nas amoreiras verdes, a aldeia dos bichos-da-seda, com os seus telhados angulosos, velhos como a China de sempre, mas renovada pela sua comuna popular: o dobagem de milhares de casacos brancos, em máquinas modernas inventadas pelos operários; os brocados de estilo antigo tecidos por teares sem lançadeira; os prodigiosos bordados que nascem sob os dedos das filhas de Hangchow.

Em muitos sectores apareciam os sinais de uma renovação cultural. As livrarias, ainda recentemente invadidas por um único autor, Mao Tsé-Tung, tornam a quarentena-se de uma variedade de obras. O teatro, em certa altura reduzido a cinco ou seis peças indefinidamente representadas, conhecia uma súbita proliferação de companhias locais que criavam, elas próprias, os seus programas: tal a estrondosa orquestra constituída por filhos dos operários, que escutam em Wuji, ou os actores-soldados de uma unidade do exército popular perto de Tientsin.

Uma dispersão de imagens tradicionais reaparecia nas paredes dos prédios ou dos lugares públicos. Antiquários e estabelecimento de arte enchiam as suas montras de obras de estilo antigo. O povo, em Pequim, aglomerava-se na exposição de arqueologia que, dos palácios da antiga cidade imperial, passará dentro em breve a Paris.

É a política das «Cem Flores» que reaparece? A denominação volta frequentemente à baila. Mas, atenção, não se permitirá mais do que flores socialistas. Nada de regresso à liberdade, tal como nós a entendemos. A disciplina e o controlo continuam a ser severos, incluindo os que dizem respeito aos cérebros. Na China, o espírito não sopra onde quer. Mas desde que todas as flores sejam vermelhas, pode semear-se com uma abundância sem precedentes.

A abundância da criação cultural, para reoxigenar a China, é um dos objectivos que aparece nos factos e nos textos, como os novos comentários a respeito das conversas de Mao em Yenan sobre a arte e a literatura, ou um certo relatório do Inquérito recentemente publicado sobre os artistas de Pequim. Cria bastante mais, dizem em substância estes textos, nós queremos uma produção em massa de obras solidamente socialistas. Aumentar a quantidade; subentendido: bem medíocre ultimamente. Reencontrei a audácia; subentendido: paralisada há muito tempo pela política.

que ela receba hoje o encargo de reabrir as janelas e as portas da China.

Sem retomar o caminho de Liu Chao-Chi para o capitalismo, pode-se voltar aos estímulos da revolução cultural.



Chu-En-Lai e Lin Piao.

UM GRANDE APETITE DE TÉCNICA

Uma política de abertura: na economia também, é uma tendência importante e nova e, isto, num momento em que o país, menos preocupado com a política, se reporta a um esforço de produção e de modernização. A indústria chinesa caminha bem, e Pequim dá dois números para 1971: aço, 21 milhões de toneladas; cereais, 246 milhões de toneladas. Hong-Kong completa: o cimento, 14 milhões de toneladas; adubos, 9,5 milhões de toneladas; taxa de crescimento, 12 por cento sobre 1970. A agricultura teve dez anos bons, sendo 1971 menos favorável por causa da seca. As camunhas populares encontraram fórmulas estáveis, equilibrando os interesses de todos: Estado, comuna, indivíduos. Aumentou muito a acumulação de riquezas nos campos.

É notável que os dirigentes, divididos durante estes dois ou três últimos anos quanto à política, se tenham mostrado bastante unidos sobre a economia por forma a deixar que a mais moderada. Ao nível das visitas às fábricas, as novas tendências aparecem muito claramente. Mais militares à testa das comissões de recepção, nada de civis, em que estão representadas a produção, a técnica e o partido, este, como se pode supor, em posição dominante. Outra modificação notável: a reaparação dos esmismos materiais para os operários. Suprimir, como se tinha feito, todas as formas de prémios e de bônus, abusar dos estímulos ideológicos (como o incitamento: «Trabalhai para a revolução»), foram excessos, diz-nos, que vieram dos ultras e dos anarquistas da revolução cultural.

mulantes materiais razoáveis para obter uma maior produção. Um aumento bastante geral dos salários, não anunciado, teve lugar durante estes últimos meses na China: foi um acontecimento. Tal facto produziu-se muito pouco depois da Libertação.

O esforço para o crescimento da produção industrial aparece ainda nos «slogans» das fábricas, agora na sua maioria económicos e não políticos, encorajando o rendimento, a concorrência. O partido volta a pôr ordem na gestão e reforça a disciplina, sobre a qual insistem também os «congressos dos trabalhadores», reaparação de uma forma de organização sindical.

Há, finalmente, um reaparecimento nos seus lugares após redução, dos técnicos e peritos que a revolução cultural havia duramente castigado ou afastado. Ainda aqui se mantêm posições de guarda contra a revisionismo: o seu papel não voltará a ser dominante, como ao tempo de Liu Chao-Chi, diz-se, mas reconhece-se que este papel, se se mantiverem nos seus lugares, pode ser muito importante.

Desenvolve-se na China um grande apetite de técnicos, dizem todos os estrangeiros que de dentro ou de fora, observam a sua economia. Mao Tsé-Tung repete, ele próprio, que o seu país está atrasado. Não é já tempo desse atraso ser recuperado? Unicamente do ponto de vista interno, a sua indústria não começa a atrasar-se sobre as suas possibilidades de desenvolvimento, quando a sua agricultura adquiriu bastante solidez e recursos para poder sustentar um progresso industrial mais forçado? No exterior, pode ela atrasar-se relativamente ao desenvolvimento do Japão?

Para fazer frente à União Soviética, não tem ela necessidade de reforçar certos sectores da sua indústria?

É, evidentemente, fazendo apelo, numa certa medida, à técnica estrangeira que ela poderá melhorar e acelerar a sua recuperação. Ela sabe-o e parece comprometer-se num

período em que vai adquirir uma boa quantidade de tecnologia estrangeira. «Onde está a técnica mundial?», perguntam os chineses às missões que recebem ou às que enviam ao estrangeiro. «Onde se deve procurar? Em que condições? Não rejeitemos a técnica estrangeira, mas não nos limitamos igualmente a importá-la», dizem os trabalhadores do Nordeste, a antiga Manchúria, e região industrial piloto, se assim se acredita também na China, na Nova China. «Nesta base, aprendamos e criemos, nós próprios, algo de novo». E a agência acrescenta que se trata, para esta região modelo, de acentuar uma grande campanha de desenvolvimento que põe em evidência a electrónica, os computadores, a automatização.

Um responsável, ao resumir-nos as grandes directrizes actuais, dizia-nos: «Lá fora, diplomacia alargada. Cá dentro, pressão sobre a produção e a técnica». Os dois aspectos, interno e externo, caminham juntos.

A grande abertura diplomática de 1971 para com os Estados Unidos, as Nações Unidas, e o mundo em geral, parece conduzir necessariamente ao dever de acompanhar uma abertura em muitos outros sectores. «Que o estrangeiro sirva o nacional». Eis que este estribilho, entendido no domínio cultural, é agora tomado relativamente ao sector económico, como uma autorização para se ir procurar, comprar, imitar e melhorar as técnicas do Ocidente e do vizinho Japão.

Deve-se acrescentar que isto não anuncia nem em política um afrouxamento do comunismo chinês, nem no domínio económico um abandono das concepções profundamente originais do desenvolvimento e do arranjo de um país destinado a ter dentro em pouco um bilião de habitantes. Uma nova era de esforço industrial e técnico não deveria afectar fundamentalmente o seu grande desígnio, que é escapar à dilatação monstruosa das grandes cidades modernas, e de conservar sobre a terra uma imensa massa de camponeses.

TRANQUILIDADE E RECONSTRUÇÃO

PEQUIM. — O culto da personalidade de Mao Tsé-Tung está em vias de desaparecer na China. E, o que é ainda mais notável, é o próprio Mao quem lhe põe fim. Ele próprio havia já anunciado isto ao seu confidente Edgar Snow, o jornalista americano, em Dezembro de 1970. Ao denunciar este culto — excessivo e importuno, dizia ele — visava Lin Piao, o seu lugar-tenente, grande instigador e propagador desta extravagante adulação? A verdade é que, após o desaparecimento de Lin Piao, o culto da personalidade diminuiu rapidamente.

Há exactamente um ano, quando da nossa anterior visita, o rosto redondo de Mao pairava por todos os lados, nas fábricas, nas salas de reunião, nas ruas, nas fachadas dos prédios, nas aldeias. Hoje, coisa ainda recentemente inconcebível, podem ver-se fotografias de retratos ou imagens do mestre que são cada vez mais raras ou mais discretas. Os emblemas vermelhos e ouro com a sua efígie, pendurados nas blusas ou camisolas, desaparecem. O famoso Pequim Livro Vermelho, que milhões de chineses folheavam ainda o ano passado, viu-o apenas por um chinês e, este, evidentemente residente no ultramar e de visita à pátria.

Está em curso uma «desmaioação»? Vai-se pôr Mao de parte? De maneira nenhuma. Ele parece ainda mais en-

Continua na pag. oito

EXCLUSIVO

CHU EN-LAI

A China na hora de Chu En-Lai

Continuação da página sete

dam no partido afinam pelo mesmo diapasão. Mao é humano, portanto, mortal, portanto, substituível, eis o aviso que dão hoje em dia, sem o nomear, mas com alusões transparentes. A História não é feita pelos heróis, explica o jornal *A Bandeira Vermelha*, são os heróis que são feitos pela História, isto é, pelas massas. E as massas produzem sempre, quando disso tiverem necessidade, novos heróis. Eis os chineses prevenidos: o tempo «depois de Mao» aproxima-se, e é também por isso que é preciso esfumar a sua imagem; será mais fácil, assim, encontrar-lhe um sucessor.

UM RISO DOBRADO

Mas o sucessor possível não está já presente? A evidência é gritante: o grande vencedor, após cinco anos de lutas internas, aliás, também ele modesto, é Chu En-Lai, não apenas sobrevivente da revolução cultural, mas agora vencedor no caso Lin Piao. Bem melhor, o último êxito que se leva a seu crédito em Pequim, não é aquele que conseguiu sobre Lin Piao: há ainda um outro bem mais recente, que é o de ter conseguido fazer sair o país, sem acidente do «depois de Lin Piao», procurando tratar «com docura» uma situação que era explosiva no interior e talvez mesmo no exterior.

No interior, o risco era dobrado: uma rebelião possível de uma parte dos chefes militares e uma subida eventual da agitação das massas populares. Chu En-Lai soube manter na ignorância e na indiferença uma população trazida novamente à calma, a partir de 1969, e pouco desajustada de se excitar de novo. E, no círculo reduzido em que isclou o assunto, soube empregar, com uma habilidade magistral, o velho remédio chinês: deixar agir o tempo e saber negociar.

Não é ele, afinal, o negociador incomparável que, em 1967, durante a revolução cultural, soube salvar-se a si próprio de um perigo mortal, pela arte de discutir e de seduzir, quando foi perseguido, em Pequim, por milhares de extremistas e de guardas-vermelhos.

Mas era, também, no exterior que o assunto Lin Piao podia ser explosivo e foi, pelo contrário, despoletado. Podia ter agravado ainda a situação com a União Soviética, se Pequim tivesse querido denunciar uma intromissão de Moscovo na política chinesa ou uma cumplicidade na rebelião de Lin Piao. É justo dizer-se que a prudência veio igualmente de Moscovo, aonde teria havido uma bela oportunidade de proclamar que tinham partidários até mesmo ao mais alto nível da hierarquia chinesa. O mutismo dos so-

viéticos, ocultando durante muito tempo a presença de Lin Piao no avião abatido na Mongólia, mostra, pensa-se, a determinação de não provocar Pequim.

Como quer que seja, após a longa crise, mesmo que se apresentem muitos problemas difíceis, mesmo que se considerem tendências diferentes, já não há luta pelo poder. Segundo os «pequínólogos»... de Pequim, isto é, especialistas estrangeiros ali radicados, a posição interna de Chu En-Lai é sólida. E, em política externa, as escolhas estão feitas, e foram ditadas pelo próprio presidente Mao: o país está lançado sobre novos caminhos e Chu En-Lai está senhor do jogo.

Na dialéctica chinesa, em que a intransigência ideológica se combina com as habilidades da tática, ele representa todo o lado prático e é este lado que vem em primei-

ro lugar. É uma era de construção que recomeça. Voltou-se às esperanças do dia seguinte à guerra da Coreia, quando Chu En-Lai negociava em Genebra, de Bandung e da época em que a China se entusiasmava com o Plano, os números de produção, com o grande esforço económico que recuperaria finalmente o atraso relativamente às grandes potências.

UMA GRANDE REVIRAVOLTA

Não estamos numa grande reviravolta da revolução chinesa? De todos os ecos que se podem recolher em Pequim sobre os debates em curso, propósitos de interlocutores mais inclinados do que outrora a falar, uma conclusão parece poder tirar-se: é que, na prática, toda uma reorganização e reorientação da política chinesa já está em curso.

Reorientação bem conhecida, primeiramente, da política externa, e é ela que tem a prioridade, facto capital. A China já não quer atacar de fora do círculo das nações, quer entrar no seu seio para o transformar por dentro. Ao serviço de uma política comunista, Chu En-Lai pretende introduzir uma diplomacia do tipo clássico, uma diplomacia em todos os azimutes. «Nós não queremos mais muralhas do tempo do Tsín», dizia-nos um responsável comunista. «A nossa diplomacia deve desenvolver-se o mais amplamente possível, fazer amigos por toda a parte, primeiramente junto dos povos e, depois, junto dos governos se for possível».

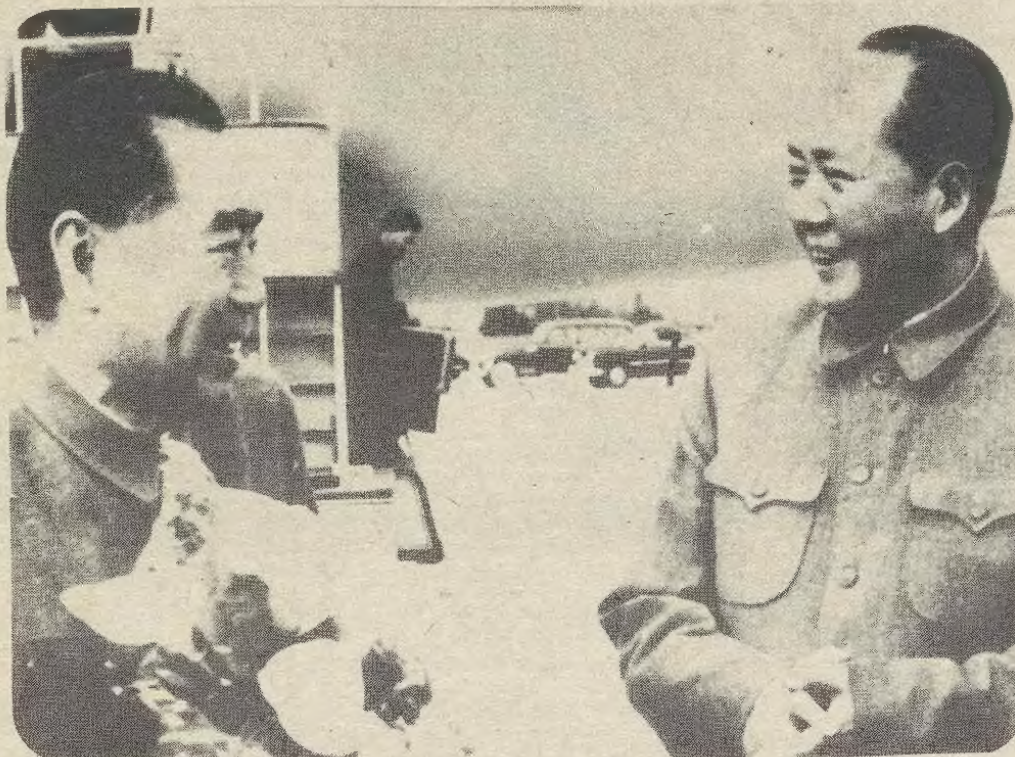
Mas a reorientação exterior vai a par com uma reorientação interior, pois estão ligadas. Normalização, a senha é a mesma. «Temos acentuado demasiadamente a política»,

explica a mesma personagem. «Tudo o que é excessivo deve cair. É preciso voltar à prática, e o acento será posto, então, sobre a acção eficaz, sobre a produção, a ciência, a tecnologia».

Não se renega de forma alguma a revolução cultural, que modificou todo o estilo do regime. Ela era indispensável, diz-se, para esclarecer o país inteiro sobre o perigo do revisionismo, endireitar o curso político e retemperar na revolução toda a nova geração. Quer-se apenas eliminar os excessos deste período. Quer-se, sobretudo, que a ordem estabelecida permita à China trabalhar agora por forma a satisfazer um apetite de desenvolvimento, de progresso técnico, de modernização, que foi inevitavelmente reprimido ou refreado durante a época da politização intensiva.

Na economia, a hcrá não é, também, de abertura? «Que o estrangeiro sirva o nacional», repete-se. Traduzindo: para servir a economia chinesa, já não será preciso hesitar em utilizar, quando isso for necessário, as técnicas obtidas fora do país, na Europa, no Japão, na própria América. Também na economia é preciso entrar mais no jogo internacional, se se quiser que a China se eleve a um nível superior de desenvolvimento, com a ambição de se mostrar uma grande potência e de se opor, ao mesmo tempo, à hegemonia das «superpotências».

Quanto tempo terá Chu En-Lai para levar a bom termo esta nova empresa? É a pergunta silenciosa que se põe a Pequim, mas com a convicção de que ele está, pelo menos, em posição de a colocar sobre os carris. Vimo-lo de aspecto vigoroso, com o seu andar de pantera vigilante, de raça, de rosto amarelo. Parece suportar sem fadiga, aos setenta e três anos, e desde há vinte e dois anos, sobre os seus ombros direitos, o governo de um país de oitocentos milhões de homens.



Chu En-Lai e Mao Tse-Tung.

HASSAN II REVELA AOS JORNALISTAS

Os últimos momentos de Oufkir

RABAT (R e FP) — Da conferência de Imprensa dada ao princípio da noite de segunda-feira pelo rei Hassan II, no grande salão de recepções do palácio de Rabat, perante cerca de duzentos jornalistas de várias nacionalidades, transcrevemos:

Devo dizer-vos, comecei por declarar o rei, que li uma série de artigos de um certo número de jornais que estão aqui representados, e a sua presença nesta sala parece-me um paradoxo, porque a leitura das suas páginas tem-se a impressão de que detêm a ciência, de que sabem tudo, de que previram tudo, esperam tudo, deduziram tudo, não restando dúvidas que é por desportivismo, que eu faço esta conferência de Imprensa.

Marrocos vive assim há milénios, dizem os especialistas da África do Norte, nomeadamente aqueles que se inspiram nos correspondentes e especialistas de Imprensa do tempo do marechal Juin. Eu gostaria de lhes pe-

dir para se absterem de fazer qualquer pergunta porque são «grandes especialistas», são os «Openheimer» dos assuntos marroquinos. Infelizmente eles enganam-se permanentemente.

Uma das questões mais focadas foi a que disse respeito à hora exacta da morte de Oufkir. Referindo-se-lhe, o monarca afirmou:

— Oufkir foi convocado directamente por mim. Eram onze horas da noite. Esperava a todo o momento que ele chegasse a Skhirat. Por duas vezes o ministro do Interior lhe havia dito: «Vem falar com o patrão». E por duas vezes ele respondera: «Esperem».

Assim que chegou perguntou-me: «O que é que sua Magestade sabe?» Respon-di-lhe que nada. Repetiu a pergunta e, perante o meu mutismo, acrescentou: «Bom, compreendo, sei o que resta fazer».

Tirou o revólver. As pessoas presentes tentaram inútilmente interferir. Disparou várias vezes. Era tal o

seu nervosismo que algumas balas foram cravar-se no tecto e nas paredes. Ainda podem ver-se as suas trajetórias. Não acertou sequer num dos presentes que tentava impedi-lo de se suicidar. A última bala, porém, foi-lhe fatal.

Em qualquer caso, quer ele se suicidasse ou não, sabia que os seus dois cúmplices não hesitavam em dizer a verdade».

A uma pergunta relativa à chegada de Oufkir ao palácio de Skhirat, o soberano «esclareceu» ainda:

— O general Oufkir foi convocado às onze. A meia-noite menos um quarto ainda não tinha chegado. Telefonei por duas vezes para o Estado Maior. Já lá não se encontrava. Quando entrou demorou alguns instantes a falar com o meu irmão, com o general Moulay Hafid e com o coronel Dlimi.

Entrou pela porta principal do palácio. Encontrou-se com toda a minha família, cumprimentou até a minha mãe. A seguir dirigiu-se para

os aposentos dos meus filhos. De cada vez que Moulay Hafid lhe dizia: «Vou procurar

Sua Magestade» ele interrompia: «não, não, fique comigo, deixa Sua Magestade

descansar pois deve estar muito fatigado» e fumava cigarro sobre cigarro.



O rei Hassan de Marrocos ao lado do presidente Boumdienne, na reunião da OUA. (Telefoto UPI/Teleimprensa/DL)